

ALINE LEMOS DA CUNHA

NARRATIVAS ENTRELAÇADAS:

**conversando sobre leituras e lembranças de escola com mulheres que se
“encontram” em um Salão de Beleza de Cultura Afro.**

Pelotas, agosto 2005.

ALINE LEMOS DA CUNHA

NARRATIVAS ENTRELAÇADAS:

**conversando sobre leituras e lembranças de escola com mulheres que se
“encontram” em um Salão de Beleza de Cultura Afro.**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação da Faculdade de
Educação da UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi

Pelotas, agosto 2005.

Em destaque este termo, pois a ele, neste trabalho, podem ser atribuídos vários sentidos.

Encontrar o salão de beleza da Flávia, depois de uma grande procura por algo que viesse a dar “soluções” para o meu cabelo crespo.

Encontrar-me com minha afro-brasilidade, reconhecendo-me como mulher afro-brasileira e refletindo sobre estas questões.

Encontrar as mulheres a cada sábado de ida ao salão e conversar com elas.

Encontrar um ambiente para desenvolver minha pesquisa com mulheres que se tornaram parceiras.

Num desses dias, em que procurava gravuras com meus alunos para uma atividade que fazíamos na sala de aula, encontrei esta trança. Descobri que era parte da propaganda de uma tintura creme, chamada “Realce Tom”. Esta nunca usei, mas a trança, achei interessantíssima.



Como é difícil encontrar bonecas negras! Em minha infância, lembro de ter apenas uma, de pano, batizada pela minha avó materna como Margareth.

Tentei representar, através das bonecas negras, um pouco do salão da Flávia, lugar onde conversei com mulheres e comigo mesma, para a elaboração desta pesquisa.

Todas com cabelos lisos? Perguntaria alguém, já que aqui, falo com mulheres afro-brasileiras. Porém, para retratar o salão da Flávia, sou levada a fazer referência a chapinha baiana, grande “Diva” do alisamento. Segundo a Flávia, e sei disto, a chapinha baiana é o “carro-chefe” do seu salão. Uma prática antiga que, mesmo com os avanços da indústria da beleza, continua em voga.



Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi - UFPEL

Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer - UFRGS

Prof^a. Dr^a. Edla Eggert – UNISINOS

Prof. Dr. Jussemar Weiss Gonçalves - FURG

Prof^a. Dr^a Lúcia Maria Vaz Peres - UFPEL

Prof. Dr. Armando Manuel Cruz - UFPEL

Dedicatória:

Poderia dedicar meu trabalho a várias pessoas, as quais, me acompanharam nesta jornada.

Primeiramente, à minha mãe, a qual, através de suas “profecias” vislumbrou minha história.

À minha avó, que, com sua serenidade, militava a favor do silêncio para que eu pudesse estudar.

Ao meu pai, a quem devo minha afro-brasilidade. Hoje percebo, que antes do Movimento Negro, era ele quem lutava para que eu assumisse minha “negritude”. O único, o qual lembro dizer: “Deixa o cabelo solto.”

Ao Eduardo, pela compreensão da minha ausência e pela maravilhosa família que tem, a qual, sempre acreditou e ouviu minhas utopias.

Ao meu orientador, Professor Gomercindo, por sua beleza “estética e ética”. Orientador e amigo. Agradeço pelos momentos de reflexão e autoridade (a serviço da liberdade).

À Flávia, Michele e Márcia, parceiras na construção do trabalho. Mulheres com as quais conversei e ainda posso conversar.

Será que esqueci de alguém?

Agradecimentos:

Eva
Maria
Flávia
Michele
Jhenifer
Rosângela
Márcia
Patrícia
Roberta
Elaine
Raquel
Tânia
Magda
Dejanira
Vanessa
Tatiane
Jorgina
Lúcia
Edla
Edith
Alice
Larissa
Renata
Vera
Rosa
Gisele
Sônia
Denira
Juraci
Verinha
Tereza
Dandara
Nilda
Jacira
Caren
Ernestina
Rossane
Cleusa

Resolvi reeditar este agradecimento a “Mulheres-luas” que ajudaram a construir este trabalho; que já passaram ou passam pela minha vida, ou ainda, se porventura alguma não conheço, elas devem estar construindo a sua história por aí. Ao contrário da “lua” original, elas têm luz própria. Obrigada a todas!!!

Agradecimento especial

Às meninas do GOG (Grupo de Orientandas do Gomer): **Alice e Nilda**, pelo grande incentivo e amizade. Percebo que sempre acreditaram na viabilidade do meu trabalho. Nossas discussões em aula e no grupo de orientação foram muito interessantes, embora, nossos afazeres diários nos ocupassem bastante. Quero muito que nossa amizade continue!! Beijos da Docinho!

À **Raquel**, amiga e militante no movimento, a qual conheci em meio à Dança Afro, depois, minha parceira na escola e hoje, minha amiga e colega de Mestrado. Valeram muito, as nossas conversas. Ilê!

Aos companheiros da Linha 2 – Filosofia, Educação e Sociedade: **Raul, Paulo e Ana**. Porque ainda cultivam sonhos possíveis e acreditam na humanização.

Às amigas de verdade: **Roberta e Elaine**. Por tudo que são e me proporcionam ser, através dos seus “afetos”.

Às colegas da E.E.E.F. Agnella do Nascimento, que conviveram com minha correria e mesmo assim, continuaram grandes parceiras e, às colegas que fazem parte da equipe diretiva pela compreensão e apoio. Também, agradecer à **Denira Maia**, artesã, mãe do Renan, que me presenteou com as belíssimas bonecas que decoram este trabalho.

Às colegas da E.M.E.F. Cidade do Rio Grande: companheiras no trabalho e na luta. Também, em especial, às colegas da equipe diretiva.

Aos professores que aceitaram o convite para estar na banca, desde a qualificação: Professores: Nilton Fischer, Armando Cruz e Jussemar Weiss.

À professora Lúcia Peres, que além de estar comigo desde o momento da qualificação do projeto, permitiu que eu desse algumas “espiadas” em seu grupo de orientação. Valeu!

À professora Edla Eggert, que aceitou o convite para estar no momento da defesa. Obrigada pelas reflexões possíveis. Muito obrigada!

Espero não ter esquecido de ninguém... (Que chato que é isso. Perdoem-me.)

Resumo

Este trabalho traz reflexões tecidas em uma pesquisa realizada no Curso de Mestrado em Educação da UFPel, a qual, desenvolvida em um Salão de Beleza de Cultura Afro, na cidade do Rio Grande, teve como foco perceber, nas narrativas de três mulheres, leituras e lembranças do seu processo de escolarização, interrompido por motivos diversos.

Nas narrativas demonstram motivos que influenciaram essa saída da escola e dentre eles destacam a necessidade de sustento, implícita ou explicitamente. Cada mulher, fala sobre suas aprendizagens diárias, realizadas em experiências não-formais. Na complexa vivência com os cabelos, deixam visível o reconhecimento de uma sociedade que institui padrões.

Anunciam seus sonhos, os quais, mesmo que nem sempre sejam construídos pela via do conhecimento formal, retratam a escola como um lugar almejado e significativo, contraditoriamente à sua experiência cotidiana.

Trago reflexões possíveis, sobre a não-neutralidade inerente à pesquisa em educação, apontando caminhos metodológicos para concebê-la, relatando minha experiência e reflexão com as mulheres.

Apresento narrativas entrelaçadas e “transcriadas”, de mulheres afro-brasileiras que trilharam seus caminhos pela via do conhecimento não-formal, relatando lembranças e leituras de escola que se encontram amalgamadas. Diferente da pesquisadora, que, no momento da pesquisa, tem o processo de escolarização como ponte para a objetivação de seus sonhos e desejos, estas mulheres tiveram a escola como uma passagem.

Histórias que se bifurcam em determinado momento, mas que, pela proximidade com raízes afro-brasileiras se entrelaçam, e isto pela simples convivência com o cabelo crespo. Fundamental para compreender as razões destas leituras é perceber que as vivências cotidianas são geradoras de conhecimento e possibilidades de análise. A referida pesquisa, procura, através dos pilares da pesquisa participante, dialogar com mulheres e, sem intenções messiânicas, dar voz a quem tem sua visibilidade restrita à coletividade que construiu.

Palavras-chave: Educação Popular, Gênero, Estudos étnicos.

Abstract

This work presents reflections about a research realized in the Education Master Degree at UFPel, which has developed in Afro Culture beauty salon, located in Rio Grande. It had a focus on perceiving, by the narrative of three women, readings and memories from their school ages, interrupted by several reasons.

The narratives show reasons that have influenced the process of leave school. For example we point the necessity of sustenance, implicitly or explicitly. Each woman talked about her daily-learning process through non-formal experiences. Then, with the complex dealings with hair, they recognize a society that imposes standards.

The announce their dreams even that these dreams were not built by a formal knowledge, the show the school as a significant and dreamed place to be, differently from the women everyday experiences.

I show possible reflections about the non-neutral inherent in the research about Education. It points methodological ways to conceive the Education, through the report of my experience and reflection with these women.

I also present combined and trans-created narratives from Afro-Brazilian women that walked by a way of non-formal knowledge. The report memories and readings which are collected in mind. Differently from the researcher, because at the research moment I was collecting information, I consider the school process as a bridge to the objective established by my dreams and desires, these women had the experience of school just a passage.

There are stories which are forked in a specific moment, but by the nearness with the Afro-Brazilian Culture, they get together, and it happens because the connection with the curly hair. To understand the reasons of these readings it is fundamental to perceive that this kind of everyday life is generating knowledge and possibilities of analysis. So, this research tries to establish a dialogue with women without other intention and it also tries to extend the restricted sight that these women built.

Key-words: Popular Education, Gender, Ethnic studies.

Sumário

1. Histórias guardadas em “baús”: sobre origens e cabelos	12
2. Escolhendo o “corte” e a “cor da tintura”: caminhos metodológicos e preferências para o diálogo	21
3. Elas levam a vida nos cabelos: mulheres que constroem diálogos possíveis.....	36
3.1. “Eu tinha lá os meus 8 anos de idade e eu já comecei a ver a vida diferente”: quem a Flávia está sendo?	38
3.2. “Aprendi, mesmo não estando na escola”: Michele, a contadora de histórias	41
3.3. “O meu dilema, nunca foi a cor... O grande dilema da minha vida era o cabelo duro”: o que se aprende com as vivências capilares, segundo a Márcia	43
4. <i>Lembruras e leitranças</i> da escola-passarela: conversas com Flávia, Michele e Márcia	46
4.1. Conversando com a Flávia	47
4.2. ... com a Michele	56
4.3. ... com a Márcia	65
5. Salão de beleza da Flávia: o lugar dos achados	75
6. Articulações femininas: cortes e recortes	79
6.1. Reflito sobre praças e passarelas e suas proximidades com lavatórios e chapinhas: a escolarização de mulheres afro-brasileiras ..	92

6.2. “Às margens” das lagoas lavando suas roupas (e “hidratando” suas almas): uma coletividade feminina afro-brasileira e os encontros na Praça Tamandaré	96
6.3. Entre tranças e tramas: a organização dos salões de beleza no século XX	103
6.4. Sobre os cabelos	108
7. A Trindade ou a Tríade: o inédito, o viável e a indignação - diálogos transponíveis entre Freire e Bourdieu no salão de beleza de Cultura Afro ...	111
7.1. Adeus escola: guarde consigo lembranças que deixei... Levo comigo as marcas que ficaram	118
8. O dia em que Marx e Freire se encontraram no salão de beleza de Cultura Afro	122
8.1. A “coisificação” das pessoas e das práticas	124
8.2. Posso fazer um pacote?	126
9. “Mulheres-luas”: conversas com algumas mulheres sobre a vida, no salão de beleza	131
10. A conversa termina... mas só até o próximo encontro	139
Referências Bibliográficas	142
Apêndice	147
Anexos	149

1. Histórias guardadas em “baús”: sobre origens e cabelos.

Era uma vez, uma pequena casa de madeira, coberta com zinco e pintada de azul. Ficava nos fundos de um terreno protegido com uma cerca, de onde surgia uma grande roseira, na qual floresciam belas e perfumadas rosas brancas. Ela ficava em uma rua pouco movimentada da cidade do Rio Grande e isso era bom, pois, afinal, as crianças podiam brincar. Por dentro, a casa possuía dois cômodos, separados por uma fina parede de eucatex. Lá fora, havia o banheiro e um pequeno galpão onde eram guardadas ferramentas, além de um fiel companheiro, Dick, o cão da família. Na casa, viviam a vó Ernestina, o vô Otacílio, a mãe, Maria José e uma filha e neta, eu.

Por esse ambiente, cheio de adultos, fui estimulada desde cedo (mais ou menos 4 anos) à leitura, não propriamente pela cultura leitora da casa. Para minha mãe, era a melhor forma de me tornar uma criança interessada pelos estudos, mas por certo, sua intenção primeira era deixar-me quieta, pois geralmente eu era uma criança muito “serelepe”. Sendo assim, aos 4 anos de idade ganhei uma cartilha de presente. Com ela, religiosamente, à tardinha, minha mãe direcionava os estudos. Em pouco tempo, eu já lia e escrevia os textos da cartilha, e outros, e também realizava alguns cálculos.

Nessa tentativa, minha mãe buscava inserir-me o mais rápido possível no mundo escolar, pois acreditava que esse era o caminho para melhorar as condições de vida. Pode ser que minha mãe percebesse, sem revelar, diversos “marcadores sociais” (BRITZMAN, 1996 apud LOURO, 2004): eu era menina, de classe popular, vivendo com um salário mínimo, e mestiça. A escolarização poderia ser uma via eficaz para a superação desses condicionamentos. Uma tentativa, com perspectiva de futuro melhor. Mesmo sabendo que esses “marcadores” e/ou categorias não são justapostos, ou seja, “não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’,

porque a opressão de cada um está inscrita no interior da outra – é constituída pela outra e constituinte da outra” (BRAH, 1992, p.137 apud LOURO, 2004), mesmo assim, penso que, para minha mãe, o ser mulher adquiria maior peso. Ela sempre dizia que não queria me ver como ela, dependendo de alguém, no caso específico, de um marido. Sempre ressaltava que eu era capaz, que eu era inteligente, que deveria estudar e ter meu próprio dinheiro. Que eu deveria pensar em ter as minhas coisas e lutar para conquistá-las. Altruísta, ela dedicava horas e horas de nossas conversas para reforçar essa idéia (e deu certo). Notei, em meus mergulhos na pesquisa, que tais conversas também aconteciam em diferentes épocas e espaços, em outras casas, com outras mães e filhas.¹

Quando, nós duas, fomos procurar uma pré-escola, visitamos uma, onde havia várias crianças de minha idade desenhando no quadro. Eu, esperando o momento da entrevista, contemplava seus desenhos e ficava pensando como elas eram “bobinhas” e esperava ansiosamente para escrever e expor àquele público (professora e crianças) os meus conhecimentos de leitura, escrita e cálculo. Quando fui ao quadro, apaguei os desenhos das crianças e lembro de algumas frases que escrevi: Meu pai é bonito. Eu moro na Teixeira Júnior. E a data do meu escrito. Minha mãe achava isso bárbaro.

A professora que estava fazendo a minha ficha de inscrição parou repentinamente e perguntou à minha mãe se eu sabia o que estava escrito e ela orgulhosamente disse: “Claro que sabe”. Ao ler as frases para a professora esta se

¹ Mesmo sem esperar, o texto chama a que eu apresente, de imediato, alguns trechos de conversas que me aproximaram de mulheres que, como eu, tiveram uma figura materna marcante. Numa destas falas, Márcia, cliente do Salão de Beleza no qual desenvolvi esta pesquisa, certa vez, quando conversávamos sobre a opção do casamento e as imposições sobre o feminino, revelou-me: *“Eu vejo o sacrifício que a minha mãe tinha e muito cedo ela começou a dizer para mim: ‘Minha filha, vai trabalhar, vai fazer o concurso, vai estudar um pouco mais para tu fiques numa situação melhor, para não passar o que a mãe passou’.”* (1º semestre, 2005) Quando questionada sobre o incentivo dado por sua mãe para que tivesse uma vida diferente, Márcia falou: *“Minha mãe sempre me incentivou.”* Ainda sobre o assunto, Márcia relata uma fala de sua mãe que, para ela, era muito significativa: *“Eu não tive um bom pai, mas eu tive um bom marido. Só que eu nunca quis, eu nunca dependi do meu marido. Se eu quero comprar um presente para o teu pai, eu vou à loja e compro um presente para o teu pai. Eu não preciso pedir dinheiro pra ele, pra comprar um presente pra ele.”* Michele, auxiliar no mesmo Salão de Beleza, conta alguns fatos interessantes sobre este tema: *“... minha mãe sempre quis que eu terminasse o primeiro grau. Quando eu ganhei ela [sua filha], eu tive aqueles tempos em casa, depois a mãe disse: ‘Não, tu vais estudar porque eu vou cuidar dela pra ti...’ Ela ficou triste de uma maneira, de eu ter engravidado da minha filha. Por causa que ela tinha outros planos. Então, ela sempre investiu no estudo. A minha mãe, enquanto ela tinha filhos, tudo, ela nunca disse, em nenhum momento: ‘Quero que tu trabalhes’. Nunca. Mesmo a gente necessitando.”* Parecem, estes relatos tão próximos, formadores de identidades e percepções de escola, mundo e mulher. Um legado que é passado de mãe para filha em simples falas cotidianas carregadas de sentido. Um universo a conhecer...

espantou e disse que seria um “desperdício” o meu ingresso na pré-escola, recomendando que eu fosse para uma escola particular onde aceitariam, na primeira série, uma criança de 5 anos de idade.

Ao chegar na escola, fiquei espantada com o seu tamanho, uma escola que ocupava um quarteirão inteiro. Além disso, sua estrutura era de cimento penteado, portanto, escura e sombria. Ao entrar na escola, fui com minha mãe à secretaria, onde a avisaram que eu seria matriculada em uma Turma Especial, onde fariam uma triagem para ver se eu seria realmente capaz de freqüentar a primeira série. Um mês após ter ingressado na classe especial, a professora entendeu que não era mais conveniente me manter na turma, já que eu passava a maior parte do tempo conversando com os colegas, lendo coisas que houvesse na sala e reclamando dos “trabalhinhos” de pontilhado e pintura (só o que fazíamos!). Isso, ao final da Ditadura Militar.

O que amenizava a “tortura” era uma grande amiga, a Raquel. Quando saí da classe, ela chorava compulsivamente pela minha saída. A Raquel era uma menina negra que usava duas trancinhas feitas por sua mãe. Bem magrinha, falante, boa companheira, muito alegre e risonha, talvez tenha se identificado comigo, pelo fato de sermos as duas meninas negras da turma. Mas isso, eu não percebia: para mim, negra era só ela. Tentando consolá-la quando parti, para a grande distância da turma do outro lado do corredor, eu disse que no recreio poderíamos brincar. Mas pouco adiantou. Com o passar do tempo, fomos superando a dor.

Quando fui para a outra turma, os problemas continuaram, pois, afinal, mais ou menos pelo mês de maio, as crianças ainda estavam aprendendo algumas “famílias silábicas” e eu já sabia ler muito bem. Sendo assim, continuei “atrapalhando” o andamento da classe, pois ainda conversava muito e terminava as tarefas antes das outras crianças.

Eu, por ser uma criança alta, tinha que sentar mais ao fundo da sala e nesta posição sentavam-se, em maior número, os meninos, também tidos como “bagunceiros”. Ao contrário da grande amizade que tinha com a Raquel, na nova turma conquistei a antipatia de uma colega: a Renata, ou “Nega Renata” como eu a ofendia nos momentos de raiva².

² Mesmo que eu fosse também uma menina negra e ganhasse alguns apelidos das colegas, usava esse adjetivo para ofendê-la.

Um dia, na sala de aula, ela começou a chorar, dizendo que eu tinha dito “um palavrão” sobre sua mãe. Eu sabia que não tinha falado nada, mas, como eu era a “bagunceira” da turma, a professora acreditou nela e não em mim. Conclusão: fiquei com R no boletim, no item “relação com os colegas”. Outra coleguinha, a Vanessa, sempre tinha um adjetivo desagradável para mim. Exemplo disso, os títulos que ela me dava, como: *baú preto*³, boneca de piche⁴ etc. Eram conflitos duplos: eu com as colegas negras e as colegas brancas comigo. Talvez esses títulos, tivessem suscitado em mim um questionamento: “Ué, será que eu também sou uma menina negra?”

Minha mãe, num determinado momento, mesmo recebendo as críticas e queixas constantes de minha professora, passou a desconsiderar as “acusações” porque, afinal, seu objetivo havia sido conquistado: eu tinha boas notas. Aliás, era uma obrigação passar de ano, já que, ao contrário, eu perderia a bolsa de estudos.

Nessa época, em que ingressei na escola, haviam bolsas cedidas por empresas privadas, aos alunos. Ao me matricular, minha mãe, após expor nossa renda, foi contemplada com uma das bolsas, sob a regra de que eu sempre mantivesse boas notas e passasse de ano. Dupla responsabilidade, com minha mãe, por todo o incentivo e investimento, e com a bolsa de estudos, que poderia ser perdida. Quando pequena, eu não tinha consciência disso, mas, por certo, minha mãe o tinha e fazia todas as cobranças necessárias. Meu avô sustentava a casa com um salário mínimo e alguma renda por fora, por alguns biscates que fazia cuidando mesas de jogo. Minha mãe e minha avó, também faziam alguns biscates lavando roupas e fazendo algumas limpezas. Figura pouco lembrada até agora, mas presente nessa história, mesmo que em sombras, era meu pai. Militar, identificado como pardo, que sempre incentivou a que eu assumisse minha negritude.

Em casa, eu era uma criança bem ativa, alegre, curiosa... Adorava brincar de cantora. Na minha casa havia um espaço bem propício para a brincadeira: em cima da fossa sanitária, pois a estrutura simulava um mini-palco. Meu sonho era ter cabelos compridos, portanto uma “franja” era feita com um bandô de cortina. Minha mãe sempre dizia que meu cabelo não poderia ficar grande, pois era muito crespo e eu não iria cuidar bem e daí ele ia ficar “feio”. Os sapatos de salto de minha mãe,

³ O que deu origem ao título deste capítulo.

⁴ Descobri que este era o nome de um concurso de beleza das décadas de meados da década de 40.

especialmente uns tamancos vermelhos de salto anabela, também eram utilizados na indumentária do show.

Nessas minhas buscas na pesquisa, idas e vindas, encontrei mulheres que compartilhavam de histórias semelhantes e, é oportuno dizer que surpreende a semelhança dos fatos. Ao conversar, descobri que o uso da toalha com bandô de cortina ou similar, simulando um cabelo comprido, não era um privilégio só meu. Parece ser uma brincadeira que se reproduz em diferentes contextos familiares e em distintas épocas. Ao conversar com Márcia, mulher afro-brasileira, 38 anos, que tem um companheiro e trabalha como secretária de uma Comissão de Curso na Universidade do Rio Grande, contou-me sua história e me surpreendi. Quando eu descrevi a minha brincadeira com as toalhas, ela me disse: “Eu botava uma toalha e enchia de grampos aqui em baixo, aquela toalha ficava bem assim.” Mesmo que tenhamos uma década de diferença, a brincadeira se reproduziu. Ela ainda completou:

... a gente botava músicas, naquela época, nos rádios, qualquer coisa, e saía dançando e sacudindo “o cabelo”, num salto alto que eu até te falei aqui. Eu botava um salto da minha mãe, dançava e me rebojava. A gente se sentia o máximo, ia pro espelho, cantava. Fazia coisas mirabolantes assim.

Essa brincadeira “mirabolante” e reproduzida em diversos contextos, já que em outras conversas que tive outras mulheres, relataram essa brincadeira feita por elas mesmas ou por suas filhas, deixa uma idéia de como, ao longo das décadas, vem se cristalizando uma idéia “brancocêntrica”, na qual o cabelo liso, que balança, é o cabelo “bom”. Quanto a isso, que sempre foi um dilema em minha infância, ainda gostaria de tecer mais algumas considerações.

A mídia, quando apresentava e ainda apresenta a mulher, ressalta o cabelo que chega a fazer ondas ao vento. As propagandas de *shampoos*, levam a imaginar que os cabelos apresentados são naturais e principalmente, sendo criança, a crença é bem maior. Não é demonstrada toda a preparação para apresentação do produto. Então, a imagem do “cabelo que balança” se cristaliza e se, ao contrário, o “cabelo é duro” isso é o fim. Por isso, talvez, essa brincadeira se reproduza tanto, em diferentes épocas. Eu nem conhecia a Márcia e brincávamos da mesma coisa. Havia algo que nos unia.

Além dos conflitos capilares, um outro fato, também interessante, ocorrido na minha infância é que meu pai, sendo militar, havia viajado muito e quando retornou,

um tempo depois, eu não o reconheci. Quando ele chegou em casa, eu me escondi atrás de meu avô, pois eu não me lembrava mais dele e, além disso, eu tinha muito medo de homens negros pelos “temores” que minha avó me impunha. Justamente, meu pai era negro e quando ele me chamou eu fui correndo para dentro de casa, imaginando que ele era o “negrão” que iria me levar quando eu desobedecesse.

Eu só acreditei que ele era realmente meu pai quando minha mãe me mostrou suas fotos e pelo fato de ter trazido inúmeros presentes. Essa era minha idéia de pai. Todas essas passagens estão diretamente ligadas a inquietações que hoje motivam este trabalho. Procurarei enumerá-los.

Primeiramente, eu, uma criança negra, não conseguia me ver como tal. Os adultos de minha casa sempre utilizaram a figura do negro, como forma de me amedrontar ou com desdém, por isso, não conseguia entender como é que o meu pai poderia ser negro. Certamente, como é comum em nossa sociedade, quando questionados em minha casa sobre o ser racista, todos afirmariam que não.

Pelo fato de eu ser considerada uma “menina inteligente”, sempre me diziam: “Tu és moreninha. Tu não és negra. Tua mãe é branca.” Ouvir comentários racistas na escola era muito comum. Minha melhor amiga, a Raquel, tinha dificuldade em conquistar amizades por isso. Sempre havia uma “Vanessa” para apelidar e desprezar. Por causa disto, a troca de turma foi algo muito ruim e doloroso para nós duas. Em contraponto, nos momentos de raiva, sempre que eu queria ofender alguma colega negra, eu também usava pejorativos sobre sua cor.

E minha história prosseguiu... Fiz vestibular para Medicina e Odontologia por “livre pressão” da família, porque, segundo eles, “eu era inteligente”. Fui trabalhar com 17 anos em uma Escola de Educação Infantil e me interessei pelo contexto. Em 1995, prestei vestibular para Pedagogia. Participei de um projeto de Iniciação Científica pesquisando sobre “associativismo”. Este projeto instigou-me a conhecer mais sobre os movimentos populares e as políticas públicas. A partir deste momento, dediquei-me a estudar este tema, o que serviu de base para que hoje me interessasse a estudar, a coletividade feminina. Em 2002, na UFRGS, iniciei efetivamente o estudo sobre as ações coletivas de mulheres, enfocando a questão das mulheres negras. A escola, sempre presente na vida! Se vou falar de fatos de minha história, surgirá, por certo, alguma cena escolar. Fui boa aluna, conversadeira, feliz e com vários amigos, apesar dos apelidos. Tive bons

professores e outros que gostaria de deixar dentro do baú. Aprendi que na escola se conquista coisas, mas que também há histórias que ela faz questão de não contar. Heróis que de alguma forma são esquecidos e vidas que dela são abortadas. Como grande geradora de conhecimento, a escola, almejada e sonhada, ainda tem uma longa caminhada até que possa abrigar em seu interior, todos aqueles que dela pretendem compartilhar.

Nessa jornada de anos e anos de escolarização, entendo que desde os conselhos de minha mãe, até a história do meu nome Aline com A (para ser ouvido primeiro no vestibular, segundo ela) vem sendo escrita uma história de sucessos cercada por histórias nem sempre bem sucedidas de amigos e parentes que por ela foram abandonados ou a abandonaram. O que resta então? Conformer-se com a idéia? Diria que não, é importante conhecê-la para superá-la. E se tive “sucesso” em minha vida escolar, devo saber que não faço parte de uma elite, como alguns querem defender, mas sim, de um pequeno grupo que a cada dia deve almejar ser acrescido com mais e mais integrantes.

Mas, como surgiu efetivamente este tema? Das histórias construídas na escola? Resposta rápida: hoje, estar inquieta perante o contexto escolar e as leituras de escola feitas por pessoas que, fora dela, constroem seus caminhos ao contrário de mim, está diretamente associada ao meu cabelo!

Mas como? Que loucuras são essas que pairam o universo da pesquisa em educação? Cabelos, mulheres negras, salões e histórias. Vejamos se é possível explicar.

Sempre foi uma “tortura” cuidá-lo e já ouvi de uma colega que “fomos livres na Lei Áurea, mas hoje nos fazemos escravos dos cabelos.” A mesma Márcia, que brincava como eu com toalhas na cabeça⁵, conta uma história bem mais “incômoda” do que a minha. Ela disse que sua mãe fazia um penteado só e que ele durava vários dias até que o ritual de pentear seus cabelos com ferro quente e vasilina fosse feito. Minha mãe, sem muita paciência para os rituais, preferia cortá-lo. Nem balanço, nem trança, nem nada. Portanto, essa relação “servil” existia há muitos anos, desde a minha infância: eu nunca usei “Marias-chiquinhas”, meu cabelo nunca balançou, nem com vento forte.

⁵ Nos relatos de minha infância, era comum a tentativa de substituir meu cabelo pelas toalhas ou franjas de cortina.

Conclusão: usei todas as químicas possíveis e nada conseguia solucionar. Eu sabia as listas de cor e os modos de aplicação. Gastava muito com tudo isso, mas nada parecia dar uma resposta. O que fazer? Eis a questão.

Até que um dia, percebendo que não conseguia dar conta de minha produção estética sozinha, comecei a freqüentar um salão de beleza e, numa dessas idas, a manicure falou o que eu já sabia, mas não queria ouvir novamente: “- Bah! Mas o teu cabelo é ruim que nem o meu, mas olha, conheces a ‘chapinha-fogo’?”

Ao dizer que não, ela não poupou detalhes: “- Olha, é lá na Flávia. Ela é ótima. Vai lá que tu vais gostar.”

Fui. Meio sem esperanças, afinal já tinha tentado todos os caminhos para atingir o “cabelo bom”. Ao chegar no salão da Flávia, que era no segundo andar, subi aquelas escadas como quem sobe o “Calvário” com a “cruz pesada dos cabelos ruins”. Olhei para a Flávia. Ela, muito simpática, veio falar comigo... Nem deixei ela me cumprimentar e já fui falando: “-Bom, já tentei de tudo. Nada adiantou. Tu és a minha última esperança. “

O que me disse ela?— “Xii, isso eu ouço tanto. Mas deixa eu ver o teu cabelinho.” Cabelinho? Pensei eu. Vejo, nessa pequena frase da Flávia que mais histórias se reproduziam: primeiro, as brincadeiras de criança, agora, mulheres que entram em desespero completo, por causa de seus cabelos. A chapinha baiana foi um grande achado. Com ela encontrei uma grande satisfação, pois meu cabelo balançava bastante agora e, principalmente, conquistei várias amigas. Depois, mais amadurecida, vieram as tranças, os penteados... Maravilha! Eu poderia conviver com meu cabelo crespo, trançado, cacheado ou liso, sem que esse último fosse o motivo da minha felicidade. Uma ditadura da beleza.

Sem muitos detalhes, tornei-me cliente assídua do salão. Ao estar com elas, percebi com surpresa: elas estão mais articuladas do que nunca e constroem sua felicidade por diferentes caminhos. No salão percebi, efetivamente, que existem outros lugares para aprender e pude ratificar o que eu já sabia: a gente aprende porque é gente e as gentes aprendem em comunhão. Vejo nesses caminhos, mulheres que saíram da escola e continuam aprendendo, mulheres que estão na escola e aprendem com quem não está, mulheres que saíram da escola e aprendem com quem está dentro dela. Mulheres, mulheres e mulheres que aprendem com a

vida e com seus pares. Vislumbro a possibilidade de com elas aprender e dividir minhas histórias que, hoje, já não são só minhas.

Sinto, portanto, que o que me motiva, é minha própria história, principalmente, a minha infância, mas que hoje, entrelaçada e entrecortada com histórias de mulheres que conheci e partilhei, se fundem e se distanciam, num contexto de pesquisa em educação. Vejo, então, que as “histórias guardadas nos baús” precisam ser reveladas.⁶

⁶ Hoje, por certo, eu também consigo tirar do baú o fato de ser afro-brasileira. A metáfora do baú muito me atrai já que esse era o meu apelido de infância e minha afro-brasilidade, por vários anos ficou em um baú de idéias, tão escondida ou negada.

2. Escolhendo o “corte” e a “cor da tintura”: caminhos metodológicos e preferências para o diálogo.

Sabemos que “quem conta um conto aumenta um ponto”. Porém, devemos lembrar que muitas vezes há distorções e/ou omissões causadoras de preconceitos e sexismos que estão para além do dito popular. Esse fato vem ocorrendo ao longo da história no que diz respeito ao povo afro-brasileiro, no momento em que um olhar “branco-católico-eurocêntrico” foi dado a algumas pesquisas envolvendo essa temática.

Além do que, não se faz história apenas em lugares formalmente constituídos ou a partir dos fatos que alguém ou algum grupo julgou ou julga relevantes. Nossa história, por ser nossa, não pode ser construída sem que nos integremos nela como seres em constante processo de transformação, vivenciando diferentes espaços e tempos. Um grande desafio para a pesquisa em educação é atentar para essas questões.

Por ser um trabalho que trata sob um viés de gênero da questão étnica, é importante ressaltar que ainda encontramos uma realidade desigual que determina lugares e considera diferenças étnicas e sexuais, motivos para a segregação. O racismo, por estar tão sutilmente inscrito nas relações sociais, é difícil de distinguir, dá-lhe forma e rosto, apontar onde está e de que forma age, da mesma forma as imposições sobre as mulheres nem sempre são fáceis de perceber. Talvez nossas análises, mesmo parecendo tão complexas e bem elaboradas, estejam longe de realmente apresentar considerações que retratem o que acontece. Realidades mutantes, metamorfoseadas, fazem parte da complexidade de nossa existência nos dias atuais.

Podemos apontar na mídia a presença de propagandas que remontam uma necessidade de branqueamento, de possuir cabelos esvoaçantes, ser esbelta. Na escola, a ausência de heróis e mitos negros e femininos, a falta de histórias do povo afro-brasileiro para além da escravidão. Nas igrejas, a necessidade de distinção entre bem e mal (crenças de origem afro – igreja católica – protestante, como pólos),

de subjugação da mulher, mesmo com todos os avanços. Nas relações sociais, a instituição de padrões; Todo este universo, perverso e real, pode corroborar a idéia de um Brasil que luta contra as distinções raciais e de gênero, mas que, ao mesmo tempo, ainda guarda resquícios de um processo de escravidão do qual se envergonha, mas, também, paradoxalmente, nutre alguns conceitos sobre a mulher afro-brasileira. É preciso compreender, que não é suficiente elencar a diversidade desses mecanismos que agem em prol dessas idéias homogeneizantes, mas, em um esforço contínuo, vislumbrá-las profundamente.

Uma maneira de poder compreender como se trava essa luta, é perceber o que Bourdieu (CATANI & NOGUEIRA, 1998) relata sobre o Brasil e o tratamento das questões étnicas, ou seja, um dos frutos de uma tradição européia, que ainda carregamos, que é categorizar pessoas por cores. Segundo ele,

no Brasil, a identidade racial define-se pela referência a um continuum de “cor”, isto é, pela aplicação de um princípio flexível ou impreciso que, levando em consideração traços físicos como a textura dos cabelos, a forma dos lábios e do nariz e a posição de classe (principalmente, a renda e a educação), engendram um grande número de categorias intermediárias (mais de uma centena foram repertoriadas no censo de 1980) e não implicam ostracização radical nem estigmatização sem remédio. (p.23)

Mesmo que um avanço, ao ser comparado com o modelo norte-americano⁷, essa necessidade de dividir as pessoas por cores e atribuir status ao clareamento, demonstra uma incapacidade em ver o ser humano para além de características fenotípicas. Somos bem mais que a cor da nossa pele, que, por sinal, é tratada erroneamente, pois, nem os brancos são brancos, nem os negros são negros⁸.

No sentido de expressar o movimento a que se refere, já que as realidades não são estanques, a pesquisa em educação deve estar encharcada na práxis

⁷ Este modelo define a “raça” somente a partir da ascendência e, especialmente em relação aos afro-americanos, em algumas cidades, a pessoa é considerada “negra” não pela cor da pele, mas pelo fato de ter um ou vários parentes identificados como negros, isto é, em sua árvore genealógica, existe um escravo, ou, então, em uniões mistas, escolhe o grupo ao qual chama inferior (no caso os blacks) para determinar o grupo ao qual pertencem os filhos, não reconhecendo a mestiçagem e ainda segregando espaços para whites e blacks (CATANI & NOGUEIRA, 1998)

⁸ BOURDIEU (1998) ainda faz uma breve análise sobre um assunto polêmico, necessário e atual: as *affirmative actions*, ou seja, as ações afirmativas, nas quais incluem-se as cotas para negros nas universidades. Sobre o assunto o autor relata que a Fundação Rockefeller (norte-americana), para financiar programas sobre “Raça e etnicidade” na UFRJ, bem como do Centro de Estudos Afro-asiáticos da Universidade Cândido Mendes, favorecendo intercâmbio entre pesquisadores, exige que as pesquisas obedeçam aos critérios de *affirmative action* à maneira americana. Segundo o autor, a dicotomia branco/negro, pela miscigenação, é de aplicação, no mínimo, arriscada e polêmica na sociedade brasileira, percebendo que a leitura norte-americana, não basta no Brasil.

vivenciada por quem a propõe. Sendo assim, concordo com Severino (2002) quando diz que um trabalho de pesquisa precisa ser *peçoal, autônomo, criativo e rigoroso*.

Pessoal, pelo caráter indissociável do envolvimento do pesquisador com o tema da pesquisa que realiza. É um ato político de compromisso social que denota suas idéias sobre o mundo, sobre a vida, sobre as pessoas e sobre si mesmo. Também Eggert (2003), em concordância com Severino (2002), destaca que quem pesquisa se pesquisa. Ainda ressaltando que escrevemos sobre nós mesmas (e escrevo no feminino, pois trato de nossas pesquisas enquanto mulheres, pesquisadoras com opção feminista), apesar de todas as proteções da ciência, da filosofia ou da racionalidade científica.

Autônomo, pois, mesmo que não despreze a contribuição alheia, deixa a mostra um esforço pessoal e único. Além dessa característica, é fundamental que o trabalho investigativo seja audacioso, onde possa aparecer a intuição do pesquisador, sem medos. A ousadia e o sonho tornam-se elementos fundamentais. Sendo assim, o processo criador e inovador é constante. Não é conveniente ficar limitado apenas às descobertas já feitas. Por esse caráter autônomo, não há um simples recorte das idéias de determinados autores e, sim, um diálogo com os mesmos. Uma saída ousada, do simples “encaixe” de idéias na produção.

Rigoroso, sem dar lugar a análises simplistas dos fatos. Nesse caso, torna-se muito próximo do “pensar-certo” apresentado por Freire (2002, p.37), o qual “demanda profundidade e não superficialidade na compreensão... dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados...”

Também é importante ressaltar, nessa categoria pulsante na obra de Freire (2002), que para isso é necessário que não estejamos demasiadamente certos de nossas certezas, fazendo da dúvida, do questionamento, da reflexão, companheiras de trabalho. Para pensar certo, é fundamental distanciar-se do puritanismo e sermos rigorosamente éticos, o que implica respeito aos saberes populares e problematização do que se naturalizou sendo, na realidade, socialmente constituído.

O pensar certo, segundo Freire, demanda profundidade e não superficialidade então, “pensar certo, é fazer certo”. Sendo assim exige coerência entre a teoria e a prática. Mesmo que a contradição apareça, o que é inerente a nossa condição de inacabamento, não vem carregada de falsos discursos e práticas que encobrem uma postura indiferente perante às injustiças e à necessidade de mudança. Por essa via,

pensar certo exige uma disposição ao risco e ao novo, lembrando que a rejeição a qualquer forma de discriminação e práticas preconceituosas de raça, de classe, de gênero, torna-se imprescindível.

Arraigados nessas estruturas e encharcados por leituras de mundo que se naturalizam ao longo de décadas de imposições sutis e constantes de determinada visão hegemônica, podemos, em algum momento, nos emaranharmos nessa teia. Por isso, pensar certo é um ato comunicante e reflexivo que se dá com o outro e em mim mesmo, num processo de rever as crenças e problematizar os achados. Segundo Freire (2002, p. 50),

o melhor caminho para guardar viva e desperta a minha capacidade de pensar certo, de ver com acuidade, de ouvir com respeito, por isso de forma exigente, é me deixar exposto às diferenças, é recusar posições dogmáticas, em que me admita como proprietário da verdade.

A partir dessas análises, apresento os referenciais metodológicos que conduziram a jornada de estudos a respeito do imaginário de mulheres afro-brasileiras sobre a escola, tendo como base metodológica, a pesquisa participante.

Considerando essa forma de intervenção, Oliveira & Oliveira (In. BRANDÃO, 1982, p. 25) destacam que:

uma perspectiva crítica e problematizadora das ciências sociais implica, portanto, na recusa dos mitos da neutralidade e da objetividade e obriga o pesquisador a assumir plenamente uma vontade e uma intencionalidade políticas. Ao invés de se limitar a constatar como pensam, falam ou vivem as pessoas de determinado grupo social ou de procurar prever o que seria necessário fazer com vistas a dissolver os conflitos e reforçar a coesão social, nossa postura deve ser bem outra. O que nos interessa é mergulhar na espessura do real, captar a lógica dinâmica e contraditória do discurso de cada ator social e de seu relacionamento com os outros atores, visando a despertar nos dominados o desejo da mudança e a elaborar, com eles, os meios de sua realização. Partimos da premissa de que a forma hierárquica e desigual da organização social atual, não esgota toda a realidade nem constitui o único real possível. Debaixo de todo ordenamento social aparentemente imutável, fermentam, por vezes, lenta e silenciosamente, alternativas, amadurecem rupturas.

Melucci (2001) também traz algumas considerações relevantes. Atenta para o fato de que a própria intervenção e os mecanismos utilizados pelo pesquisador, na intenção de conhecer determinado contexto, sejam observados. A não-neutralidade

do pesquisador está em foco neste sentido, pois fica visível a intenção de perceber que negociações têm estabelecido com os sujeitos participantes na pesquisa, os laços, as interações, as afinidades, os estranhamentos, enfim, o que está caracterizando o “cenário” construído para a intervenção, que de forma alguma é natural. Sob esse viés,

a pesquisa social perde,...a ilusão de ser uma forma de reflexão da ‘verdadeira’ realidade e se aproxima de sua natureza mais específica. Isto é, de ser um processo auto-reflexivo construído, socialmente, no interior dos vínculos de um ecossistema.(MELUCCI, 2001, p. 163)⁹

Sendo assim, compartilho com Freire (In. BRANDÃO, 1982, p.35) quando ressalta que a realidade é mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Segundo ele, além desses fatos é necessário estar atent@ àquilo que sobre eles pensam os que neles estão envolvidos, ou seja, falar sobre mulheres afro-brasileiras, que convivem em um salão de beleza, é, também, saber o que pensam essas mulheres sobre este espaço vivenciado e sobre si. Desta forma, vê-se que a realidade não é dada ou estanque já que as percepções são mutantes, vulneráveis ao contexto, à historicidade, às leituras de mundo, à subjetividade. E que tais, realidade e subjetividade, em uma relação dialética, produzem a realidade em sua concretude. O autor ainda complementa dizendo:

se [...] a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos... a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento anterior (o que se dá ao nível de sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento... fazendo pesquisa, educo e estou me educando... (FREIRE, In. BRANDÃO, 1982, p. 35 e 37)

Sobre a pesquisa participante, Borda (In. BRANDÃO, 1982) aponta algumas questões bastante relevantes. Segundo ele, os intelectuais, diferente de “disfarçarem-se”¹⁰ para, assim, conseguirem abrir espaços de pesquisa, devem demonstrar honestamente seu compromisso, para que seja vislumbrada a sua contribuição, sem negar de onde vem e em que lugar está. Também destaca que é

⁹ Para mim, é interessante essa abordagem do autor e o uso do termo “ecossistema”, no momento em que pretende denotar as relações diversas, mutantes e dinâmicas no interior dos coletivos.

fundamental engajar-se na busca de alternativas, sem que idéias preestabelecidas tomem o lugar da construção dos saberes.

Neste sentido, o objetivo não é uma ciência *para* o povo, mas *com* o povo. Entender que a pesquisa se faz em seu contexto. A partir desta idéia de pesquisa “com”, a volta ao grupo e a problematização dos achados é uma prática indispensável. Neste processo de idas e vindas, é fundamental a simplicidade na comunicação, lembrando que a consistência da produção, também está articulada ao compromisso de que seja acessível a tod@s, o que assumi na pesquisa que realizei.

Ao trilhar este caminho, na pesquisa participante em Educação Popular, aqueles que se engajaram por afinidade à luta, devem ser contemplados com os achados. Mas isso não se aplica apenas aos membros da academia que construíram o processo. No caso da pesquisa que proponho, vejo a necessidade de articular os meus achados aos que estão sendo construídos no Conselho Municipal em prol das Comunidades Negras que atua em Rio Grande, aos movimentos populares de Cultura Afro, ONGs, grupos independentes de resgate da Cultura Afro-Brasileira e, sem dúvida, e, principalmente às mulheres. Sendo assim, ação e reflexão, formam uma dupla indissociável. Segundo Borda (In. BRANDÃO, 1982, p. 55),

o conhecimento então se move como uma espiral contínua em que o pesquisador vai das tarefas mais simples para as mais complexas e do conhecido para o desconhecido, em contato permanente com as bases sociais.

Por pensar nesses princípios como constituintes de um processo que não se conclui ao final da pesquisa, mas que gera novas inquietações numa vontade constante de partilhar saberes, o diálogo abre caminhos para o entendimento de que a “ciência” que, enquanto pesquisadora, faço e a “ciência cotidiana” construída pelas mulheres em seus contextos, estão em lugares diferentes, mas não se sobrepõem. Assumir esta opção, ao contrário de uma perspectiva de falsa modéstia, demonstra a busca de uma postura que pretende abandonar a “tradicional arrogância do erudito” (BORDA, In. BRANDÃO, 1982, p.55). Pretende, sim, ouvir as diferentes falas e adotar o princípio amoroso de quem realmente quer aprender e descobrir.

¹⁰ Neste texto, o autor ressalta que não é “preciso que se disfarcem de camponeses ou operários de origem”, pois há espaço nas lutas populares para os intelectuais, técnicos e cientistas.

Isso proporciona um rompimento, a diminuição de um abismo que pode ser gerado entre entrevistadora e entrevistada.

O diálogo, com isso, para ser autêntico, deve prever o reconhecimento do outro e o reconhecimento de si no outro. Para haver esse diálogo é necessário o compromisso de *co-laborar*, quebrando a noção de *explorar*. Dar lugar à palavra das mulheres, já que dizer sua palavra é uma exigência existencial, e, a mim, enquanto pesquisadora, em nada se difere. Sendo assim, para que haja diálogo é necessário ad-mirar e amar, já que para dialogar é fundamental confiança e humildade. Este encontro para “ser mais” deve ser um momento ímpar de pronúncia do mundo, condição *sine qua non* do processo de humanização. Quem se coisifica, não dialoga, impõe, sobrepõe, dita e não compartilha (FREIRE, 1987).

Para dialogar, foi escolhido como lócus desta pesquisa um salão de Beleza de Cultura Afro na cidade do Rio Grande-RS, o qual é freqüentado em grande parte por mulheres afro-brasileiras. Mesmo sabendo as implicações de minha atuação nesse espaço e reconhecendo que as falas transcorrem de forma diferenciada com a minha presença que, como já referenciei, não é neutra, acredito poder compreender, através das conversas e observações, alguns aspectos dessa coletividade e da relação desta com as leituras de escola que as mulheres, neste coletivo, possuem.

Diferentemente de um paradigma de ciência que trata a realidade como pronta e acabada, entendo o caráter transitório das informações e da própria realidade. Nesse sentido,

uma perspectiva crítica e problematizadora em ciências sociais implica preceituar ao pesquisador a assumir suas intencionalidades, não limitando-se a constatar o que pensam, falam ou vivem as pessoas de determinado grupo social ou procurar prever o que é necessário visando dissolver conflitos... (GHIGGI, 2002, p.23)

Durante as conversas, conheci algumas das histórias contadas por Flávia, Michele e Márcia sobre seu processo de escolarização, querendo elencar **“quais as leituras e lembranças de escola presentes nas narrativas de mulheres afro-brasileiras que constroem saberes pela via não-formal e, assim sendo, perceber que lugar, na produção de conhecimentos, tem sido ocupado pelo salão de beleza de Cultura Afro que freqüentam?”**

Participaram desta pesquisa, a Flávia, proprietária do salão e Michele, sua auxiliar, pela presença marcante e constante desde o início da proposta. Porém, a Márcia, uma cliente que frequenta assiduamente o salão, também foi escolhida para integrar este grupo, já que, desde a proposição do trabalho, esteve disposta a participar e conversar comigo sobre as vivências capilares. Nesse momento, o que têm relevância dentro dessa proposta, são as manifestações verbais, escritas ou gestuais, que as mulheres deixam como marcas nesse coletivo, e a possibilidade de perceber marcas que são deixadas nelas após frequentarem esse espaço (o que diziam sobre o salão? Gostavam de estar ali? O que comentavam?). Através de observações e interlocuções com estas mulheres, percebi processos educativos no interior do salão, os quais descrevo neste trabalho.

A partir dessas escolhas e dos objetivos apresentados em seu decurso, esse trabalho de pesquisa empenhou-se em contribuir para a valorização desta forma de coletividade afro-brasileira, mesmo que não seja institucionalizada. Os salões de beleza de Cultura Afro para além de “pré-conceitos” usuais (espaço da fofoca, de “Patricinhas”, de mulheres fúteis que só falam de novelas, promotor de “rituais de branqueamento” etc.) é um lugar de partilha e troca de conhecimentos. Nestes espaços, as mulheres dividem suas histórias com suas companheiras, as quais discutem vários assuntos, conceitos e pré-conceitos. Dentre os vários temas discutidos, surge a *educação*. Discutindo este tema, pareciam não perceber processos educativos no interior do salão da Flávia, dando indícios na crença de que apenas na escola os saberes são produzidos.

Na discussão desta temática, que trata de gênero e etnia, o trato dos termos torna-se uma constante já que acredito na corporeificação das palavras e, também, no fato de que nossa expressão é fruto de nossas concepções. Por isso, substituí o termo “negra” por afro-brasileira. Mesmo que alguns autores defendam que o termo “mulher negra”, pelo povo afro-brasileiro, não é utilizado pejorativamente, sua origem é européia e tem a intenção de denotar relações de cor e poder. Afro-brasileir@, sob o meu ponto de vista, retrata uma história, a qual, dividida violentamente entre África e Brasil (ancestralidade e atualidade) tem sido construída por homens e mulheres por vezes, anônimos.

Outro termo a ser discutido é “escrava”, já que procurei, em determinado momento, relacionar a história da coletividade feminina não-formal, no caso do salão

de beleza, com as práticas coletivas de mulheres afro-brasileiras reunidas na lavagem de roupas na Praça Tamandaré. Campo místico e ancestral de onde vem indícios para compreender a história da mulher afro-brasileira na cidade do Rio Grande.

Rotulante, insensível e discriminatória, a palavra “escrava” adquire sentido na relação de supremacia e propriedade entre um ser humano e outro. Por isso, remeto-me às pessoas que tiveram esta condição, como trabalhadores em regime de escravidão, pois assim o eram.

Dentro da problemática dessa pesquisa, apresento outras questões, além da questão principal já elencada. Por acreditar que aquilo que estou observando, como recorte da realidade, é resultado ou está resultando de processos diversos, simbólicos, e, por isso, possuem características que se aplicam a determinados tempos e espaços, procurarei enumerá-las a seguir:

1. Quais as percepções sobre si que permeiam as narrativas das mulheres afro-brasileiras que se “encontram” no Salão da Flávia?¹¹
2. Qual o significado da aprendizagem do ofício de cabeleireira para as mulheres que trabalham no salão de beleza e desejavam outra profissão vinculada ao processo escolar?
3. O que as vivências capilares ensinam para as cabeleireiras e para quem frequenta o salão de beleza?
4. Que estratégias têm sido articuladas pelas mulheres que trabalham e frequentam o salão, para superar as imposições sociais sobre o feminino, a interrupção no processo escolar e o reconhecimento dos saberes construídos na não-formalidade?¹²

¹¹ Essa indagação vem tendo lugar nas pesquisas envolvendo o campo dos estudos sobre a afro-brasilidade e, no meu caso, também vem se constituindo como “a pergunta que não quer calar”. Afinal, conhecer as percepções construídas por essas mulheres a respeito de si mesmas, além de constituir um vasto campo de diálogo e análise, também é próprio para o entendimento da própria coletividade feminina e no caso deste estudo, da condição de pouca escolaridade. Como exemplo, de pesquisas com este olhar do perceber-se enquanto mulher afro-brasileira, posso citar as que são desenvolvidas por SILVA (1998).

¹² Mais especificamente, por tratar-se de uma pesquisa no campo educacional, para além de conhecer e refletir sobre leituras e lembranças de escola, pretendeu discutir, nesta forma de coletividade feminina afro-brasileira (salão de beleza), a construção de saberes fora da instituição escolar. Resumidamente, de forma simples, perceber “o que fazem as mulheres quando saem da escola?” Nesse sentido, pretendo também tecer uma análise reflexiva sobre o papel social dessa instituição e como alguns mecanismos de exclusão têm funcionado eficazmente.

Tendo como foco as questões supracitadas e os referenciais metodológicos adotados nesta pesquisa, procurarei referenciar de que forma esses encontros com as mulheres foram efetivados.

Por ser o salão de beleza um espaço propício para esta prática, houve a gravação das conversas, com a permissão prévia das participantes, sendo que, antecipadamente, alguns detalhes foram combinados. Pela proximidade que tenho com as cabeleireiras (foi lá que sistematizei o meu reconhecimento como afro-brasileira) as conversas transcorreram de forma agradável, mesmo com a dinâmica do trabalho no salão. Com a Márcia, além de conversar no interior do salão de beleza, encontrei-a em seu local de trabalho. Numa conversa inicial com as três, sem gravação, revelei temas que gostaria de discutir. Na verdade, a cada ida ao salão de beleza, como pesquisadora ou como cliente, o tema era explicitado. Em determinado momento, a própria Flávia, comentava a “escrita do livro” que a Aline estava realizando.

Conversei com a Flávia e a Michele sobre as questões específicas do “ser cabeleireira”, da “saída do ambiente escolar”, das “idéias sobre a escola” e das formas de resistência e superação que articulam, no ambiente do salão de beleza. Com a Márcia, conversei sobre as vivências com o cabelo crespo, motivo que a impulsiona a frequentar um salão de beleza de Cultura Afro. Mesmo que os focos se diferenciasssem, as conversas transitavam por vários campos: apesar do foco ser o processo de escolarização, surgia a infância, o trabalho; mesmo tratando da profissão de cabeleireira, surgiam as experiências capilares, pois um tema está entrelaçado ao outro.

Ao reencontrar as mulheres, conversando sobre seus depoimentos e construindo vias para a elaboração dos escritos, percebi que, como afirma Freire (In BRANDÃO, 1982, p. 36) nesta perspectiva, “pesquisar e educar se identificam em um permanente e dinâmico movimento”. Ler cada fala, longos depoimentos de mulheres que gostam de falar de si, gera um momento ímpar de análise de uma semântica própria, de uma contextualização afro-brasileira feminina, que entre si possui inúmeras semelhanças e distanciamentos e isso é o mais interessante. A diferença já dada entre mulheres brancas e não-brancas, agora é percebida em diversos contextos de mulheres que pertencem ao mesmo grupo étnico. Perceber

que as realidades, mesmo etnicamente semelhantes, não são homogêneas, abre espaço para uma busca incessante de novos conhecimentos.

Houve dois momentos de retorno sistemático às mulheres. O primeiro deles teve como objetivo conversar sobre as “falas brutas”, ou seja, com a transcrição literal das entrevistas. Riam muito por ocasião das leituras, lembrando o momento de nossa conversa e remontando suas lembranças. Por fim, levei as narrativas transcritas, as falas transformadas em texto. Este momento foi até emocionante para elas. Com o texto em mãos, as mulheres conversaram comigo sobre o que haviam declarado e tiveram a oportunidade de rever suas posições.

A Flávia solicitou que eu fizesse a leitura do texto para ela. A cada frase lida, ela tecia um comentário. A leitura levou horas... Nestes momentos, ouvindo atentamente o que estava escrito, Flávia reconsiderou algumas declarações. Essas mudanças, mesmo que provocassem um “friozinho na barriga” da pesquisadora, foram feitas como solicitado¹³. Ao meu lado, Flávia ia sugerindo termos que pudessem, segundo ela, dar um ar mais poético a narrativa. Citou uma autora que estava lendo, na qual a leitura era agradável por ser desta forma. Flávia demonstrou grande preocupação em que o texto de sua história fosse agradável aos possíveis leitores.

A Michele, com lápis na mão, sentou-se no sofá a tecer comentários e aprimorar sua fala. Como gosta de escrever e ler, não teve nenhum constrangimento ao rever suas declarações dando um tom mais suave, mesmo às denúncias, e, para melhorar a leitura, eliminou palavras que repetiu inúmeras vezes, com isso, forneceu um tom mais aprimorado ao que gostaria de dizer. Estive com ela neste momento e achei interessantíssimo poder perceber uma escrita a quatro mãos.

A Márcia, sempre alegre e falante, lia o texto às risadas. Comentava as lembranças, revendo os mínimos detalhes dos fatos. Como a Michele, ia sugerindo expressões que enriquecessem o vocabulário de sua narrativa.

Além das entrevistas, o Diário de Campo Virtual (escrito no computador), também constituiu um elemento para análise e trouxe considerações mais gerais

¹³ Uma das declarações feitas pela Flávia e que motivou algumas reflexões estava, segundo ela, equivocada. Rever a colocação, significou, a mim, a mudança de uma das categorias de análise quanto ao processo de escolarização da Flávia. Durante a conversa gravada, Flávia falou que teria desistido da escola, várias vezes, pela mudança de endereço, logo após reconsiderou e percebeu que este não era o verdadeiro motivo.

sobre os achados, contribuindo para um processo de reflexão constante da ação pesquisadora.

Além de contar as histórias das mulheres que conheci no salão, procurei os registros sobre a mulher afro-brasileira trabalhadora em regime de escravidão, na cidade do Rio Grande, para assim discutir a ancestralidade. Percebi que esses registros são muito escassos, restringindo-se apenas aos relatos contidos em jornais do século XIX¹⁴ ou em recortes de outros periódicos, selecionados por colecionadores. Atualmente, a história e a coletividade dessas mulheres, na cidade do Rio Grande, também são pouco referenciadas.

Pelo material disponível na cidade sobre o tema para a compreensão de alguns processos históricos sobre o trabalho em regime de escravidão desempenhado pelas trabalhadoras afro-brasileiras, foram sistematizadas visitas à Biblioteca Riograndense. Em seu acervo, tal biblioteca possui vários exemplares destes arquivos de colecionadores¹⁵ e dos jornais já referidos. Desses últimos, foram escolhidos dois: o Jornal Echo do Sul e o Diário do Rio Grande.

A princípio, a escolha de tais periódicos foi feita pela disponibilidade de exemplares na Biblioteca e por conterem informações extremamente relevantes sobre o trabalho em regime de escravidão na cidade. Porém, com o passar do tempo, em algumas análises preliminares, foi interessante perceber o trato de um e de outro no que tange às questões do povo escravo.

Além das visitas à Biblioteca, foram consultados os Livros de Registros de Óbitos encontrados na Santa Casa de Misericórdia de Rio Grande, por trazerem informações relativas ao cotidiano insalubre das mulheres trabalhadoras em regime de escravidão, causas das mortes, mortalidade infantil etc. No Bispado da Cidade, foram encontrados livros de Registros de Óbitos e Batizados os quais, também, colaboram para o detalhamento de fatos do cotidiano da realidade escravagista no século XIX.

Por tratar-se de um trabalho de pesquisa que tem como foco mulheres afro-brasileiras que se articulam, ensinam e aprendem em um ambiente não-formal,

¹⁴ Até o momento da escrita deste texto, nenhuma outra forma de registro, dessa realidade específica, foi encontrado.

¹⁵ Os arquivos de colecionadores foram bastante utilizados no momento em que trazem referências fundamentais sobre espaços frequentados por escravos e escravas em Rio Grande, além de trazerem informações interessantíssimas sobre articulações abolicionistas na cidade. Esses arquivos foram fornecidos pela própria Biblioteca no momento da apresentação da pesquisa.

educando-se na convivência com as demais, fora de um ambiente de saberes sistematizados (a escola), busquei, principalmente nos periódicos e nos livros de registro de óbitos, indícios de ações coletivas de resistência ao regime escravagista, exercidas por essas mulheres, já que, na época, processos educativos, de construção e partilha de saberes são percebidos nestas práticas. Pensando no tempo para a realização deste estudo, em suas variadas dimensões e na questão da especialização do tema, foram escolhidos, como períodos para análise, os anos de 1865 e 1871, com alguns dados de outros anos.

A escolha desses anos, não foi aleatória. O ano de 1865 é marcado por várias manifestações contra a escravidão no Brasil, dentre elas, as do poeta Castro Alves. Nesse ano, o autor escreveu o poema “Mater Dolorosa”, o qual trata das questões relativas à maternidade na mulher escrava.¹⁶ Também traz consigo um significado bastante relevante, o ano de 1871, já que se tratava do ano da promulgação da “Lei do Ventre Livre”, o que, historicamente, constitui-se, da forma como foi escrita e executada, em uma crueldade para mãe e filhos.¹⁷

Nestas declarações e em alguns dos depoimentos das três entrevistas, surgiu a maternidade, tanto no que diz respeito ao *ser filha* quanto ao *ser ou tornar-se mãe*. Esta questão aparece nesse trabalho de pesquisa não como um determinante à condição feminina, mas como uma questão a ser discutida com as mulheres, exatamente na possibilidade de escolha, ou não, desse papel.

Além do referencial teórico, coletado através das fontes primárias, por certo fazem parte desse estudo, discussões teóricas que venho realizando.

Em Paulo Freire, encontro balizas para pensar escola e saberes populares, além de refletir sobre a necessidade de indignação frente aos processos segregatórios. Também, grandes referências para a possibilidade de compreender, não apenas as histórias reveladas das *gentes* que participaram das entrevistas, mas, também, elencar limites e possibilidades de aproximação entre as histórias narradas pelos sujeitos da pesquisa e pela pesquisadora que ensina e aprende neste processo.

¹⁶ A questão da maternidade é presente de forma extremamente significativa na vivência da mulher afro-brasileira trabalhadora em regime de escravidão. Há relatos de vários historiadores sobre essa temática, no que diz respeito às formas de resistência quanto ao gerar e parir um filho escravo, no direito sobre o seu próprio corpo e sua sexualidade. Isso não foi diferente no contexto de Rio Grande.

¹⁷ Em seu texto, a Lei do Ventre Livre garante mais direitos ao Senhor de Escravos do que à própria criança liberta. Muitas delas eram levadas para as “Casas de Expostos”, onde o índice de mortalidade era de 80% (DEL PRIORE, 1999).

Discuti, rapidamente, com Alberto Melucci, a explicitação de questões relativas aos “novos movimentos sociais”, dentre eles, o movimento de mulheres. O autor referencia, além das questões pertinentes a esse espaço coletivo e outros, alguns aportes metodológicos, que aqui apresento, sobre a pesquisa em educação.

Dialogo com Bourdieu e sua crítica sobre as formas de consolidação da dominação masculina ao longo da História, das justificativas para isso e, mais especificamente, sobre a *agorafobia* que, segundo ele, tem se instaurado nas mulheres ao longo dos tempos, ou seja, o relativo medo da manifestação pública. Além destas discussões, sua contribuição para pensar o ambiente escolar e a trajetória estudantil é fundamental. Dialogo com Bourdieu, ainda, sobre o papel da escola e a reprodução da estratificação social.

De certa forma, corroborando as idéias de Bourdieu, surge Rose Marie Muraro, que, em sua literatura, vem de encontro à suposta dominação natural, trazendo exemplos de comunidades que possuem uma outra lógica de análise, inclusive no Reino Animal o que por muito tempo, foi utilizado pelos antropólogos para reafirmar a ordem masculina e patriarcal. Por outro viés, também é oportuno dialogar com Guacira Louro para conhecer mais aprofundadamente a história do movimento feminista e as questões que envolvem os gêneros. Com Edla Eggert, também posso dialogar sobre essa temática, mas, principalmente, entreteço discussões sobre a pesquisa participante com viés feminista e as *narrativas transcriadas*, proposta metodológica adotada neste trabalho para a apresentação das falas das mulheres com quem dialoguei.

Mais especificamente, sobre as questões da afro-brasilidade e do ser mulher afro-brasileira, refiro-me à Petronilha Silva e Nilma Gomes, as quais, em sua prática investigativa, dentre outras questões sobre as mulheres, explicitam olhares de mulheres sobre si mesmas, sobre a coletividade a partir das manifestações da Cultura Afro e sobre as definições de etnia e raça, contribuindo para a elaboração sistemática destes conceitos. Nilma Gomes, contribui significativamente para o entendimento do espaço do Salão de Beleza de Cultura Afro.

Em consonância com essas discussões teóricas, foi fundamental investigar práticas concretas das ações coletivas de mulheres afro-brasileiras em Rio Grande no interior do salão de beleza, lugar onde manifestam leituras sobre a escola, histórias de vida, desejos e realidades, as quais descrevo ao longo deste texto, sem

a preocupação de, através de retalhos, construir uma colcha de leitura. Por isso, mesmo que as referencie pontualmente em determinado momento, os achados encontram-se diluídos em vários momentos ao longo dos capítulos como seiva que enriquece e possibilita a concretude desta produção.

Não cansei de caminhar. Esse processo constante de reflexão sobre a prática de pesquisa em educação, possibilita compreender, de forma mais aprofundada, os processos coletivos femininos e suas articulações para além da formalidade, porém, tem deixado cada vez mais visível o caráter dialógico que deve se estabelecer e o caráter curioso e ousado que a pesquisa exige. Uma relação de “ensinagem” e aprendizagem de ambos os lados: um “livro-falado” dessas mulheres.

3. Elas levam a vida nos cabelos: mulheres que constroem diálogos possíveis.

Reconheço fatos em minha história de vida que hoje, entendo significativos para escolhas e intenções da pesquisa que desenvolvi. Assim, pretendo, neste momento, através dos relatos, sem tecer juízos ou inferências de quem, por fora, com outros “óculos”, vislumbra a vivência de mulheres com quais dialoga, contar, como a mim foram contados, alguns trechos de suas histórias.

Falo de três mulheres: Flávia, Michele e Márcia (respectivamente cabeleireira, auxiliar e cliente), com as quais, conversei durante mais de 1 ano, ou seja, na fase inicial e final da pesquisa. *Flashs* de minha história de vida surgiram a cada parágrafo escrito. Semelhanças e distanciamentos que nos tornaram cúmplices de um processo que não se encerrou, porque a amizade ficou e já existia. Para a elaboração dessas histórias narradas em forma de texto, Eggert (2003) ressalta que este “deve ser agradável ao leitor e à leitora”. Por isso, as falas, mesmo que não sejam modificadas em seu sentido primeiro, tomam-se textuais, onde são escolhidas as partes consideradas mais intensas e significativas para a análise dos temas a que o trabalho se propõe.

Por certo, após esta etapa, própria a minha figura enquanto pesquisadora, os textos voltaram às mulheres, para que fossem respeitados princípios éticos. “Esta etapa [de retorno às mulheres] é denominada por Gattaz de conferência e legitimação.” (EGGERT, 2003, p. 36)

Nesta pesquisa, o foco das discussões foi perceber, através das falas, lembranças e leituras de escola, tecidas por mulheres que, apesar do reconhecimento desta instituição como “o tudo” e “necessária para todos”, trilharam seus caminhos por outra via e hoje, constroem conhecimentos no interior de um salão de beleza de Cultura Afro na Cidade do Rio Grande.

Os textos que narram as histórias possuem depoimentos muito intensos, ressaltando alguns aspectos com os quais dialoguei em relatos que constituem esse trabalho. As mulheres falam da vida, da escola, das leituras de escola, das

expectativas quanto à sua escolarização e dos seus filhos, dos conflitos com seu pertencimento étnico e as marcas sociais que a elas podem ser atribuídas. Essas narrativas, fornecidas através de conversas no interior do salão de beleza, ou, no caso da Márcia, também, em seu local de trabalho, demonstram que as gentes aprendem em seus cotidianos, por serem gentes e que, nesta condição, podem ensinar e aprender.

Tecendo fios para elaboração de uma pesquisa em Educação, com um viés feminista e étnico, vale a pena dizer que bebi em várias fontes. Minha opção pela Educação Popular e, por consequência, pela Pesquisa Participante, numa perspectiva emancipatória e libertadora, só é possível quando há um entendimento de que a coletividade e a aprendizagem acontecem em diferentes espaços e tempos. Por essa razão, neste estudo, o entendimento é de que a coletividade feminina não se restringe às instituições e órgãos formalmente constituídos e nem a aprendizagem e a ensinagem, têm como palco, apenas, o ambiente escolar.

Por ser feminista, a intenção primeira é de olhar profundamente as narrativas das mulheres e dar voz a quem, por muito tempo esteve silenciada. Tais estudos, preocupados com as estruturas de poder, procuram demonstrar as formas de silenciamento, submetimento e opressão das mulheres, sem que essa “denúncia” seja um pretexto para a cristalização de uma imagem vitimizada feminina, ou, então, que as mulheres sejam diretamente culpadas, ou alguém específico, por sua condição de subordinação (LOURO, 2004).

Uma perspectiva construída, que dicotomiza o masculino e o feminino em pólos distintos e antagônicos, portanto, passa a ser questionada, já que “algumas estudiosas vêm problematizando essa concepção. Por um lado, são enfatizadas as formas de resistência feminina; por outro lado são observadas as perdas ou os custos dos homens no exercício de sua ‘superioridade’ social.” (LOURO, 2004, p. 37) Sendo assim, mesmo sem negar a opressão a que as mulheres foram submetidas e são, ao longo da história, e no caso específico deste estudo, as mulheres afro-brasileiras, é preciso compreender que essa história possui inúmeras faces. Não polarizar a luta, não significa:

[...] desprezar o fato de que as mulheres (e também os homens que não compartilham da masculinidade hegemônica) tenham, mais freqüentemente e fortemente, sofrido manobras de poder que os constituem como o outro,

geralmente subordinado ou submetido – mas tais manobras não as/os anularam como sujeitos. (LOURO, 2004, p. 40)

Por serem mulheres que ao mesmo tempo são afro-brasileiras, cabeleireiras, mães, amantes etc., podem apresentar, em variados momentos, diferentes narrativas sem que isso signifique falta de compromisso com a verdade. Cada relato pode ser revisto por elas em outro momento e referenciado a cada conversa de forma diferente, pois, por certo, elas são seres em constante transformação. Vivem e querem viver. Da mesma maneira, suas vivências cotidianas podem parecer antagônicas aos seus discursos, pois cada um dos papéis que vivenciam, na verdade, mutuamente se articulam ou se tornam antagônicos entre si.¹⁸

Mesmo entendendo as especificidades e armadilhas do estudo das diferenças, no recorte deste trabalho, há um interesse em dialogar com mulheres afro-brasileiras. Já relatado ao longo desta produção, a afro-brasilidade foi um fator relevante nas escolhas de vida e nas percepções de mundo de cada uma das entrevistadas e nas minhas, enquanto pesquisadora. Reconhecer a ancestralidade e a atualidade da existência enquanto mulher provoca a discutir questões bem específicas que uma simples cabeleira crespa pode trazer.

Compreender com isso, uma sociedade que institui padrões e considera “excêntrico”, “anormal” ou “diferente” o que não se enquadra em seus determinantes, possibilita partilhar denúncias e anúncios que contribuam com novos conceitos. Sentir-se emaranhada numa teia de produtos químicos ou de ideais de beleza e feminilidade, não impede a busca de uma narrativa que deixa aflorar desejos, sonhos e algumas frustrações bem íntimas.

3.1. “Eu tinha lá os meus 8 anos de idade e eu já comecei a ver a vida diferente”: Quem a Flávia está sendo?

¹⁸ A exemplo disto, a possível divergência que pode ser percebida no fato de serem mulheres afro-brasileiras que através do salão resgatam aspectos de sua ancestralidade e, ao mesmo tempo, estão emaranhadas nas teias da indústria cosmetológica, grande influenciadora dos rituais de branqueamento. Como as relações são complexas e precisam ser analisadas por diversos ângulos, essa possível polarização deixa de existir.

Posso falar sobre a Flávia de diversas maneiras. Foi ela que me fez ter coragem de assumir que acreditava na “beleza negra” e na minha, mais especificamente, através de nossas conversas e de sua atuação como cabeleireira especialista em cabelos étnicos. Ela, nascida na década de 70, hoje, no auge dos seus 34 anos é alegre e decidida. Diz-se negra, porém afirma que em sua certidão consta que é parda porque nasceu “meio amarelada”. Escolheu o nome africano Oyá, por ser a sua entidade feminina. Casada pela segunda vez, vive com seu companheiro e dois filhos do primeiro casamento Vinícius e Juliane.

Disse que eu posso descrevê-la como quiser e talvez, uma certa timidez não permita dizer que é bonita, lutadora, extrovertida e muito simpática. Segundo ela o salão de beleza faz parte de sua vida. Vida que compartilha com outras mulheres que freqüentam esse lugar. Segue a “linhagem” das mulheres de sua família e como sua avó e mãe, é líder espiritual em um Centro Africanista na Cidade do Rio Grande.

Conversando com ela, descobri que quando pequena Flávia morava com seus avós em Pelotas e sobre essa fase de sua infância, diz lembrar muitas coisas boas. “Eu acho que já morei num paraíso e não sei... Se o paraíso existe, acho que eu já morei nele”, declara sorrindo, saudosamente. Diz ainda, que foi muito amada, querida por seus avós e que não pode falar de si como uma criança traumatizada, porém, pensa ser, talvez, uma adolescente com várias experiências traumáticas. Lembra que na infância, no período em que morava com seus avós, tinha uma vida cheia de encantos: comia as frutas que queria na chácara onde morava. Não lembra, segundo seus relatos, de infelicidade. Tinha saudade de sua mãe que ficara em Rio Grande, e declara que talvez essa fosse sua única tristeza.

Foi para Pelotas, porque seus avós a criavam e sua mãe precisava trabalhar. Por isso, e por ser “apaixonada” por seu avô, tanto que ainda hoje fala sobre ele com um amor intenso, é que não conseguiu ficar longe deles quando estes se mudaram para lá. Conta que todos os dias 30, vinham para Rio Grande, a fim de matar a saudade de sua mãe que aqui ficara. Diz que começou a crescer e ver a vida um pouco diferente.

Quando estava com seus avós, ingressou na escola com 7 anos, mas não conseguiu terminar o ano e dá risadas ao falar sobre isso, porém, tem dificuldade em identificar fatores que tenham influenciado esta situação. Lembra que morou em

vários bairros de Pelotas (RS), mas não lembra exatamente os nomes das ruas que habitou.

Lá, aprendeu que comer tuna é um divertido passatempo. A vida era calma, tranqüila, com fortes traços da vida no campo, mesmo com uma crescente urbanização. Lembra das “vendas” com linguiças e salames pendurados e ao falar destas lembranças demonstra recordar, com carinho, de cada detalhe.

Pela intensidade dos depoimentos sobre seus avós e a vivência em Pelotas, imaginei que boa parte de sua infância tivesse passado por lá, porém, qual foi a minha surpresa? O período não ultrapassou 2 anos. Dos 6 aos 8 anos de idade, aproximadamente.

Quando retornou a Rio Grande, disse que seus estudos não foram válidos, pois, afinal, não estavam concluídos. Por isso, ingressou efetivamente na escola com 9 anos e começou, segundo ela: “tudo de novo, primeira, segunda, terceira série.” Chegou a sexta série, mas parou com tudo. Antes, conseguia estudar e trabalhar, depois, declara não ter conseguido conciliar uma coisa com a outra. Declarou que gostava de estudar, mas acha que faltou um pouco mais de incentivo na sua adolescência.

Perguntei a ela, numa de nossas conversas se pensava ter sido um fator relevante para haver parado de estudar, o fato de ter interrompido o processo de escolarização, logo na primeira série, troca de amigos, de lugares e ela, pensativa respondeu-me que sim. Pensa que o não conseguir concluir, tenha influenciado neste sentido. Não atribui aos seus avós a culpa por isso, mas afirma ter sido prejudicada. Também não culpa seus pais, mas apresenta o retorno à cidade do Rio Grande, como um “atropelo de vida”. Precisou dar conta de inúmeras tarefas que antes, nem imaginava ter. Passou de “uma dondoquinha” nas mãos dos avós, a uma “dona de casa”, praticamente, na vivência com seus pais e irmãos.

Diz que neste contexto, aos 8 anos, começou a ver a vida de forma diferente, que já começou a perder aquele encanto que tinha, para uma realidade de tanque, de mudar fraldas, de cozinhar, de ser dona de casa.

Sempre gostou de aprender e diz ser “movida a gente”. Diz que sente falta das pessoas, quando é necessário ficar em casa. “Eu preciso de gente” – fala para mim com um grande sorriso. E ainda complementa dizendo: “Eu gosto de gente. Eu sempre gostei de andar assim, em movimento.”

Por fim, sem concluir sua história, diz que não sabe como se tornou cabeleireira, mas sabe que uma curiosidade sobre os cabelos e uma vontade de aprender estão presentes, até hoje, em sua vida. Primeiro, foi auxiliar. Trabalhava de dia e estudava de noite. Gostaria de ter continuado seus estudos, mas parou na 6ª série. Antes de ser cabeleireira, foi vendedora de sapatos e trabalhou em casas de família.

Embora declarando que gostaria de ser Psicóloga, sente-se feliz com sua profissão de cabeleireira. Mesmo tendo abandonado a escola ou tendo sido abandonada por ela, constrói conhecimento com outras mulheres que orbitam ao seu redor. Hoje, atende uma ex-professora, como cliente de seu Salão de Beleza e talvez, nesse contato por espelho, ensine a quem um dia já lhe ensinou.

3.2. “Aprendi, mesmo não estando na escola”: Michele, a contadora de histórias.

A simpatia e as histórias da Michele são contagiantes. Com 27 anos, afro-brasileira, tem duas filhas Tamires e Tainara. Gosta de conversar, organiza o salão e divide-se em uma dupla jornada de trabalho. Seu segundo nome Ionara, descreve bem o que é uma mistura de Ioná, boa amiga e Iara, simples e lutadora.

Uma infância marcada por papéis de carta, versos, corações e poesias é lembrada com entusiasmo e desprendimento por Michele ao falar de si. Diz ter sido muito calma e segundo ela mesma: “eu não sou muito de agitar”. Conta que gosta sempre de pensar nas coisas e que por isso tinha alguns problemas com suas irmãs. Estas diziam que ela parecia uma advogada ou uma juíza e, na sua percepção, era porque ela contrariava-os a todo o momento: “quando elas falavam errado, eu era a primeira pessoa a dar um pulo e corrigir”, conta.

Lembra de gostar do seu quarto e nele ficar durante horas lendo e escrevendo. Diz que também gostava de “chamar a atenção” e para fazê-lo dançava. Não tinha vergonha de dançar e nas festas, mesmo com pessoas estranhas ao seu convívio, dava um show. Sempre gostou de música e declara que até hoje gosta, dizendo que a música a consegue, “desestressar.”

Conta que na escola era diferente, mas que em oportunidades que tinha, por exemplo, corrida do saco, dança das cadeiras, sempre participava. Surpreende-me ao dizer que não lembra muitas coisas da escola, porque não realizou nela “nenhuma façanha”, as quais descreve como travessuras. Estudou até o 1º ano do Ensino Médio e pretende voltar a estudar. Engravidou ainda adolescente e sempre cuidou sozinha de suas filhas, mas não atribui diretamente a isto a saída da escola.

Traz, muito fortemente em sua narrativa, a figura de sua mãe, uma mulher que descreve como centro e pilar de sua família. Fala de seu pai e da fatalidade de ser sido atingido por um tiro em seu local de trabalho, fruto de um assalto, o que lhe provocou uma deficiência física. Sua mãe, doméstica, sempre a incentivou a estudar. Diz que pela desistência de seus irmãos, sua família a “forçava mais” e também declara que era a única que gostava de ir à escola.

Segundo ela, sonha para suas filhas: “...o que toda mãe diz. Eu quero que as minhas filhas tenham o que não tive”. Em contrapartida, pergunta-se o que é que não teve e complementa: “tive tudo, só falta eu querer”. Sobre suas filhas, ainda relata querer que elas “não desistam do colégio”, pois quer vê-las formadas. Disse não querer para as filhas a vida de doméstica que, mesmo digna, é muito cansativa.

Gosta muito de falar sobre suas duas filhas de 9 e 6 anos. Diz que é uma mãe que conversa muito com elas e não faz rodeios. “Criança é muito mais esperta, no pensamento, que um adulto, porque quando o adulto pensa em entender, a criança já entendeu” – e isso é o que motiva a relação que estabelece com ambas.

Trabalha como auxiliar no Salão de Beleza, realizando toda a Administração do salão: preenchimento de fichas, organização de horários, aplicação de químicas, auxílio na “chapinha baiana” etc. No outro turno, conforme relatou, trabalha como doméstica. Sobre o salão de beleza, afirma que aprendeu muitas coisas, inclusive escutar as pessoas e que pôde aprender, também, um pouquinho com cada uma das mulheres que o freqüentam, a partir de suas vivências.

Destaca, em seu depoimento, que a sociedade já foi mais racista, mas que ainda há muito racismo. Segundo a Michele, o racismo hoje não nos põe em um tronco então, é preciso querer e sonhar, pois mesmo que uma porta se feche, outras podem se abrir. Nesse sentido, tem esperança na mudança. Para dizer isso, traz novamente o exemplo de sua mãe.

Ao final da entrevista, parecia que a Michele não queria parar de falar, mesmo que timidamente tenha iniciado a conversa. Disse que queria ter uma estrutura de vida melhor e deixa um recado para as mulheres para que lutem pelo que querem.

3.3. “O meu dilema, nunca foi a cor... O grande dilema da minha vida era o cabelo duro”: aprendizagens através das vivências capilares, segundo a Márcia.

Alegre, extrovertida, Márcia, 38 anos, gosta de falar sobre sua vida e suas histórias. Afro-brasileira que sempre revela ter orgulho de sua cor, trabalha como secretária em uma Comissão de Curso da Universidade do Rio Grande. Escolheu o nome africano Dandara, em homenagem a esta rainha guerreira, grande representante feminina. Tem um companheiro e ainda não possui filhos. Diz que gosta de tudo de bom que a vida oferece e detesta “gente chata, mal-humorada e resmunguenta”. Alegria e boa-vontade, segundo Márcia, são suas principais características. Sobre o salão de beleza diz: “é um ponto de encontro e mudança”. Com ela, não conversei especificamente sobre a escola, mesmo que nuances deste tema tenham aparecido em nosso diálogo.

Conta, em meio há muitas risadas, sua infância, marcada pela “tortura” dos penteados “telefone”, os quais ocupavam horas e horas de seu dia, algumas vezes por semana. Sobre estes, não poupa detalhes ao contar os motivos que puderam gerar uma “aversão aos cabelos”.

Sobre sua vida escolar, conta que estudou em escola particular (1ª à 4ª série), como bolsista, mas que perdeu a bolsa por repetir a 4ª série. Foi para a escola pública, onde encontrou mais colegas negros, porque na escola particular: “negros não tinha nenhum”, declara.

Conta que os colegas pequenos não “mexiam com ela”, referindo-se ao seu penteado, porém, colegas maiores, pré-adolescentes e adolescentes, faziam inúmeras brincadeiras, o que, segundo ela, a deixavam irritada. Quanto a estas brincadeiras diz que aconteciam mais quando tinha por volta de 11, 12 anos. Seus colegas diziam: “Olha o telefone. Pum!” e batiam em sua cabeça. Segundo ela: “os

pequeninhos não são muito assim.” Complementa chamando minha atenção: “Engraçado. Para tu veres como a criança é ingênua, que eu nunca sofri, que eu me lembre, coisas de racismo entre os coleguinhas branquinhos que eu tinha no 1º, 2º e 3º ano.”

Atribui, também, esse fato ao seu jeito “alegre e muito diversificado”. Em sua fala, retrata que nunca sofreu preconceito direto e pensa que isto talvez seja um privilégio. Mesmo não sofrendo diretamente, não exclui a hipótese do preconceito velado. Gosta de ser negra e declara que se alguém a dissesse: “Ah! Sua negra”, responderá: “Muito obrigada. Com muito orgulho.”

Diz que não se sente “uma coitada” por ser negra e nem se sente diferente. Em sua “facilidade”, segundo ela, conquistou o seu lugar. E complementa: “o meu lugar é esse. Quem gostar de mim e quer me aceitar vai ter que me aceitar assim ou não. Se tu não gostares de mim do jeito que eu sou, azar é o teu. Eu acho que tudo é primeiro tu teres um amor próprio.”

Deixa sua opinião sobre o Movimento Negro em algumas instâncias oficiais (movimento institucionalizado) onde entende, que o negro é colocado como “pobre coitado”. Sabe da brutalidade com que o povo africano foi retirado de seu lugar na África, mas acredita na possibilidade de mudança.

Fala que não aceita acomodação e que mesmo que nenhum trabalho seja ofensa, há que se pensar em melhores condições de vida.¹⁹ Defende, de modo semelhante às feministas culturais no século XIX, que as mulheres devem ter seu próprio dinheiro e deixa subentendido que a estrutura do casamento como se dá, em alguns casos, é responsável pela opressão feminina. Mesmo sem conhecê-las diz que “profissão esposa, não dá”.²⁰

Declara que a independência da mulher é fundamental, não para provar superioridade, mas para uma realização pessoal. Entende que, na vida, as mulheres amam, querem ter seus companheiros, mas que esta não deve ser uma relação de dependência a ponto de dizerem: “Que horror! O que eu vou fazer se eu me separar?”

¹⁹ Num dos trechos de sua fala disse que nenhum trabalho é ofensa e que “se tu fores um bom confeitiro, uma boa lavadeira”, poderás exercer tua função com alegria e realização. Por outro lado, lembra que melhores condições de trabalho e vida devem ser almejadas, afinal existem funções que desgastam demais e rapidamente provocam prejuízos a uma vida saudável.

²⁰ EGGERT (2003, p.16) apresenta aspectos referentes a este tema e percepções das feministas culturais, representadas por Margareth Fuller, Matilda Gage, dentre outras: “A dependência econômica da mulher seria o grande fator da subjugação feminina.”

Costuma dizer que é uma negra muito orgulhosa da sua situação. Só lamenta profundamente não saber de onde veio (raízes africanas). Diz que isso não é uma situação que a leve ao desespero completo, mas sente-se um tanto frustrada por não saber.

Por um lado, lamenta que na diáspora, a cultura negra tenha, em termos, se perdido por causa da opressão. Diz que a cultura original foi “sendo morta, sendo morta e morreu.” Mesmo sabendo as cidades de onde vieram seus pais, gostaria de saber mais sobre sua ancestralidade.

Trancou a Universidade (cursava Letras) e continua produzindo saberes em seu local de trabalho e no Salão da Flávia, onde é cliente. É notório que sua “vivência capilar” também proporcionou inúmeras aprendizagens.

4. Lembruras e leitranças da escola-passarela: conversas com Flávia, Michele e Márcia.

Pensei no coreto da praça, como um lugar de visibilidade. Afirmei, então, que as mulheres construíam seus próprios coretos, dentro do salão de beleza. Agora, sem conseguir sair da praça, por sua forte simbologia de encontro²¹, penso em suas passarelas. Se o salão é coreto, a escola, para essas mulheres, assemelha-se a uma passarela.

Como as inúmeras da praça, por onde transitam gentes que passam lado a lado, mas nem sempre se encontram, estas mulheres tiveram a escola como uma passagem. Diferente da ponte, de onde se sai com o objetivo de trilhar o caminho a um ponto, a passarela, permite transitar, seguir e voltar, parar, esperar, observar a vida, dela se cansar, desistir...

Mesmo que um fim remoto fosse pensado a partir do processo de escolarização, ainda não se concretizou e a via foi traçada de outra forma. As lembranças se misturam com leituras de escola e vice-versa. Parece difícil falar desta instituição, são vagas as lembranças e geralmente chamam mais ao contexto fora do que dentro da sala de aula.

Em um dos dias que fui no salão, na intencionalidade de ouvir falas sobre a escola, mesmo que as rodeasse com outras perguntas, o objetivo era conhecer suas leituras sobre ela, foco do meu trabalho. Com as leituras em mãos, poderia então, fazer o “entrelaçamento dos fios” e chegar a compreender a influência ou não destas leituras, na constituição do salão de beleza como produtor de saberes.

Na conversa com a Flávia e com a Michele, pontos em comum: **ambas tinham dificuldade em iniciar um comentário sobre a escola e mais especificamente, sobre o processo de escolarização.** Pareciam fugir do assunto, querer falar de outras coisas. Sem ter uma única resposta para isto, penso que

²¹ Na verdade, não tenho certeza que seja por isso. Principalmente a Praça Tamandaré, me faz retornar a algumas lembranças da infância, como quando minha mãe me levava para brincar e ficava do outro lado da gangorra sorrindo e impulsionando-a, enquanto eu ria sem parar. Ou então, levava-me para o escorregador e ficava esperando que eu chegasse lá embaixo.

esteja relacionado ao lugar assumido pela escola nas vidas das mulheres. Diferente de mim, que me constitui escolar e na escola como professora, estas mulheres têm como *lócus* de suas vivências outros espaços que são mais significativos. Nenhum absurdo!

A Márcia chamou a minha atenção para alguns motivos para estar no salão: “conviver com o cabelo duro e crespo”. Fez-me lembrar de minhas buscas pelo produto milagroso e nos assemelhamos na superação destes condicionamentos. Em sua narrativa, fala das aprendizagens dessa complexa vivência e das perspectivas enquanto mulher e afro-brasileira.

Em destaque, estão “lembranças e leituras” de escola, que se misturam e amalgamadas, deixam uma idéia do que pensam e dizem estas mulheres sobre este espaço e suas aprendizagem em ambientes não-formais.

4.1. Conversando com a Flávia...

Em uma época da minha vida, **eu trabalhava como auxiliar de dia e de noite eu estudava**. Depois, comecei a trabalhar como vendedora de sapatos, me tornei gerente dessa loja e sábado eu trabalhava de auxiliar.

Eu tinha duas profissões na época. Tive que escolher, porque eu não levava jeito para mandar. Como até hoje não levo. Nem no salão eu levo jeito para organizar e aquelas coisas de liderar. Sou um fracasso mesmo. Como cabeleireira até que eu levo jeito...

Sempre gostei de aprender e estudar. Eu sou movida à gente. Tanto é que eu sinto falta quando estou em casa. Eu preciso de gente. **Eu gostava da escola, sempre gostei, só achei que faltou um pouco mais de incentivo pra mim**, na minha adolescência, na minha juventude. Minha família me incentivou pouco, não do jeito, talvez, que eu precisasse. Porque quando a gente tem um filho, tu tens que estar atenta e perguntando: será que eu consigo suprir todas as necessidades dele? Será que eu consigo ser àquela mãe exata, preparada para dar todo o incentivo e apoio para os filhos irem para a escola? Acho que nem hoje eu consigo, até pelo fato dessa vida corrida de cabeleireira e, com isso, ter muito tempo

aqui no salão. A gente sabe que isso é necessário, mas não conseguimos passar tudo e eu entendo.

Eu não tenho nenhuma carência ou problema com relação a falta de incentivo, mas eu sei que ele é necessário, principalmente dos pais, fazendo com que o colégio seja uma prioridade. Se hoje eu não sei mais, não é só culpa dos meus pais, foi também porque eu não me esforcei o suficiente. E se hoje eu tenho consciência disso, eu posso continuar. Eu acho que nunca é tarde. A pessoa não pode basear tudo na infância. Tua infância é um equilíbrio, é a base, mas não dá para sufocar toda a tua responsabilidade por problemas quando criança. Acho que a pessoa se torna muito frustrada para a vida, justificando todos os teus erros, todas as fraquezas de vida, numa infância difícil.

Todas as dificuldades que eu passei, depois de uma certa idade, não vejo como problemas para a minha vida. Acho que não. Tu te deparas com uma dificuldade do passado e tens que pensar diferente, tendo força para continuar. Claro que uma família influencia muito, mas independente de tu teres um incentivo ou não, o incentivo tem que começar em ti. Outra coisa: sei que nem todas as crianças têm, ou toda menina que tem os seus 10 anos, tem consciência disso. Mas acho que uma criança, desde o momento que ela é muito amada e respeitada, consegue ter essa visão, de não se justificar.

Eu entrei na escola com 9 anos, eu não entrei com 7, porque **eu morava com meus avós em Pelotas**. Fui para lá porque eles me criavam. Minha mãe tinha que trabalhar e então, para ela ficava difícil criar os filhos. Também, eu era apaixonada pelo meu avô e ficar longe dele seria muito ruim. Por isso, quando meu avô e minha avó se mudaram, fui embora. Deus o livre se eu os deixasse! Eu tinha que ir. Só que eles tinham aquele sentimento dividido, mas todos os meses, todos os dias 30, nós vínhamos para Rio Grande porque meu avô recebia sua aposentadoria. Nesse encontro, no final de cada mês, víamos a minha mãe e matávamos a saudade.

Lá em Pelotas, eu entrei com 7 anos na escola, mas nunca conseguia terminar o ano, não lembro detalhes. Moramos na Guabiroba, no Areal, mas exatamente o nome das ruas eu não me lembro.

Quando eu fui para Pelotas, eu tinha mais ou menos 6 anos e na escola, só aceitavam com 7. **Quando cheguei em Rio Grande, não ficou válido para os colégios a série incompleta que eu tinha. Comecei tudo de novo: primeira,**

segunda, terceira série. Cheguei na sexta série e aí parei com tudo. Antes eu estudava e trabalhava, tanto é, que eu trabalhava aos sábados como auxiliar. Depois, na sexta série, parei de vez. Não consegui conciliar uma coisa com a outra.

Eu acho que essa mudança de endereço influenciou na minha vida escolar porque eu não consegui concluir o ano. Fui prejudicada, mas sem uma intenção da parte dos meus avós em me prejudicar, não tinha esse interesse, mas eu me prejudiquei porque eu não conseguia me afirmar. Quando eu pensava em me integrar àquele grupo eu já estava passando para outro e ficou meio difícil. Eu acho que me prejudiquei um pouquinho, mas depois eu tirei isso de letra.

Aqui em Rio Grande, eu sempre fui dona de casa. Eu saí de uma vida de princesinha para ser a dona da casa, praticamente. Como eu disse, eu morava com meus avós e depois, fui para a casa da minha mãe. Cresci e comecei a ver a vida diferente. Quando eu cheguei aqui, me deparei com uma realidade: a minha mãe precisava trabalhar. Eu estava acostumada a não fazer nada, eu era uma dondoquinha. Imagina tu sendo criada só por teus avós? Tu és uma princesinha na mão deles. Eu tinha até o meu caderno na venda que eu ganhei quando era menina. Meus avós tinham o deles e eu tinha o meu e podia gastar o que eu quisesse. Eu adorava uma cerveja preta quando eu era criança. Adorava. Tinha paixão. Eu tinha todas as vontades. Eu comia cinco, seis Danones, sempre fui muito comilona. Eu tinha minha liberdade.

Eu lembro tanta coisa boa da minha infância. Acho que já morei num paraíso e não sei. Se o paraíso existe, eu acho que já morei nele. Sempre fui muito amada. Eu não posso falar que fui uma criança traumatizada. Talvez, tenha sido uma adolescente traumatizada, mas quando pequena eu não era. Não passei trabalho na infância, eu era muito querida e amada por meus avós.

Imagina uma criança tendo todo o amor do mundo, toda a dedicação. Meus avós me tratavam muito bem. Eu vivia numa chácara tão bonita! Comia a fruta que eu queria, porque na chácara tinha. Aproveitei aquilo tudo. Eu não sei como é, quando falam em “morar pra fora”, porque eu nunca estive na Campanha, mas eu me sentia, mesmo que a chácara não fosse tão fora da cidade. Hoje, Pelotas está muito diferente, cresceu muito de um tempo para cá. Eu morava perto de onde é a Rodoviária nova. Quando eu saí de lá, estavam fazendo a casinha para os homens

trabalharem na construção. Sabe onde eles ficam guardadinhos, prontos pra começar no outro dia?

A minha casa ficava perto desse campo que hoje é a Rodoviária. Agora, nem é mais campo, já é cidade. Tudo totalmente diferente. Eu adorava aquilo ali. Adorava ir para os campos comer tuna. Tem uma florzinha que a gente limpava com papel e comia uma coisinha vermelhinha. Coisa gostosa! Bem docinha! Minha vida era calma e tranqüila. Eu só via campo, mas tinha a parte da cidade. Passando a chácara, tinha uma rua onde passava o ônibus e tinha uma venda com aquelas lingüiças penduradas e salame.

Era uma coisa gostosa. Hoje eu me lembro com carinho daquilo. Não me lembro de infelicidade, nem me lembro de estar infeliz. Eu tinha saudade da mãe, porque ela morava em Rio Grande e eu em Pelotas. Talvez essa fosse a minha tristeza.

Por isso, eu acho que eu devia ser mais metidinha quando eu cheguei aqui em Rio Grande, porque me deparei com uma realidade totalmente diferente. Em Pelotas, eu tive outra vida. Tudo era em prol da Flávia. Aqui, eu me deparei com uma outra realidade: uma mãe que tem que sair para trabalhar. Ela era o homem e a mulher de dentro de casa. Eu tinha que cuidar de um irmão e antes, nunca havia trocado uma fralda, nunca tinha feito nada daquilo. Fui aprender a cozinhar, tudo muito rápido. Foi um atropelo de vida. Eu tinha lá meus 8 anos de idade e eu já comecei a ver a vida diferente. Comecei a perder aquele encanto que eu tinha, para uma realidade de mudar fralda, de cozinhar, de cuidar da casa.

Até que dava para continuar estudando, mas quando eu cheguei na sexta série eu me deparei, ainda, com uma outra situação. O relacionamento dos meus avós era outro, já com meu pai e com a minha mãe era totalmente diferente. Com isso, a minha cabeça se complicou. Eu comecei a sentir isso, não foi na primeira, segunda, terceira, quarta ou quinta série, foi na sexta. Eu tinha uma dificuldade enorme. **O próprio relacionamento com meus pais era difícil e, por isso, eu não tinha ânimo para estudar. Se disser que isso não influencia, que a vida dentro de casa de um aluno não influencia dentro da escola, está dizendo uma burrada.**

Eu tiro uma base por mim que, já depois de negra velha, estava ali me deparando com uma realidade que influenciou no meu ânimo para estudar. **Eu olhava para o professor de Matemática e ele dizia: o que estás fazendo aqui?**

Em Matemática, até hoje eu sou um zero a esquerda. Eu tinha uma tremenda dificuldade. Eu não tinha cabeça para o estudo. Na sexta série, eu já estava uma moça, já estava namorando também. Conheci o meu namorado e depois me casei com ele e ele foi o pai dos meus filhos. Casei e neste tempo eu estava trabalhando. Foi difícil conciliar de dia o trabalho com o estudo a noite. Só que eu precisava, por uma necessidade, concluir a minha meta de vida. Eu via a minha mãe lutando dia e noite. Então, eu tinha que ter uma conclusão. Eu sempre disse: até os meus trinta anos eu vou ter uma definição, uma profissão. Sempre fui preocupada em definir a minha vida. Sabia que tinha que chegar em uma certa idade com algo definido. Nos vinte eu não tinha feito nada direito, tanto é que eu já tinha um salão em casa, mas era pequeno. Agora, eu tenho 34 anos, mas o meu salão ainda não é aquilo que eu quero. Eu quero mais. Poder chegar um dia e fazer um curso nos Estados Unidos. Nem que seja para assistir uma única palestra com um dos melhores cabeleireiros do mundo. **A gente tem que ter sonho, mas como criança, eu já havia colocado uma meta: ter uma profissão. Como eu não tinha muito estudo, achei que ser cabeleireira era mais prático para eu conseguir chegar ao meu objetivo e consegui.**

Eu gostaria de ter estudado. **Hoje eu me arrependo de não ter concluído meus estudos. Hoje, eu queria não ser cabeleireira. Não que eu seja infeliz na minha profissão. Acho até que me identifico bonito, mas na verdade, eu gostaria de ser psicóloga.** Eu sempre quero mais, talvez seja isso. O meu sonho mesmo, era ser psicóloga porque eu adorava debater da vida dos outros. Eu adoro saber da vida dos outros, não por fofoca, mas porque eu sempre tenho uma palavrinha que acomoda a situação. **Pensando bem, eu consigo ser uma psicóloga. Sei que não sou formada, mas na verdade, hoje eu consigo ser.** Eu acho que isso é uma coisa da personalidade da pessoa e no caso, da minha. Meu marido diz que eu sou a “protetora dos fracos e oprimidos”.

Isso pode ser influenciado pela minha religiosidade, porque eu fui criada na religião. Até tem horas que eu procuro me distanciar um pouco. Tem horas que eu me vejo muito mais do lado da religião do que do lado do salão. Por causa disso

mesmo, vejo que a religião consegue influenciar. Tu vês tantos problemas, tantas coisas, e eu sempre tive a necessidade de dar uma resposta para os outros.

Gostaria muito de ter estudado também, porque eu penso que **a escola é fundamental. Toda a criança tem que passar. Não tem outra maneira de aprender e ter uma base diferente. A primeira escola pra mim, é dentro de casa, mas acho que a segunda, o apoio é a escola formal.** Toda a pessoa tem que passar por ela para poder se desenvolver. Penso também, que os professores têm que se identificar mais com a profissão, não ser professor por um ganho financeiro, porque acho que isso complica muito. Não ser professor só por dinheiro.

Quem não vai à escola fica prejudicado. Eu acho que a pessoa até se desenvolve sem ir, porque bate a realidade da vida e isso depende muito de cada um, do querer de cada um, da maneira como cada um vê a vida. Eu sei que tudo começa no início, na infância. Sei que muitas pessoas não têm apoio, sei disso. Só que eu acho que tu não podes ficar te lamentando pelo que não pôde fazer ou porque não teve. Tem que olhar para frente, colocar uma meta, um objetivo na vida para poder superar essas dificuldades, para poder chegar a ser alguém. Do contrário, o que te resta?

Hoje eu não vejo tanta dificuldade em mim por não ter estudado, porque eu consegui me aperfeiçoar na minha profissão. Eu consigo ter um interesse, eu leio e vou a busca de conhecimentos. Agora, se a pessoa não fizer isso, em qualquer outra atividade que tenha, se torna mais difícil. Sinceramente, aí eu não sei.

Eu coloco a escola como meta na vida dos meus filhos, em primeiro lugar. Jamais eles vão fazer o que bem entenderem. Enquanto eu puder dar o estudo, nem que seja assim uma classe baixa, porque no caso eles não estudam em um bom colégio particular. Eu até acho que a escola pública tem o seu valor, tanto é que eles estão nela e isso não é só porque eu não tenho condições, na verdade, eu não sei se eu tiraria os meus filhos da escola pública. Não é porque é público que não tem o seu valor. O estudo, pra mim, depende assim: 50% do que eles aprendem na escola e os outros 50% os pais tem que induzir os filhos a ter conhecimento senão, se torna difícil para eles terem uma boa educação, ter um crescimento.

Se a minha filha dissesse pra mim que iria parar de estudar, eu não ia deixar. Eu parei na 6ª série, mas eu tinha minhas dificuldades, mas ela não

tem. Eu consigo manter o estudo dela. Ela consegue se vestir com o que eu posso dar, consegue comer bem. Ela não tem esse tipo de preocupação. Então jamais, pelo contrário, ela tem que ter a obrigação de nunca pensar em sair da escola. Eu não tinha opção. Eu não podia ficar só pensando em meus estudos. Tinha que pensar em trabalhar para ajudar a minha mãe e era diferente. A Juliane não tem. Nem ela, nem o Vinícius. A preocupação que eles tem é simplesmente estudar para ser alguém na vida. Eles não precisam me ajudar então, jamais eu deixaria eles sem estudar.

Eu precisei trabalhar. Eu não precisava, talvez, ter parado totalmente de estudar, mas me levou a procurar uma escola à noite. **É difícil tu te empregares em qualquer lugar e conseguir sair no horário da aula.** O horário do comércio, muitas vezes, não permite. Quando eu comecei na 6ª série, eu tive uma dificuldade enorme também que me atrapalhou muito. **Daí, eu optei por trabalhar, para somar mais financeiramente e depois já veio em segundo lugar, o casamento.** Complicou-se muita coisa.

Ainda me lembro de muitos professores meus. Eles foram muito queridos comigo. Tinham que ser muito paciosos. Eu não era uma criança arteira, mas acho que eles pensavam que eu tinha dificuldade por eu ter muita responsabilidade na cabeça desde nova. Eu me lembro que a primeira vez que a minha mãe foi chamada na escola, por ela estar trabalhando, minha tia foi até lá. Nesse dia, a professora disse assim: Essa moça lava muita roupa? Essa moça passa muita roupa? Essa moça lava muito a casa?

Ela via que em todas as minhas composições eu falava sobre família, sobre casa e deveres. Então, psicologicamente, elas analisaram que eu tinha uma sobrecarga naquilo, que não me deixava ver outros fatos. O meu mundo era aquele ali. Para ter uma idéia, eu vim para Rio Grande e me deparei com um tanque. Isso não foi culpa da minha mãe, mas era a opção que ela tinha para me oferecer. Tive que lavar roupa, tive que cuidar de criança. Brincar era só quando dava. A mãe trabalhava todo o dia então, aquilo ali eu aprendi, era aquilo que eu sabia. Eu via toda a situação e aquela era a minha realidade. Já que eu tinha que fazer, colocava aquilo ali em prática e falava sobre o assunto na escola, como qualquer criança.

Eu penso que um bom professor vê qualquer dificuldade, principalmente das crianças pobres, pedindo para eles escreverem composições sobre o enredo da vida deles mesmos, colocando no papel. Acho que qualquer professora que consegue ter um pouquinho de percepção psicológica vai ver isso. Talvez eu, hoje, como mãe, não saiba ver os problemas dos meus filhos, mas uma professora, de repente, pode me chamar a atenção a qualquer momento, até por eu exigir demais.

Na escola, pensando sobre o que eu aprendi, vejo que **eu adorava a aula de religião**. Eu adorava. Sou muito religiosa, não pratico totalmente como tem que ser, mas eu sou muito assim. Eu adoro orar, adoro rezar. Eu chegava na aula de religião e eu tinha paixão. **Não suportava a aula de matemática**. Claro, talvez hoje seja uma ignorância falar isso, mas não tem nada a ver a aula de matemática.

Durante a aula de religião a gente falava de tanta coisa. Eu achava que rezar era tão bonito, mas não era só por isso. Eu me achava em estado de graça durante as aulas. A aula de religião era bem diferente da aula de religião que dão hoje. Digo isso, pelo que os meus filhos aprendem. Nós aprendíamos o nome dos santinhos e aprendíamos porque que o santinho era santinho. Hoje é bem diferente a aula de religião. Eu aprendi a rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e aprendia a saber o sentido do Pai Nosso e da Ave Maria. Aprendia cantos sacros que hoje as crianças mal cantam. Tem muita diferença.

Na aula de religião víamos um outro lado da vida, sem ser aquela vida do dia-a-dia. Uma parte espiritualizada pode te acalmar, pode te acolher. Hoje eu não vejo os meus filhos falando sobre terço. A religião é importante até para limitar. Não é uma questão de direcionar a criança para o catolicismo, mas ter valores. Hoje, os valores estão perdidos. Não que isso seja uma culpa totalmente da escola. Isso aí, também, não é só da escola, mas como ainda tem aula de religião, poderia trabalhar esses valores. Mudaram muito os métodos. Tu vês que essas coisas, esses princípios, esses valores, todos estão colocados de lado. Ficou uma coisa muito da prática, até na questão profissional.

Os profissionais estão hoje em dia, muito na prática. Não é mais aquela coisa de coração. Se torna prático porque precisa, e deu. Até hoje, eu ainda guardo um rosário que o Papa benzeu. Eu não sou católica, mas respeito. Aprendi a respeitar as outras religiões. Quanta cultura eles poderiam passar para as crianças dentro da própria religião? As crianças têm curiosidade de saber como o mundo foi se

tornando mundo e eles não falam nem de toda aquela parte da Bíblia pelo que eu sei. Eu não vejo eles falarem ou ter conhecimento desses pequenos valores que sensibilizam uma criança, independente de alguém querer acreditar ou não.

Têm pessoas que dizem que religião é uma coisa à parte. É uma coisa à parte, mas até chegar o momento da criança saber definir, é preciso aprender de tudo um pouco. Por que não aprender um pouco do catolicismo? Do africanismo? Do cardecismo? Por que não somar isso tudo como uma forma de conhecimento? Isso é cultura.

Claro que eu não estou colocando que religião é a matéria mais importante de todas, muito pelo contrário. Eu acho até que o português devia ser mais rígido, porque a nossa, é a pior língua para se aprender. Nós não falamos corretamente. Começa pelos pais, termina nas crianças. As crianças vão gerando outras crianças que vão se tornando da mesma maneira. Eu mesma, não falo corretamente. Tenho a maior dificuldade de falar e me esforço. Acho que as aulas de português são pouco exigentes, por exemplo, na leitura. **Tu nem vês as crianças irem com temas para casa, temas para ler. Deixam a vontade.** No outro dia, se não leram, ninguém toma a lição. Eu vejo, mas não estou criticando.

Eu tinha certas professoras mais interessadas com o ensino, no caso, da minha escola. Acho que elas se interessavam muito. **Tinha uma professora minha, quando eu estava na 6ª série que dizia: Eu tenho até tristeza de passar este texto aqui para vocês. Eu levei aquilo como uma lição, porque tudo que uma professora fala fica como uma lição, muitas vezes.**

Ela dizia que ficava triste, porque eram textos com coisas que a gente não tinha que ouvir. Era ver desgraça. Eram textos com muito drama que a gente já conhecia. Tínhamos que ver coisas que fossem nos dar um incentivo para olhar um mundo diferente lá fora.

Esta professora dava aula em dois colégios e no outro, os alunos tinham uma classe de vida bem diferente da que nós levávamos ali. Ela disse que achava melhor, os outros alunos estarem ouvindo aquilo, para saber que existe um outro lado da vida. Eles, realmente, não se deparavam com aquilo, não ouviam aquele tipo de leitura, não sabiam, talvez, que existia aquele tipo de dificuldade. Eles tinham outra realidade de vida e não sabiam o que se passava dentro de uma casa de pessoas pobres ou de pessoas que tem várias dificuldades, por outros motivos.

Os professores têm aquela idéia que as pessoas devem aprender aquilo que se tem em casa e não aquilo que existe no mundo. Claro que não é só culpa dos professores. É culpa também do colégio todo, que adota uma meta de estudo assim, dizendo a maneira que tem que ser colocada a matéria. Eu acho que eu levei aquilo tão em conta!

Eu vi que era uma mulher ali, perdendo as horas dela de noite, com tanta preocupação, com tantas coisas. Isso é um alerta para o governo, porque não era valorizado o pensamento dela. Eu via aquela mulher, que era uma professora, uma classe pouco valorizada, se preocupar tanto. Embora haja desânimo nas professoras, algumas se esforçam para ver um outro lado da vida e não são aproveitadas as suas idéias. Ela nos disse: Não quero dar esse texto para vocês. Eles me dão esse texto aqui, mas eu tenho pavor.

D. Terezinha... não lembro o sobrenome dela, mas eu tenho muito orgulho daquela professora. Eu a admiro muito, por tudo. Eu a admiro por causa disso que ela fez. **Ela se preocupou conosco, mesmo sendo em um colégio que era a noite.**

4.2. ... com a Michele

Não é que eu tenha dificuldade em falar da escola. Eu não me lembro de muita coisa porque eu não era de bagunça, essas coisas. Tem gente que se lembra das façanhas e eu não tenho muitas, porque eu ia estudar e na hora do recreio eu ia caminhar. Eu não era de estar fervendo, nem dentro da sala de aula, nem fora dela.

Eu sempre tirei boas notas. Chegava e prestava atenção na aula. Nem quando eu era criança eu fazia bagunça. Geralmente, quando tu és criança, tu gostas de estar correndo na escola. Eu não me lembro de fazer isso. Eu me lembro de eu ser quietinha, arrumar um canto para sentar e ficar. Não era assim agitada que nem as minhas filhas. Uma delas no primeiro ano, arrebitou o joelho de tanto que correu, e eu não era assim. Eu era muito calma até em casa.

Em casa, eu também era calma. Eu não sou muito de agitar. **Gosto sempre de pensar muito nas coisas. Até por isso, eu tinha um problema em casa porque as minhas irmãs odiavam isso.** Elas diziam: “A Michele parece até uma juíza ou uma advogada, porque ela quando abre a boca é só para falar coisas opostas.”

Quando elas falavam errado, eu era a primeira a corrigir. Lembro que eu gostava de estar no meu quarto lendo. Adorava ler quando eu era criança. Escrevia, fazia corações, colocava versinhos... Lembro que eu fazia a minha mãe gastar um dinheirão com aqueles papéis de carta, porque eu vivia escrevendo poesias neles. Sempre gostei muito disto. Eu não era uma criança agitada, mas lembro que eu gostava de chamar a atenção. Quando eu chegava numa festa, acho que porque eu era magrinha, eu gostava de dançar. Então, todo mundo dizia assim: “Essa guria vai ser muito metida.”

Nós íamos aos aniversários e eu adorava dançar. Poderia haver na festa pessoas estranhas que, mesmo assim, eu não tinha vergonha. Era como se fosse uma pessoa de casa, porém, no colégio, eu não tenho muitas façanhas. Não que eu fosse a “certinha” da escola, mas eu nunca fui uma pessoa que perturbasse.

Era muito difícil eu dançar na escola, mas eu participava de tudo: corrida do saco, aquela do ovo, dança das cadeiras. Eu sempre participei dessas coisas. Participava das danças e sempre gostei disto, mas não posso dizer que eu fiz uma façanha no colégio, nunca virei uma mesa, uma cadeira, nada disso.

Da minha aula, das professoras, de coisas diferentes que elas fizessem, eu não lembro nada. Até eu não sei se na minha época as professoras não eram tão saídas como são as de hoje. Esses tempos eu estava comentando sobre este assunto. **Eu tive uma professora de Psicologia ali no Getúlio²² que chegava e sentava na mesa.** Quando eu era criança, jamais eu ia ver isso. As professoras chegavam e diziam para cada um ir para os seus lugares, elas também iam para as suas mesas e só. Essa professora do Getúlio, foi a primeira que eu vi sentar na mesa. **Ela conversava conosco, mas não conversava como se fosse professora e ela era psicóloga mesmo. Ela não tinha essa coisa que nem as outras. Para nós, ela era a Magda. Ninguém dizia assim: “Lá vem a Professora”. Nós dizíamos: “Lá vem a Magda”. Essa professora foi quem me perguntou se eu**

²² Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, em Rio Grande.

estava bem, num dia que eu estava muito preocupada com algumas coisas. Ela percebeu que eu estava diferente e ficou conversando comigo.

Por isso que eu te digo que eu não me lembro muita coisa de quando eu era criança. **Lembro mais de depois, lá pela 7ª, 8ª série.** Nesta época, comecei a estudar a noite porque eu já havia ganho a minha filha e não tinha como eu estudar de dia. **Eu já era maior, então, eu já me relacionava com outras pessoas, algumas meninas que fumavam, bebiam. Não era mais aquela coisa de criança, mas eu nunca fumei. Bebia socialmente, mas com certeza, nessa época a vida já era mais agitada. Eu estudava a noite e tem muita diferença. Às vezes, as gurias diziam assim: “Não vamos entrar hoje. Vamos dar uma volta.”**

Mas eu, nem mulher velha, eu gazeava a aula. Era muito difícil. Se eu não tivesse vontade de ir à aula, eu não ia. Porém, chegar até à frente e ficar na rua, eu não fazia. Era difícil eu gazear e nem sei porque eu tinha tanto medo disso. Até hoje eu sou assim. Se eu não estou a fim de ir, eu não vou, mas é difícil eu ir e sair para outro lugar. Eu me lembro que uma vez as gurias quase me mataram porque todo mundo gazeou e eu não. Elas me disseram assim: “Vamos.” Saiu todo mundo correndo e quando cheguei na metade do caminho eu desisti e voltei. As professoras já sabiam que estavam gazeando porque, como é que todos os alunos não estavam se, na outra aula, estavam?

Nesta época, em que eu estudava a noite, durante o dia eu cuidava da minha filha porque a minha mãe trabalhava. Quando ela chegava, ficava com a minha filha para eu ir para o colégio. Quando a minha mãe faleceu, eu tive que sair da escola e esse foi o único motivo para eu ter parado de estudar. Eu digo isso, que eu abandonei a escola com a morte dela, porque quando ela faleceu quem ficou cuidando a minha filha foi a minha avó. Mas só que a minha avó já tinha muita idade e se irritava fácil com criança. Bateu na minha filha, mesmo ela sendo bem pequena. Isso me dava uma dor. Eu chorei muito uma vez. Depois, eu pensei assim: “Se eu engravidei, eu tenho que cuidar.” Por causa disso, eu tive que parar de estudar, porque eu não podia mais deixar a minha filha com a minha avó.

Eu ainda penso em voltar para a escola. A minha mãe sempre quis que eu terminasse o primeiro grau. Quando eu ganhei a minha filha, tive uns tempos em casa e depois a minha mãe disse: “Tu vais estudar porque eu vou cuidar dela para

ti.” Minha mãe foi, me inscreveu no Mascarenhas²³ e lá eu fiz a 8ª série. Ela ficou triste, de uma maneira, por eu ter engravidado, porque ela tinha outros planos para mim, mas ela aceitou bem a minha gravidez. Ela sempre investiu nos meus estudos. Mesmo a minha mãe tendo os filhos, mesmo que necessitássemos, em nenhum momento ela disse para eu ir trabalhar. Minha mãe trabalhava muito e meu pai era aposentado por invalidez. Ela era doméstica e sempre dizia para que nós estudássemos.

Mesmo trabalhando como doméstica, ela nunca deixava a gente ir “ponta baixo, ponta cima” para a escola. Ela sempre mantinha a gente direitinho. A gente nunca precisou ter vergonha de ir. Tínhamos cadernos, lápis, roupão. Só que mesmo assim, nenhum dos meus irmãos estudou. A única que estudou fui eu. Quando meus irmãos diziam que iam parar de estudar, parece que meus pais me forçavam mais, porque viam que eu gostava. Hoje, meus irmãos até se arrependem, mas nem adianta. Eles pararam na 3ª, 4ª série. Não tenho nenhum irmão que tenha a 8ª, mesmo com o incentivo da minha mãe. Eu não sei porque eles pararam de estudar, mas não foi para trabalhar.

Eu sou a irmã do meio e tenho uma irmã que não tem filhos e não estuda. Ela só tem a 2ª série e não quer estudar de jeito nenhum. Eu até digo para ela ir para a escola, mas ela não vai. As minhas irmãs não percebem o quanto o estudo faz falta.

Um tempo depois, mesmo com a morte da minha mãe, minha filha já estava maiorzinha e eu fui estudar no Getúlio, como já contei, mas com o negócio da gente trabalhar no salão, o horário era difícil de conciliar. Nos primeiros meses eu estava conseguindo chegar no 2º horário, mas depois não deu mais. A Flávia era sozinha e eu não tinha como dizer: “Preciso sair às 7 horas.” Às vezes eu conseguia, outras não. No salão a gente tinha muito pique e, com isso, eu chegava muito tarde na aula. Pensei e vi que teria que desistir. Não poderia chegar no colégio às 10 e sair às 11, perdendo muitas aulas. Agora, como já mudou muita coisa nos horários aqui do salão, fica mais fácil.

Quero fazer vestibular, mas ainda tenho muitas dúvidas sobre qual curso. Para Direito, talvez, é uma parte que eu adoro, ou então, Administração. Sempre gostei de administrar.

²³ Escola Estadual Mascarenhas de Moraes.

Eu tenho esse sonho de me formar em Administração e penso: “Meu Deus do Céu, como eu queria me formar! É a coisa que eu mais adoraria!” Até estou fazendo um curso ali na Exxatus²⁴ de Informática e comércio exterior.

Aqui no salão, eu faço a administração. Lido com a parte das fichas, recebo os pagamentos, marco os horários, faço o pagamento das gurias. Faço o balanço todos os meses para mapear o que entrou e o que saiu. Tudo isso sou eu quem faz.

Penso muito em voltar a estudar porque a escola sempre foi tudo. Sem a escola, tu não consegues ser ninguém. Agora, com o mercado de trabalho desse jeito, está cada vez pior. Eu acho que não dá para escolher gostar ou não gostar da escola. Ela é uma necessidade. Quem, na minha época, não pensava isso, se atrasou. No meu caso, se eu tivesse ido mais em frente, hoje estaria formada. Nem precisava estar me preocupando com escola. Poderia hoje, estar investindo em cursos, mas já estar formada.

A escola hoje é necessária por causa do mercado de trabalho porque cada vez está pior. Hoje não tem gostar ou não gostar de estudar. Ou tu vais ou tu empatas no tempo. A escola é necessária em todos os setores, para tudo, para qualquer coisa.

O mercado de trabalho abre mais as portas para quem estuda. Tu largas o Currículo nos lugares e eles preferem quem tem mais qualificação. Eu tenho uma conhecida que é gerente de uma loja e ela me disse assim: “Quando a gente está pegando os currículos para chamar alguém, tu podes ter até uma estrutura melhor de vida, mas se tu não tiveres estudo, não adianta.”

Então, com isso, tu vês que eles vão buscar alguém que tenha mais estudo. Tu entras em um serviço fazendo uma coisa, mas se tu sabes fazer outras, eles já te empurram para elas, mesmo não te pagando. Se tu consegues fazer e ter quatro, cinco cursos e a outra pessoa um, toda a vida tu estás na frente.

As pessoas conversam contigo e dizem assim: “Até que ano tu estudaste?” e tu respondes: “Estudei até a 2ª série.”

Até a 2ª série, tu és considerado um burro, as pessoas calculam assim. Podes não ser, mas é assim que tu és taxada. Se tu disseres: “Eu já sou formada. Já fiz

²⁴ Escola de Informática.

vestibular e passei. Estou numa faculdade”. Podes acreditar que já te tratam diferente. Hoje em dia, no mercado de trabalho, o que vale é o mérito.

Eu sonho para as minhas filhas o que toda a mãe diz. Quero que as minhas filhas tenham o que eu não tive. Mas daí eu me pergunto: “O que é que eu não tive?” Tive tudo, só falta eu querer conquistar mais.

Eu quero que as minhas filhas não desistam do colégio. Mesmo que amanhã elas venham a ter filhos, queria vê-las formadas. Gostaria de vê-las formadas, tendo o empreginho delas, não precisar fazer essa batalha que eu faço. O meu sonho é ver as minhas filhas formadas, não espero mais nada delas. Elas se formarem, é a minha felicidade, é o melhor que elas podem ter me dado, por mim e por elas. A nossa família, já é desestruturada por elas não terem um pai. Eu tenho uma sobrecarga porque eu sou pai e mãe. A minha obrigação com elas é totalmente direta. Eu não posso fazer rodeios com elas, porque se não, eu vou fazer elas se atrasarem. Não adianta colocar ilusões. Eu digo para elas que elas tem um pai, mas que nós não moramos juntos. Digo que a minha obrigação com elas é mais importante que a dele, porque a dele, por ele não vir vê-las, é só financeira. Eu digo para elas que amanhã ou depois, eu posso necessitar da ajuda delas e que se elas não tiverem um emprego, como vão me ajudar?

A minha mãe sempre dizia assim: “Eu não quero que vocês lavem chão”. Hoje, eu lavo chão, porque eu trabalho de manhã como doméstica e à tarde aqui no salão. Só que eu não queria isso para elas, porque eu sei como é cansativo. Eu não gostaria, mas se amanhã ou depois elas tiverem que sobreviver disso, eu não posso mandar contra. Porque eu sei que até com estudo, tem muita gente que não consegue muita coisa e necessita fazer isso para sobreviver. Mesmo que elas tivessem que trabalhar numa casa de família, eu gostaria de vê-las formadas.

Porém, eu vejo que as pessoas que eu converso pensam mais por esse caminho que a Flávia leva. Parar de estudar para trabalhar. Geralmente, as pessoas, se não conseguem realizar seus sonhos, tentam outra coisa, pois precisam sobreviver. Eu vejo as pessoas fazendo assim: “Sou formada nisso, mas eu não estou nessa área então, vou pegar outra.” Eu não vejo as pessoas pensarem em ir para a escola, se formar e pensar em subir na vida.

Na realidade, se as pessoas não aproveitarem até uma certa idade, terem a sua família montada, as coisas se complicam. No momento que começam a morrer

peessoas da tua família, tudo vai se desmontando. De repente, quem tem seus 12, 13 anos não pensa assim, mas se elas não aproveitarem esta fase, não terão outra. Com mais idade, já que não aproveitaram, quando tinham estrutura familiar, vão ter que agarrar o que tem.

Quando eu tinha meus 15 anos, mais ou menos, eu pensava: “Vou me formar nisso aqui. Eu tenho a minha mãe, eu tenho o meu pai, tenho isso, tenho aquilo.” Só que eu nunca imaginei que eu perderia. Quando eu perdi a minha mãe, eu perdi o pilar da família. Não que fosse só a minha mãe, mas a minha mãe era tudo. Nós éramos um círculo e ela nos rodeava. Nunca foi dividido entre o meu pai e a minha mãe. Era só a minha mãe, até porque o meu pai tinha uma deficiência²⁵.

Eu sempre admirei a minha mãe. Eu pensava: como ela consegue correr para todos? Quando eu fiz 17 anos eu pensei assim: “Eu engravidei, vou ter que trabalhar.” Eu achava que ela não podia sustentar a mim e à minha filha. Isso daí, já me desestruturou. E o que aconteceu? Tu vais pelos caminhos que podes na hora, que aparecem, mesmo que não seja aquilo que tu querias. Porém, eu acho que esse caminho é mais rápido financeiramente, para o momento. Em determinada situação eles conseguem cobrir aquilo, mas só que tu tens que pensar. As pessoas não conseguem “jogar” com os dois. Só que hoje em dia eu penso que tenho que “jogar” com os dois: o meu trabalho e o meu estudo. Eu tenho que montar o padrão da minha vida. As horas da minha vida, tenho que dividir para as duas coisas.

Na escola, antigamente, eram raras as aulas à noite. Quando eu era criança não lembro de ouvir falar nisso. Hoje em dia, a escola à noite te dá muita oportunidade. Foi criada para dar privilégios para as pessoas que necessitavam trabalhar durante o dia e não podiam, mas que também gostariam de se formar. E hoje, não. Hoje é ao contrário. Hoje tem muita gente que vai para a noite porque não querem se acordar de manhã cedo e ir para a escola. O outro, não estuda a tarde porque não quer ficar “indo para coleginho de tarde” porque não é criança. A escola à noite é vista totalmente diferente.

Vendo tudo isso, percebo que estudar e trabalhar é o que vai me levar mais rápido para o que eu pretendo, mas eu era para ter pensado nisso antes. A gente tem que parar e pensar que não pode perder tempo. **Não adianta só estudar ou só**

²⁵ Seu pai levou um tiro em um assalto no serviço e ficou com problemas motores.

trabalhar, no caso, para mim, tem que ser os dois. Chega uma certa etapa da tua vida que se tu não tiver trabalho, como vais manter teus estudos? Como que vais fazer um curso? Então, tem que aliar as duas coisas. Pra eu chegar mais rápido no meu objetivo, tem que ser os dois. Não tem outra opção.

Outro dia, eu estava comentando com a Flávia o que já aprendi aqui no salão. Eu aprendi a escutar as pessoas, conhecer histórias de cada um diferentes, ter a oportunidade de ver pessoas contando histórias de sofrimento que eu achei que a gente poderia ter sofrido tanta coisa e as pessoas estão ali contando histórias que nem se comparam com o que a gente sofreu. Tem pessoas que chegam aqui dizendo: “Hoje eu tenho, mas eu já passei por isso, isso e aquilo.” Mesmo não estando na escola, aprendi um pouquinho com a Fulana, um pouquinho com a Beltrana, aprendi assim. Porque não é que nem na escola que tu tens que aprender aquela matéria, não. **Eu catei um pouquinho de cada um. Acho que hoje, se eu consigo conversar, eu aprendi aqui no salão também.** Quando chega alguém falando uma palavra diferente, se eu não consigo perguntar para a pessoa: “o que quer dizer isso?” Eu vou procurar no dicionário. Porque eu acho que tem muita gente que fala ridículo, mas tem muita gente que fala bem. Eu aprendi muito aqui. Eu aprendi que as pessoas têm vidas totalmente diferentes umas das outras. Algumas coisas se aproximam, outras nem pensar. Mas no fundo, tudo é coisa de família. Toda a família tem seus altos e baixos. As pessoas têm histórias...

Aqui no salão tem um pouco de tudo. Quando eu entrei para cá, eu não sabia nada. Então, isso aqui, para mim, tem um valor imenso. Mesmo que eu nunca tivesse pensado em fazer o que faço aqui, mesmo essas coisas de administração, que eu nunca tinha feito com coisas de outras pessoas. Eu sempre lidei com as minhas, aquela coisa da gente. Vamos supor: eu tenho tanto, vou receber tanto, vou poder pagar isso e isso. Essa era a minha administração, mas eu nunca tinha lidado com a administração dos outros, com o dinheiro dos outros.

Eu não sabia nada e eu aprendi tudo. Não sabia lavar um cabelo, não sabia fazer uma unha, passar uma tinta. Por isso, pra mim, o salão é especial, mesmo eu nunca tendo pensado em estar nessa área. A pessoa não se vê naquele caminho e procura outro, por isso que eu digo, eu ainda tenho necessidade de voltar a estudar. Mesmo tendo procurado outro caminho, eu ainda

vou alcançar o meu objetivo. Eu quero estudar, quero me formar na área da Administração. Eu vou voltar a estudar, estou fazendo cursos para isso. Eu quero aliar uma coisa à outra. Quero alcançar o meu objetivo.

Ser “do lar” hoje em dia, te oferece o que? O lar é necessidade. A gente sabe que tem que ir para a casa, passar uma vassoura, então, nós somos obrigadas a arrumar uns minutos para isso. Não podemos ser do lar, hoje, pela estrutura de vida.

Eu acho que a saída da escola, não é culpa da escola. Eu não culpo a escola. Eu sei que são poucas negras bem estruturadas, mas como é que elas conseguiram chegar lá se elas são negras? Será que elas não tiveram um pouquinho mais de força de vontade que as negras que não conseguiram? **Por nós sermos mulheres negras, somos mais radicalizadas, mas se a gente não tentar a gente não vai chegar nunca.** Se tu pensares: “Eu nunca vou chegar porque eu sou negra”. Aí é que tu não chegas mesmo. Só que tu vais morrer dizendo isso. Sabe, na minha teoria, isso não existe. Independente de ser negra ou branca, eu sou mulher, igual. Se eu não demonstrar muito mais força de vontade do que uma branca, eu não vou chegar mesmo. Agora, se eu ficar em casa de braços cruzados, assistindo televisão e escutando música... o problema não é da branca que está lá em cima, é meu, que fiquei em casa.

Eu acho que a sociedade já excluiu mais as mulheres negras. Hoje em dia eu não me preocupo tanto com isso. Há racismo? Muito. Ainda há muito racismo. Só que hoje em dia, o racismo não te põe num tronco. Não existe mais isso.

As mulheres negras, por serem negras, elas que se prejudicam. Por mais que uma pessoa branca, loira, toda estruturada te bata com a porta na cara, nem todas as portas vão bater. Nem que seja uma, tu tens que tentar. Se tu não tentares, aí mesmo que tu não vais chegar. Aí, quem é a mais prejudicada é a mulher negra, porque eu vou te dizer uma coisa: eu acho que as mulheres negras, não todas, mas a maioria, tem pouca força de vontade. Nem sei porque.

A minha motivação vem das minhas filhas, dos conselhos da minha mãe e do falecimento dela. Eu sempre vou falar no falecimento da minha mãe, porque por mais que ela fosse doméstica, eu me lembro que com chuva, temporal ela dizia que ia trabalhar. Mesmo ela sendo doméstica, ela tinha muita força de vontade. Na época da minha mãe eu sei que era mais difícil. Ela foi obrigada a casar, foi posta

para fora de casa quando a minha avó descobriu que ela estava grávida. Comigo não aconteceu isso. Sempre pensei nisso. Estudei bastante sobre o racismo e sei que se a gente se anular, não é a Fulana de Tal que está lá em cima que vai vir te buscar. Se ela chegou, a gente pode chegar também. Eu posso não chegar a tanto, mas eu posso ter um pouco mais do que ficar em casa lavando roupa, areando panela, de lenço na cabeça, aquelas coisas. Eu até posso ser do lar, ser a negra dentro de casa, porque não é só a negra que é do lar. O que me fez mesmo pensar diferente foi tudo isso, aliás eu já não penso mais assim, eu quero colocar em prática. **Eu posso até não conseguir, mas eu vou tentar.**

4.3. ... com a Márcia

Quando eu era pequena, a minha mãe pegava, lavava o meu cabelo com todo aquele ritual e colocava óleo de mocotó na cabeça da gente. Tinha um cheiro horrível. Esse óleo era para hidratar, porque era a única coisa que deixava o cabelo bem maleável. Depois ela lavava uma, duas, três vezes. Naquela época não tinha esses xampus que tem agora. Era sabão grosso mesmo. Lavava, lavava... Depois por último, apareceu o sabonete Gessy. Nessa época eu tinha uns 7 ou 8 anos, foi assim até os meus 10 anos, final da década de 70. Depois foi melhorando, foram aparecendo os xampus como existem hoje.

Minha mãe lavava o meu cabelo com várias águas, depois secava, secava, secava... deixava a gente no sol para secar o cabelo. Daí, ela pegava aquelas latas de vaselina. Tinha todo o processo de lavar, secar o cabelo e dividir em mechas. Levava horas, porque eu tinha uma estrutura de cabelo muito grande. Depois disso, vinham as vaselinas. Antigamente, as vaselinas vinham em umas latas grandes, enormes. A mãe pegava, abria aquilo ali e passava bastante. Esquentava um ferro que tinha um cabo de madeira e passava mecha por mecha. Que nem se passa a chapinha baiana, só que era um ferro. Aquilo era uma coisa temporária, se molhasse voltava ao normal. Só que ficava belíssimo assim.

A minha mãe nunca quis deixar o cabelo da gente solto. Ela já passava aquilo e já trançava, era uma trança de cada lado. **Ela não queria deixar solto porque**

dava trabalho. Criança é mesmo desajeitada, daqui a pouco já está toda descabelada. E como era um número muito grande de cabelo, ela ia ter que levantar no outro dia e pentear, fazendo isso todos os dias. Para ela era muito ruim porque ela trabalhava. Minha mãe costurava para fora, então, ela tinha imensas pilhas de costuras e por isso, não tinha tempo. Fazer esse penteado era mais prático. Ela fazia todo aquele ritual e penteava. E o que acontecia? A gente ia pro colégio penteada, voltava do colégio e não desmanchava, botava o lencinho de novo e assim era uns dois ou três dias. Lá pelo terceiro dia, tinha todo o ritual de novo.

Eu e a minha prima passávamos por isso. Minha mãe fazia na minha prima, porque a minha tia não cuidava muito do cabelo dela. A minha tia não trabalhava, na verdade, não é que ela não tinha tempo, ela não tinha paciência. O cabelo da minha prima, já tinha uma origem melhor. Não dava tanto trabalho como o meu. Nós passávamos pelo mesmo ritual.

Até os 15 anos, a minha mãe cuidava do meu cabelo. Coitada! Ela tinha esse sacrifício. Eu achava horrível aquilo, me sentia violada porque eu era obrigada a me pentear daquele jeito. Quando eu fiz 15, 16, até uns 17 anos eu ainda usava assim, preso. Até os 15 anos eu usava o “telefone”, depois comecei a fazer trança de raiz, aquela trança única e daí começou a melhorar. Tu ficas mais vaidosa devido a tua idade. A vaidade vai fluindo.

Quando eu fiz 18 anos, eu fiz uma bobagem. Cortei o meu cabelo porque eu não agüentava mais aquela coisa de alisar a quente. Cortei e comecei a usar natural. Daí começaram a surgir os henês da vida, as pastas frias.

Eu tinha uns 18, mais ou menos, em 85, 86 eu comecei a conhecer outros produtos. Usei pastas frias, horríveis, por volta de três anos. Havia os “Percis”, ali na Loréa.²⁶ Eram três homens: o João, o José Carlos e o Augusto. **Os Percis, eram cabeleireiros e eles usavam essa técnica, das pastas frias, no cabelo da gente. Era uma coisa que deixava bonito, mas castigava muito, porque, se ficasse muito tempo no cabelo, queimava o couro cabeludo.**

Os Percis eram especialistas em cabelo ruim e eram negros. Para eles, aquilo era uma coisa muito comercial. Eles tinham aquela pasta fria, que vinha em uns potes. Chegava lá, eles partiam o cabelo e passavam aquilo. Tinha um cheiro horrível, amoníaco puro. Lá nos Percis, acontecia uma coisa muito engraçada, que

²⁶ Uma rua do centro da cidade do Rio Grande.

eu nunca esqueci. Antigamente, os volantes de Loteria eram grandes e para proteger as orelhas do produto, eles colocavam volantes de loteria. Tu ficavas sentada com aquilo na cabeça e volantes de loteria nas orelhas. Depois, tinham uns tanques de água fria. Colocavam a cabeça da gente embaixo da torneira fria, mesmo no inverno. Nem sei se era caro, mas acho que devia custar uns 10 cruzeiros, aquele dinheiro vermelhinho. Acho até que não era caro. Era um preço acessível para a gente. A minha mãe, uma vez por mês me levava nos Percis.

O meu cabelo caiu um pouco e de vez em quando abria umas feridinhas, uns negócios. Ardia e a tua cabeça ficava queimada. Depois, dali há um mês quando tu ias alisar o cabelo já estava com uma cor meio estranha, meio verde. Esse produto alterava a cor do cabelo. Por eu ser meio sarará, ficava uma coisa meio confusa, mas a gente não tinha outra opção. Na verdade tinha, se a gente aderisse à trança, essas coisas assim... mas pra gente, aquilo trazia facilidade. Tu ias ali, fazias e depois enrolavas. Ficava bonito. Só que o teu cabelo começava a crescer e já tinhas que ir lá novamente, para fazer a raiz.

Na minha trajetória foi assim: primeiro usei as pastas frias, depois que eu saí do ferro quente. Eu cortei o meu cabelo e logo em seguida elas começaram a aparecer. Nós íamos nos Percis e eles passavam aquilo. Deixavam a gente um tempo, que eu não me lembro, acho que talvez uma hora e aquilo, dependendo da tua pele, te queimava. Era um amoníaco puro. E, às vezes, o teu cabelo ficava com uma cor meio esquisita, meio esverdeado. Algum tempo depois, começaram a aparecer os henês.

O henê foi um grande achado. Eu usei uns 10 anos, quase 15. Foi a melhor era da minha vida. O meu cabelo nunca foi tão lindo. O henê dá uma facilidade. Ele moldava o teu cabelo. Era um preparado a partir de um pó que a gente colocava para ferver, geralmente em uma canequinha de porcelana, porque no metal ele desandava.

Para passar henê, também tinha um ritual. Tu colocavas o pó, colocava água e ficava fervendo meia hora mais ou menos. Primeiro, leva uns 5 minutos para ebulir e uma meia hora fervendo e a gente tinha que mexer. Ele ficava feito um creme negro, como um creme de maisena, só que era preto. Nós usávamos. Colocávamos no cabelo e deixávamos uma hora, até mais. Às vezes, dormíamos com henê na

cabeça. Dizem que era errado dormir. Daí, com tudo isso, o meu cabelo foi se domando.

Claro que a gente ainda usava o ferro quente para dar aquele acabamento. Depois, foi aparecendo a chapinha baiana. Com um certo tempo, menos de dez anos para cá, começou a aparecer essas outras modalidades: a chapinha elétrica, além das escovas e dos Brauns (modeladores).

Nos anos 90, foi um grande “boom” dos produtos. Eram as pastas frias, só que aprimoradas, com perfumes. Estes produtos, já não causavam tanta alergia. Podem, apenas, provocar a quebra dos cabelos. Não atingem a raiz, mas o cabelo fica aquele toquinho. Eu mesma, no ano passado, usei uma que me deixou com um centímetro de cabelo, aqui na frente. O meu cabelo, graças a Deus, é muito forte. Por que o que acontece? Tu ficas até numa certa ignorância. Quando aparecem as coisas, tu queres experimentar tudo. Então, eu já usei muitos cremes, mesmo depois da chapinha, para alisar. E alguns, não se deram no meu cabelo. Tu queres usar tudo porque tu tens uma esperança que alguma coisa vai te dar aquele “boom” e tu vais ficar assim, alisado no ato.

Wellachic era terrível. Torturou o meu cabelo. Deixou o meu cabelo feito um bombril. Glatt eu não cheguei a usar, mas já ouvi falar. Eu já passei coisas que até Deus duvida, na minha cabeça.

No meu caso, o que me levava a usar um produto, era uma coisa meio desesperadora. Com o passar do tempo, tu vais te adequando ao teu cabelo. Agora mesmo, eu uso chapinha e pinto e, com isso, estou satisfeita. Eu não tenho mais aquele desespero. Quando eu era adolescente eu queria achar um produto milagroso que fosse fazer o meu cabelo ficar melhor. E graças a Deus, de tanta coisa, o meu cabelo foi melhorando mesmo. Hoje em dia, mesmo com todos os cuidados que a gente tem que ter, já não é uma coisa desesperada. Quando tu amadureces, não sei se todas as pessoas, mas no meu caso, eu fui amadurecendo e me aceitando.

Eu também batia no liquidificador abacate com mel e eu faço até hoje. Só que assim, o abacate com mel tem que ter uma dosagem para fazer direito, se não, ele gruda no teu cabelo e não tem mais jeito. Então, tu colocas um pouquinho de abacate e bate com aquele mel, no liquidificador. Ele fica bem maleável. Coloca meia hora e tira.

Na verdade, o meu dilema nunca foi a cor, eu até queria ser mais preta, porque eu adoro a minha negritude. O grande dilema da minha vida era o cabelo duro. Eu não aceitava aquele cabelo. Eu sei que tu Aline, também passaste um pouco por isso. Ainda mais tu que tens uma tez mais clara.

Quando nós conversamos sobre as nossas brincadeiras de criança, tinha aquela em que eu colocava a toalha e enchia de grampos, para fazer um cabelo comprido e com balanço. Parecia um árabe. A gente colocava músicas, naquela época, nos rádios, qualquer coisa e saía dançando e sacudindo o “cabelo”. Colocávamos um salto alto, dançava e me rebolava. A gente se sentia o máximo, ia pro espelho e cantava. Fazia coisas mirabolantes.

A minha vivência com a minha cor é bem dividida. Eu nunca me importei que me chamassem de negrinha. Eu gostava da minha cor, mas do meu cabelo... Que nem a gordura. Ser gorda para mim, nunca foi problema, nunca tive aquele recalque: “Ah! Meu Deus, eu sou gorda!”. Sempre me aceitei. As pessoas que aparecem na “Casa dos Artistas”²⁷, algumas delas, dizem que acham péssimos, outras, se amam. Eu me amo. Eu sou uma gordinha feliz. Claro, estou sempre me cuidando para não ficar enorme, por uma questão de saúde. Eu acredito que, quem gosta de mim, gosta com a minha estética, do jeito que eu sou. Só que o meu cabelo... Havia uma frase que eu usava, mas de uns anos para cá eu perdi o costume de dizer: Eu podia ter um cabelo melhor.

Eu não falo mais isso. Hoje em dia, eu me aceito. **As limitações do meu cabelo, para mim, são normais. Para que isso acontecesse, precisou um processo de conscientização de mais de 20 anos. Desde que eu me entendo por gente.**

O que reforçava mais a minha aversão ao cabelo era a dificuldade de cuidar e todo o sofrimento que eu passava com a minha mãe, quando criança. A minha mãe trançava a gente nas pernas e nós não queríamos. Ela passava o ferro quente e nós tínhamos medo do fogo. Graças a Deus, ela nunca nos queimou, mas eu tinha medo daquilo. Eu achava que o ferro ia me queimar. Era uma tortura. Eram 4, 5 horas naquele processo. Primeiro, vinha o óleo, passava, lavava uma, duas... tu já estavas com a cabeça doendo e lavava e lavava. A minha mãe, coitada, não tinha outra escolha ou ela deixava o cabelo “tinhosa”...

²⁷ Programa de TV sob o formato de Reality Show.

Ficava alto demais. Era o triplo do *Black Power*. O meu cabelo tem uma força terrível. Ele cresce horrores. Para mim, todo aquele ritual com a minha mãe, era um sofrimento e ela, coitada, não tinha escapatória. Ela era muito caprichosa. Ela não admitia que a gente ficasse sujo, mal penteado, para ela ficava horrível. Ela dizia: “Pobre é uma coisa, sujo é outra.”

Para matar os piolhos, minha mãe colocava Neocid. Não sei como é que a gente não morria. Eram umas latinhas verdinhas. Nunca vou me esquecer daquilo. Esta é uma das coisas que a gente guarda na memória. Ela abria aquela lata e passava no cabelo da gente, depois colocava um pano na cabeça e dizia: “Fica aí, não te mexe”. Ela dizia isso, pro Neocid não cair nos olhos da gente. Ficávamos no sol, sempre no sol. Acho que é por isso que eu não gosto de sol hoje em dia. Dali há uma meia hora minha mãe vinha, tirava, lavava, lavava, lavava e passava limão. Ainda tinha a história do limão.

O limão tirava o cheiro do Neocid. Então, minha mãe passava na nossa cabeça. Espremia bem num pano e passava o pano. Coitada, ela sofria muito com isso. A minha mãe ficava cansada de cuidar a minha cabeça. Às vezes, tinha que fazer, também, na minha prima, imagina só.

Eu tenho um irmão, mas ele teve sorte, saiu com um cabelinho melhorzinho. Um pouco antes de servir o quartel, ele usou um *black power* bem grande, mas o dele não era ruim. Era um cabelo misto que nem o do meu pai. A minha mãe não tem cabelo ruim, nem a família dela. A família do meu pai, sim. O meu avô era banto, bem preto. O pai da minha mãe também era. Acho que eu puxei um pouco ao pai da minha mãe, mas engraçado que ele era preto e o cabelo não era ruim. O do meu pai, eram negros bantos, bisavós, avós... já a minha vó era mulata. Então assim: metade da família da minha vó, mãe do meu pai, era bem preta e a outra metade era branca. Eu tenho uns tios bem claros. Poucos ainda estão vivos. Toda a família do meu pai lá de Jaguarão, é bem escura. Os que são bem escuros têm cabelo razoável e os que são bem claros, tem cabelo ruim. E eu herdei essa parte: eu não sou muito escura, nunca fui muito preta, mas o cabelo bem ruim. As minhas tias, irmãs do meu pai, o cabelo é ruim.

A minha tia que faleceu, nunca usou cabelo. Ela sempre usou bem curtinho. Sempre, sempre, desde que eu me conheço por gente. Eu sou bem parecida com ela. Quando eu raspei o cabelo, todo mundo dizia que eu era filha dela. Ela sempre

se aceitou assim. Agora a outra, já usou várias coisas. Hoje em dia mudou, porque ela não tem muita saúde, então, ela cortou. Ela tem vários problemas de coração e já não tem mais aquele gosto de cuidar o cabelo, por isso corta bem curtinho.

Porém, nos anos 60, início dos 70, que ela era jovem, colocava umas perucas daquelas de guriazinha. A minha tia, teve um grande “boom”. Ela foi para Porto Alegre e lá, pegou todo aquele modismo da mini-saia, da peruca. Ela não assumia o cabelo. Colocava uma redezinha e “paf”, a peruca na cabeça.

Mesmo sendo interior, aqui já existiam muitos produtos, mas eram muito caros. Não eram todas as pessoas que tinham acesso. Essa coisa mais de banalidade, de tu até encontrares no “1Real”²⁸, é coisa de agora. Agora popularizou. Antigamente, era uma coisa que se distinguia pela parte financeira. Se tu não tivesses dinheiro, não poderias usar.

No colégio, os guris têm aquelas brincadeiras. Eu ficava muito louca. Isso me deixava irritada. Eles diziam: “Olha o telefone!! Bléin!!” Isso acontecia mais, quando eu fiquei maior com 11, 12 anos. Porque os pequeninhos não são muito assim. Engraçado para tu veres como a criança é ingênua, que eu nunca sofri, que eu me lembre, racismo entre os coleguinhas branquinhos que tu tinha no 1º, 2º e 3º ano, mesmo estudando na escola particular e sendo bolsista.

Havia muitas meninas negras que usavam esse penteado na minha escola. Era uma coisa bem da época. Isso, na escola pública, porque lá havia bastantes colegas negras no meu tempo de guria. Claro que a minha mãe não era muito talentosa. Ela não tinha aquela habilidade que os negros, em geral, tinham de trançar. Quando ela não fazia o “telefone”, fazia um puxado com tranças que ficavam duras. Aquilo ficava duro assim, trançado uma de cada lado, mas duro. Aquilo caidão. Colocava uma fita na ponta e aquilo ficava duro. Era só assim, porque ela não tinha muita habilidade. As minhas coleguinhas negras, também penteavam do mesmo jeito. Quanto a isso, a minha mãe era uma pessoa muito caprichosa, porque não eram todas as mães que tinham paciência. Algumas mães deixavam micoca.

Nunca sofri racismo direto. Não sei se é porque eu tenho esse lado assim muito alegre e diversificado. Eu sempre costumo dizer para as pessoas em geral, que eu nunca sofri preconceito direto, mas talvez tenha sofrido por outra via.

²⁸ Lojas que vendem produtos variados por R\$ 1,00.

Tinha aquela coisa de colégio: “Tu é neguinha”, mas aquela coisa de não entrar em algum lugar por ser negra, nunca passei. Talvez isso seja um privilégio meu. Preconceito velado, sei que existe, mas direto nunca sofri.

Se alguém chegar para mim e disser: “Sua negra”, eu vou responder: Muito obrigada, com muito orgulho. Eu não faria que nem o Grafite²⁹ fez, um fiasco. Eu diria para ele: “Olha, pro teu governo, este negro que tu estás me dizendo é um orgulho, não é uma ofensa. Quando tu falas negro, tu estás ressaltando a minha raiz. Muito obrigada.”

Eu não ia fazer esse escândalo todo. Eu não gosto quando o movimento negro coloca-nos como coitados. Tudo bem, o negro foi arrancado de sua raiz por força bruta e não teve como reagir porque ele tinha uma cultura à parte, ele era mais “atrasado”, no sentido de armamento. Ele não tinha conhecimento de como se defender daquilo, embora fossem em grande número. Por que os portugueses foram lá? Justamente porque os negros tinham uma estrutura física mais preparada para o trabalho e porque eles tinham uma cultura considerada inferior. A mentalidade deles, apesar de eles serem inteligentíssimos e terem uma cultura muito rica, em termos de armamentos, eles não tinham conhecimento em relação aos europeus. Eles tinham conhecimento para viver lá, nas terras deles. Eles nunca haviam saído de lá. Ninguém foi pesquisar fora dali e nem havia essas coisas na época. Na verdade, era uma coisa tribal. O pai passava para o filho que o recebeu do avô.

Eu não gosto disto que o movimento negro faz algumas vezes, porque **eu não me sinto uma coitada por ser negra. E nem me sinto diferente.** Na minha facilidade, eu conquistei o meu lugar e é esse. Quem gostar de mim e querer me aceitar, vai ter que ser assim, ou não. Se tu não gostares de mim do jeito que eu sou, azar é o teu. Eu acho que tudo é, primeiro, tu teres um amor próprio. Às vezes, as pessoas se acomodam, não reconhecem o seu potencial.

Outra coisa: profissão Dona de Casa. Profissão esposa, não dá. Eu não sei se é uma coisa muito radical, mas eu acho que a mulher que não tem o seu próprio dinheiro, que não é dona do seu dinheiro, da sua renda, por menor que seja, se anula.

Mesmo com toda a evolução que houve, isso se agrava na mulher negra. Depois daquele “boom” que houve da pílula, de tudo, da evolução feminina, na

²⁹ Referindo-se a um caso de racismo, sofrido por um jogador de futebol, veiculado na mídia.

mulher negra ainda é mais constante. Em todas as mulheres, mas na negra, é mais. Se tu chegares aqui na vila, atrás da Universidade, a maioria das mulheres não trabalha. Sei que o emprego é difícil, mas elas ficam tendo filhos, tendo filhos e depois vão pedir. O marido, às vezes, não trabalha e, quando trabalha, ganha uma miséria. Hoje em dia, não é concebível uma coisa dessas, pois tu tens informações. Não é mais o tempo da minha sogra que teve 18 filhos, criou 15 e perdeu 3.

Mesmo que a minha sogra sempre tenha trabalhado, quando dava, entre um filho e outro, com tudo isso, ela estava aposentada, mas doente. Ela nunca foi dona da vida dela, sempre viveu cuidando dos filhos e do marido. Eu acho que uma mulher branca, negra, qualquer mulher, coloca-se um rótulo se faz isso. Enfrentam caladas problemas de alcoolismo e ainda dizem: “Tenho que aguentar, vou ir pra onde?” “Que horror! O que eu vou fazer da minha vida se eu me separar dele?” Isso me dá uma tristeza tão grande. Acho que isso é uma coisa que, se tu quiseses, tu mudas. Tu e ninguém mais. Não é o governo, não é o Lula, nem o Janir o prefeito. Tu que mudas. Quem não muda, morre para o mundo.

Sei também, que a mulher sozinha é mal vista. Chamada de solteirona e tal, mas sabe uma coisa, eu ficava vendo a minha mãe até às 6 horas da manhã trabalhando, tinha dias que não dormia, ali, na máquina para ajudar o meu pai que era pedreiro e, graças a Deus nunca foi vagabundo. Vejo o sacrifício que a minha mãe teve e muito cedo ela começou a dizer para mim: “Minha filha, vai trabalhar. Vai fazer um curso. Vai estudar um pouco mais para tu fiques numa situação melhor. Para não passares o que a mãe passou.” Minha mãe sempre me incentivou a ter uma vida diferente. Sempre tive mãe e pai presentes, até hoje nesta idade que eu estou.

Minha mãe me diz: “Minha filha, mulher que não é dona do próprio dinheiro, que não é dona de suas próprias coisas, vai ser sempre segregada. Vai ter que agüentar tudo.” O meu pai, sempre viveu numa maravilha com a minha mãe. Ela diz: “Eu não tive um bom pai, mas eu tive um bom marido. Só que eu nunca dependi do meu marido. Se eu quero comprar um presente pro teu pai, eu vou à loja e compro. Eu não preciso pedir dinheiro para o teu pai e comprar um presente para ele.”

A independência da mulher é uma coisa absoluta. Não para provar que ela é superior, mas para uma realização pessoal. Tu teres a tua independência. Na vida tu

amas, todo mundo quer ter um companheiro, eu tenho o meu, tu tens o teu Aline, mas de repente se achar que não dá para continuar, quer ir embora, vá. Tu não ficas a Deus dará. Assim, por exemplo, uma pessoa ser casada e ter conta conjunta. Comigo não funciona. Eu tenho a minha conta, meu companheiro tem a dele. Nós somos independentes e vivemos muito bem. Se eu não tenho, ele me empresta e vice-versa. Ele pode até ir pegar na minha conta, mas eu fico sabendo o que acontece.

Eu costumo dizer para as gurias que sou uma negra muito orgulhosa da minha situação. Eu só lamento profundamente não saber de onde vim. Os alemães sabem que vieram lá de “Hamburgo”, que ele é da família “Haus”³⁰, por exemplo. Eu não sei se eu vim da Guiné, se vim do Cabo Verde e isso é uma coisa que me frustra muito. Não é uma coisa desesperadora, mas sinto falta de não ter buscado minhas origens. Claro que, financeiramente é impossível eu montar a minha árvore genealógica. Foi muito triste a cultura negra ter se perdido tanto.

O negro, no meio daquela revolta de ter sido arrancado do seu país, deixou muitas coisas e o que aconteceu? Pela opressão, eles não podiam mais viver a sua cultura. Então foi sendo morta, sendo morta e morreu. Nós temos um Quilombo aqui no Sul e seria um orgulho eu dizer que vim de lá, ou então, um dia falar assim: Vou na Guiné visitar o meu parente.

É importante ter uma curiosidade para o mundo e se aperfeiçoar. **Não sei se é porque eu já me enquadrei numa sociedade diferente. Aqui na Universidade é diferente. Quando tu vives num meio assim, automaticamente tu adquires uma personalidade diferente, pois estás com pessoas de maior sapiência. Tem pessoas com mais experiência, socialmente falando. Cultura não é necessariamente tu ires para a escola, é tu leres um bom livro, conversar...**

³⁰ Achei interessante que, mesmo sendo uma hipótese da Márcia, dada no momento, esta palavra, em alemão, significa “casa”.

5. Salão de beleza da Flávia: o lugar dos achados

Caracterizando o salão de beleza, referido neste estudo, como um espaço comparado a um “coreto” onde as mulheres podem se expressar, temos figuras e objetos significativos. No salão, a Flávia, na verdade, tem dupla faceta: administração e matrilinearidade. Como uma grande mãe, centraliza o poder ao seu redor. Sob seu olhar, nada escapa. Desde os cortes e maquiagens até as conversas. Geralmente, ela tem um espaço de destaque no lugar, e quem chega, como no ato de “pedir a bênção”, conta-lhe resumidamente o que deseja. Quem divide este espaço com ela é a Michele, sua auxiliar. Mas, mesmo assim, ao falar com a Michele, a maioria pergunta: “A Flávia está?”

Após acertos e o apontamento do nome da cliente³¹, carinhosamente conduzem-na a um lugar de espera onde sempre há um assunto interessante em pauta. Já neste ato de registrar o nome de quem frequenta o salão, encontra-se a necessidade de respeitar aquilo que é individual, mesmo que todas aquelas que ali estão inscritas, tenham um objetivo comum: cuidar da sua aparência. Chamar pelo nome é indispensável.

Mesmo sendo uma líder que se diz desajeitada para a função, a Flávia conduz o trabalho da equipe com firmeza, dividindo o ofício com as demais. Envolve-se no trabalho, conversando e conhecendo cada uma daquelas que entram ali. Como líder religiosa³², conduz as tarefas fazendo sempre, parte delas. Não pára um instante, seus olhos circulam com eficácia e amorosidade por todos os cantos. “Médium e guru”, conta seus sonhos e a necessidade de ingresso no mercado de trabalho, o que conduz ao aperfeiçoamento na profissão e abandono de outros sonhos. Constrói sua vida entre mulheres, tesouras, conversas, pinturas, alegrias e frustrações. Sempre diz que adora o que faz e que se sente um pouco psicóloga daquelas que se sentam no “divã” para o corte de cabelo ou para a chapinha baiana.

³¹ Durante a escritura deste texto, venho usando essa nomenclatura para as mulheres que frequentam o salão, pois é a forma com que são chamadas, tanto pela Flávia quanto pela Michele. Sem entrar na discussão do termo, resolvi mantê-lo, por este motivo.

³² Flávia é africanista.

O salão de beleza que administra, leva seu próprio nome: Flávia Cabeleireira. Coluna forte, para suas companheiras. Por vezes, troca de posição com uma delas ou alguma cliente, onde sem medos mostra suas fraquezas, cresce como pessoa e ajuda outras a crescer.³³

O salão é bem dividido: um espaço para as mãos e pés, outro espaço para cabelos, sobrancelhas, maquiagens. Mesmo que “didaticamente” organizado, até porque cada um requer utensílios diferenciados, de forma alguma, as mulheres deixam de ser vistas em sua integralidade. Ter os cabelos acariciados ou repicados pela tesoura, para as mulheres, é uma terapia.

Os acentos são extremamente confortáveis, coloridos, harmônicos. A música atende àquilo que supostamente as clientes gostariam de escutar. Comentar as novelas, mais do que ser “papo de madame” é o pontapé inicial para que as “novelas da vida real” sejam expressas.

Os espelhos estão por toda a parte. E aquelas que ali entraram, querendo fugir deles, agora fazem deles grandes aliados. Se vissem a alma de cada uma e pudessem revelá-la certamente seria um depoimento na chegada e outro totalmente oposto na despedida. Os rostos sisudos ou descontentes que eles refletiram no início, agora estão se transformado em plenos sorrisos, por vezes, até mesmo em lágrimas de satisfação.

Essa “oficina da beleza” confirma a necessidade de sua existência pela ação que pratica na vida das mulheres que as freqüentam. Pelo nome, poderíamos inferir um significado meio grotesco. Se oficina é o lugar que lembra um espaço onde deixamos algo que está ruim, estragado, lá chegaria uma beleza estragada, com problemas, ofuscada, e de lá sairia uma nova beleza, senão assim, pelo menos restituída. Luft, traz um significado sob outro prisma: “Oficina: é o lugar onde se exerce um ofício.” Que ofício é este, para além do ofício de cabeleireira ou manicure? O ofício de conhecer.

Bem mais do que garantir que haja a transformação dos rostos cansados, das mãos, das “madeixas”, essas mulheres, em simples conversas, deixam à mostra seus processos identitários e interligam-os entre si. Cada espaço do salão, que pode

³³ Eu mesma, enquanto uma das freqüentadoras assíduas do salão já lavei o cabelo da Flávia e da Michele. Ambas iam dando as dicas de como eu poderia desempenhar melhor minha função de “cabeleireira por um dia.”

ser desde uma luxuosa sala até uma simples repartição ao fundo de uma galeria³⁴, é um mundo a desvelar.

No espaço destinado às mãos, manicures-pedicures-conselheiras e suas clientes pelo, às vezes dolorido, contato das mãos, vão dividindo conversas, sonhos e segredos. O contato das mãos, símbolo da união e da luta, nesta hora de embelezamento representam a sintonia entre as duas e a cumplicidade com que vão se revelando. Mesmo que seja dolorido este contato, o toque do consolo, o algodão embebido em água morna, trata de reparar o problema. Se já se conhecem, flui uma conversa mais solta. Os maridos, o trabalho, os filhos, a casa, são sempre pauta. No toque das mãos, cansadas ou calejadas, que lá chegam com as marcas do dia-a-dia, há uma relação muito amorosa, a saída pode ser comparada à existência de mãos novas.

De forma alguma, as causas individuais deixam de existir no momento das trocas, mesmo algo que se assemelhe à sua companheira é carregado de características peculiares e as falas tomam o rumo de uma grande corrente de solidariedade, onde todas entendem, porque afinal se não passaram pela situação, tiveram “uma conhecida” que já passou e isto já torna o problema seu, também.

Percebo então que as “manifestações das consciências femininas”, seja pelo encontro de pares étnicos, seja pelos objetivos comuns de embelezamento, trazem a intenção de delinear “um campo de limites e possibilidades.” (MELUCCI, 2001, p. 108). Este lugar tem colocado em xeque, mais uma vez, algumas concepções já arraigadas nas estruturas sociais. A diferença proporcionada pelas estruturas sexuais, que tornam justificativas para a perda de espaços e subordinação nas relações, passam a ser questionadas ao invés de ser simplesmente aceitas. Assim como a interrupção do processo escolar, não é fator determinante para o insucesso. Neste sentido, semelhantemente ao que é proposto pelo movimento de mulheres institucionalizado (ONGs, setoriais de gênero etc), as mulheres que trabalham e freqüentam o salão de beleza têm lutado pela liberdade de ser.

No salão de beleza, o todo é formado a partir dos olhares de cada uma, sem esquecer-las. Há o objetivo comum em embelezar-se, mas cada uma dentro de sua singularidade recebe tratamento especial.

³⁴ Durante a pesquisa o Salão da Flávia mudou de endereço, permanecendo na mesma rua e à frente da Praça Tamandaré.

Os maridos, os filhos e a sua vida, como já disse, estão sempre em pauta, sem a rigidez dos protocolos. Percebo que há muito que se aprender em visitas a estes espaços da beleza. Talvez esse contato, proporcione um olhar mais plural e menos homogeneizante da mulher e da sociedade.

6. Articulações femininas: cortes e recortes.

Em um estudo sobre as leituras de escola, percebidas a partir de conversas com mulheres que trabalham ou freqüentam um salão de beleza de cultura afro na cidade do Rio Grande, parece oportuno referenciar, em linhas gerais, a trajetória, ao longo do século XX, para a consolidação de espaços de articulação das causas femininas. Por certo, os primeiros enfrentamentos em torno destas temáticas, não envolveram o contingente de mulheres afro-brasileiras, porém, este fato não invalida, neste estudo, a importância da discussão das questões de gênero, já que estas, propiciaram, mais efetivamente, que outras como etnia, viessem à tona, para além das lutas de classe.

Neste contexto, cabe ressaltar que, também em um breve histórico, farei referência a discussões eminentemente próprias ao discurso de gênero e etnia e ao movimento feminista negro, que teve visibilidade, há poucas décadas. Para discutir a categoria gênero, apresentarei os estudos de Louro (2004), Eggert (2003), Meyer (2003) e Muraro (1993). Especificamente sobre os salões de beleza de Cultura Afro e a proposta de compreender gênero e etnia através deles, apresento as leituras de Gomes (2003).

Segundo Louro, os estudos feministas preocupam-se em discutir relações de poder. Ainda segundo a autora, os gêneros são historicamente produzidos. Por ser assim, imagens e leituras de homens e mulheres longe de serem naturais, são uma produção cultural. Para Meyer (In. LOURO et. al., 2003, p. 11):

nada é “natural”, nada está dado de antemão, toda verdade – mesmo aquela rotulada de científica – é parcial e provisória e resulta de disputas travadas em diversos âmbitos do social e da cultura e pode, por isso, ser questionada.

Dentro desta contextualização e reconhecimento da condição de dominação da mulher, ações coletivas ou isoladas, dirigidas contra essa opressão, podem ser observadas em diversos momentos históricos e de diversas formas.

Mesmo sendo poucos, já na Antiguidade há o registro de um “centro para formação intelectual da mulher”, uma escola fundada por SAFO, poetisa grega,

nascida em Lesbos (daí o termo lésbica), no ano de 625 a.C. Esta mulher foi reconhecida entre os grandes nomes da literatura na Grécia Antiga, por seus poemas sobre o amor e os deuses. A escola que fundou parecia ter como objetivo o cultivo da música e da poesia ou, então, cultuar a deusa Afrodite. Safo escreveu nove livros com odes entre outras obras, das quais restam poucos fragmentos. Consta que Safo era homossexual.

Como a Doce Maçã

“Como a doce maçã que rubra, muito rubra,
lá em cima, no alto do mais alto ramo
os colhedores esqueceram; não,
não esqueceram, não puderam atingir.”³⁵

Mesmo com essas manifestações e outras, referindo-me a momentos desde a Antiguidade³⁶, um movimento social feminista organizado, remete-se usualmente apenas ao séc. XIX e no Brasil, especificamente, a partir de 1890.

³⁵ Fragmento de uma poesia de Safo.

³⁶ Na Grécia, a mulher tinha uma posição semelhante à do escravo no que diz respeito à execução de trabalhos manuais que eram extremamente desvalorizados pelos homens livres. As únicas mulheres que tinham direito ao “cultivo das artes” eram as hetairas, pois, como cortesãs, deveriam tornar-se boas companheiras para os homens nos seus momentos de lazer. “A mulher grega não tinha acesso à educação intelectual” (ALVES & PITANGUY, 1984), nem a participação pública, como já foi descrito. Porém, as mulheres Atenienses não eram totalmente “reclusas” em suas moradias, se bem que muitas descrições sobre elas, com exceção das hetairas, dizem respeito às suas funções domésticas, alheias aos acontecimentos políticos, à vida pública. As manifestações religiosas eram um momento de saída das casas, liberdade vigiada. As “mulheres do povo”, ou seja, não integrantes dos grupos oligárquicos, freqüentemente eram obrigadas a trabalhar e vender seus produtos nos mercados, mesmo assim, a liberdade da linguagem, da expressão, ainda lhes era vedada. Mesmo freqüentando um espaço público, as mulheres não podiam participar das decisões. As donas-de-casa eram as responsáveis pela distribuição das tarefas às servas, pela confecção de tecidos para as vestimentas das pessoas da casa, cuidando para que tudo estivesse em ordem. (MOSSÉ, 1982). Quanto à educação dos filhos, as meninas permaneciam com suas mães até o casamento com a finalidade de estarem bem preparadas para a execução das tarefas domésticas futuramente. Os meninos, ao contrário, por volta dos 6 anos, já eram tutelados por um pedagogo, um servo, responsável por levá-los até os grandes mestres para que estes os ensinassem a ler, a escrever, a conhecer as belas artes (poesia, música, pintura), a exercitarem-se fisicamente, discutirem política e emitir opiniões. Sempre é conveniente lembrar que esses espaços também eram destinados aos cidadãos bons-livres e, portanto, abastados. Mas, através de Safo, podemos perceber que há mais de 2.000 anos existem registros de ações coletivas femininas interessadas em mostrar potencialidades femininas, incluindo-se obviamente o direito a escolarização.

A primeira onda do movimento feminista, segundo Louro (2004), trata do “sufragismo”, ou seja, o movimento voltado a estender o direito de voto às mulheres. Também se preocupava com as formas de organização das famílias, a possibilidade de as mulheres terem acesso ao ensino formal e às profissões que desejassem. Por essa via, entende-se a tendência a uma identificação com o contingente feminino branco, já que mulheres afro-brasileiras, nesta época, recentemente haviam sido libertas do regime de escravidão.

Esta mesma autora destaca uma segunda onda, historicamente localizada em meados da década de 60, já no século XX. Este período é marcado para além das preocupações políticas (direito ao voto) e sociais (relações familiares), mas também com discussões teóricas sobre o tema. De um lado, estudiosas e militantes, do outro os críticos com suas críticas, problematizando o conceito de gênero. Nesta época, destaca-se o ano de 1968, marco da rebeldia e da contestação, na França. A manifestação coletiva da insatisfação pela opressão, há algum tempo vinha sendo gestada e neste sentido, podemos citar no Brasil, as manifestações contra a ditadura militar e já na década de 80, as lutas pela redemocratização do país.

Discutem-se, também, as grandes teorias universais e sobre isto Muraro (1993) destaca questionamentos à “verdades científicas” que se consolidaram como justificativas à dominação masculina. A autora salienta que a Antropologia, por muito tempo, apresentou como justificativa à supremacia do homem sobre a mulher, as sociedades animais, mas que a partir dos estudos de gênero e de uma perspectiva feminista, esta mesma teoria, deixou de prevalecer, no momento em que foram destacadas sociedades matricêntricas ou matrifocais.

Contrapondo esta idéia de supremacia que se justifica nas sociedades animais, é oportuno perceber, ao longo da história da humanidade, nos relatos sobre os primeiros seres humanos, que as sociedades não foram constituídas com matriarcados, mas sim de forma matrilinear ou matricêntrica, ou seja, as sociedades seguem uma linhagem feminina, mas não são “governadas” por mulheres, com supremacia destas de forma autoritária. Eis aí uma grande diferença: “ao contrário, as sociedades matricêntricas e matrilocais... apresentam entre seus membros relações não tão cerradas quanto nas sociedades patriarcais.” (MURARO, 1993, p. 14). É importante destacar nesse sentido que essa dominância é diferente de dominação. O primeiro caso, trata-se de uma necessidade, seja ela por qual sentido

for, de algum membro do grupo exercer um lugar de destaque (o caso da amamentação, por exemplo, no qual a figura materna é essencial no exercício da relação simbiótica mãe/filho(a)). Já o segundo, denota que esse lugar de destaque foi imposto, através de meios coercitivos de afirmação da força e do poder. Nesse sentido, por realizar estas análises, o movimento feminista ainda tem contribuído para abalar as estruturas do poder, no momento em que declara uma outra face da autoridade, confundida com autoritarismo. Numa perspectiva feminista, podemos refletir sobre alguns modelos matricêntricos ou matrilocais existentes no Reino Animal. Segundo Muraro (1993, p.14)

a natureza matricêntrica das sociedades animais não interessou aos antropólogos até muito recentemente. Apesar da clara evidência do contrário, gerações e gerações de cientistas homens acreditaram que o macho dominasse em todas as sociedades animais.

Vejamos que a organização da colméia baseia-se na Rainha. Quem ataca para obter comida para o grupo e para os filhotes é a leoa e, em geral, o “Rei da Selva” é dependente de sua caça. Os mosquitos são matrifocais, pois quem pica é a fêmea, a qual precisa de sangue para fazer crescer os ovos. Nos elefantes, as fêmeas (mães, tias, irmãs) vivem a vida inteira juntas e os filhos machos, em média aos treze anos, são afastados do grupo central. Em algumas aves, como no caso dos patos, a fêmea é mais agressiva que o macho e na maioria das espécies animais, a fêmea é mais agressiva que o macho ao defender os seus filhotes. Os chimpanzés, os mais próximos da espécie humana, vivem de maneira pacífica e são sociáveis. As mães cuidam de seus filhotes durante 6 meses, o tempo todo em seu colo e não são desmamados até 4 ou 5 anos. No caso da morte das mães, o macho pode assumir suas funções, sem problemas. O que possibilita perceber que se as sociedades animais durante muito tempo foram usadas para justificar a supremacia masculina, percebe-se uma versão contrária na natureza.

Em nenhum desses casos, aparece um corpo feminino frágil ou passivo que por suas diferenciações torna-se inferior. Ao contrário, o papel da mãe, nas espécies mamíferas, é determinante. Os filhotes nascem indefesos e se a relação entre mãe e filho(a) não é muito íntima, certamente morrem (nesse caso, obviamente incluem-se os seres humanos).

A agressividade, ou a hostilidade, aparece nas espécies muito mais como uma forma de sobrevivência do que de violência. Não há justificativa plausível,

nesse sentido, que garanta a necessidade de sustentar a violência como demonstração de virilidade (no caso dos homens). Nos animais, “se os machos fossem agressivos com as fêmeas ou as fêmeas com suas crias, certamente a espécie desapareceria” (MURARO, 1993). O caso dos bandos, onde machos invasores matam os filhotes para provocar o cio das fêmeas, restringe-se a situações peculiares, pois se assim fosse a todo o momento, haveria grande destruição no grupo.

Houve a necessidade de associar-se às idéias de sociedades primitivas, como as dos hominídeos, àquela imagem do “homem das cavernas” que maltratava e agarrava a mulher pelos cabelos, surrando-a com um tacape. Por certo, se assim fosse, hoje, nem estaríamos aqui, por razões óbvias. Os bebês humanos dependem por muito mais tempo da organização familiar (sob suas mais diversas formas). Assim sendo, alguns estudos referenciam que nos hominídeos “... para a sobrevivência da espécie, era importante que todas as fêmeas aprendessem a cuidar das crianças e os membros de ambos os sexos a repartir os frutos da coleta ou da caça” (MURARO, 1993, p. 23).

Mesmo com a variedade de informações e o cabedal de incertezas a respeito de nossos primórdios, é possível destacar algumas características pertinentes ao nosso ancestral mais próximo, o *homo sapiens*. Havia, por certo, um rodízio de poder, dependendo das lutas entre clãs, dos locais onde estavam etc. já que alguns grupos eram nômades. Por certo, não se pode negar que havia uma divisão social do trabalho, mas há relatos, que fosse arbitrária.

Nesse breve relato, encontram-se alguns aportes para pensar sob outro viés a questão do feminino e do masculino sem dicotimizá-los. É oportuno frisar que as sociedades animais (que foram durante muito tempo usadas como exemplo para denotar a supremacia masculina) constituem-se, para sua sobrevivência, com laços fraternos e solidários de cooperação. A supremacia de um sobre o outro é substituída por uma relação de reconhecimento da importância de determinados papéis, que são transitórios. E, para Louro (2004), esta contribuição para a Ciência, foi uma das maiores do movimento feminista.

Outra contribuição significativa do movimento foi a problematização quanto ao formalismo acadêmico que busca a neutralidade, ou seja, formalismo que defende que o envolvimento com questões que podem aproximar-se do próprio

contexto vivido pela pesquisadora-mulher, pode prejudicar a pesquisa. Para Louro (2004, p.19):

coloca-se aqui... uma das mais significativas marcas dos Estudos Feministas: seu caráter político. Objetividade e neutralidade, distanciamento e isenção, que haviam se constituído, convencionalmente, em condições indispensáveis para o fazer acadêmico, eram problematizados, subvertidos, transgredidos. Pesquisas passavam a lançar mão, cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida; fontes iconográficas, de registros pessoais, de diários, cartas e romances. Pesquisadoras escreviam [e escrevem] na primeira pessoa. Assumia-se, com ousadia, que as questões eram *interessadas*, que elas tinham origem numa trajetória histórica específica que construiu o lugar social das mulheres e que o estudo de tais questões tinha (e tem) pretensões de mudança.

A discriminação da mulher, segregação e silenciamento, como já referido, foram altamente questionados e postos como temas centrais para discussão. Sendo assim, esta perspectiva abriu uma grande porta (ou janela) para que questões que durante muito tempo foram tidas como secundárias ou desnecessárias, aparecessem como centrais e fundantes de uma nova perspectiva social mais justa.

A partir destas denúncias, já não eram mais visíveis, apenas os grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também, livros, jornais e revistas com problematização feminista³⁷. Militantes feministas, na academia, vão trazer para o interior das Universidades e escolas, estudos sobre a mulher. Isso possibilitou tornar visível, expressivamente, uma luta que já tinha algumas décadas.

Matilde Ribeiro (1995) faz algumas considerações sobre o movimento feminista negro. Para a autora, boa parte da trajetória do movimento feminista e do movimento negro, trataram a questão da mulher afro-brasileira implicitamente, deixando de elucidar questões significativas para a emancipação destas. Uma suposta igualdade entre as mulheres fomentava esta idéia, assim como eram desconsideradas, entre “negros”, as diferenças de gênero, não observando a pluralidade de relações. A partir destas percepções e da necessidade de compreender que diversidade não é sinônimo de desigualdade, foi que, mulheres militantes em organizações feministas e negras, consolidaram um movimento autônomo, sem que isto significasse a formação de um *guetto*.

³⁷ Louro (2004) cita obras como “The feminine mystique” de Betty Friedman (1963), “Sexual Politics” de Kate Millet (1969)

Em sua trajetória, datada a partir de 1985, com presença mais organizada³⁸, as feministas negras, puseram em discussão algumas especificidades deste grupo étnico (questões relativas ao trabalho, ao racismo, à estética...). Matilde Ribeiro aponta os estudos de Bairos (1988)³⁹ e Azerêdo (1994)⁴⁰, as quais destacam críticas ao movimento feminista que explicitam tal questão.

Luiza Bairos destaca que as mulheres afro-brasileiras foram percebendo especificidades em suas trajetórias e com isso, algumas de suas causas, distanciavam daquelas do movimento feminista, por exemplo, as que se referem ao próprio prazer, ao reconhecimento de seu corpo, quando, dentre outras coisas, as mulheres afro-brasileiras, ainda precisavam preocupar-se com os comentários racistas, as piadas, a erotização exacerbada de sua estética e a oportunidade de assumir determinados cargos (nessa época, fortemente presente, o termo “boa aparência”).

Sandra Azeredo aponta para as questões relativas ao silenciamento das questões raciais no Brasil em nome de uma suposta democracia racial e, além disso, por um discurso feminista que considerou as questões raciais como peculiares, apenas, a grupos específicos de mulheres negras, por considerarem-nas “marcadas” apenas pela raça.

Sendo assim, a autora afirma a necessidade de se pensar que raça e gênero, nas relações de poder, condicionam a existência de mulheres e homens brancos e negros, questões que não se dissociam.

Estas reflexões tornam visíveis os problemas em relação a incorporação da questão racial, nas formulações teóricas e nas práticas do movimento feminista no Brasil, já que há o entendimento de racismo entre as próprias mulheres. A referência

³⁸ Porém, já em 1950, o Jornal “Quilombo” organizado por Abdias Nascimento, relata a criação do “Conselho Nacional das Mulheres Negras”, vinculado ao Teatro Experimental do Negro, coordenado por ele, no dia 18 de maio. O objetivo deste conselho era de integrar a “mulher de cor” na vida social. Segundo o relato do Jornal “este departamento feminino tem por objetivo lutar pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu alevantamento educacional, cultural e econômico.” Para isso, faria funcionar um curso de arte culinária, de corte e costura e de alfabetização, segundo elas, para que as ações fossem práticas e não caíssem nas malhas da demagogia. Pretendiam, também, instalar outros cursos como: datilografia, admissão e ginásio, através de professores voluntários. Para a menina negra, os planos eram aulas de canto, música, teatro infantil, teatro de bonecos e ballet. Além de recitais de piano, violão e canto para o lazer. Nota-se que, em sua fundação, o conselho não compartilhava de questionamentos pertinentes ao movimento feminista da época, o qual, já questionava os papéis domésticos com exclusividade feminina e as “prendas”.

³⁹ BAIROS, Luiza. **Mulher negra e feminismo**. Boletim do CIM (Centro de Informação Mulher), São Paulo, nº 11, 1988.

⁴⁰ AZERÊDO, Sandra. **Teorizando sobre gênero e relações raciais**. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, tomo 5, nº especial, 1994, p. 213 – 216.

às mulheres, algumas vezes, é feita como se estas fossem um sujeito genérico; então, a questão racial aparece como sendo de responsabilidade das mulheres afro-brasileiras. Pode-se dizer que, numa sociedade em que a questão racial ainda é tabu, as conquistas do movimento feminista acabam por privilegiar as mulheres brancas, em detrimento das não brancas. (RIBEIRO, 1995)

Essa invisibilidade, produzida com diferentes discursos, que relegaram à segundo plano a questão racial, foram discutidas à partir da década de 80, com grande ênfase, por teóricas feministas afro-brasileiras. Além destas ações propositivas para discussão deste tema, também se engajaram em discussões que elucidavam práticas que tornaram o espaço privado (doméstico) como o lugar da mulher, mesmo que lentamente, por algumas mulheres, como as que compunham as classes trabalhadoras, já fossem superadas.

Por esse afastamento da “Agora”⁴¹, do espaço público, Bourdieu (2003) declara que se criou uma espécie de *ágorafobia* socialmente imposta, ou seja, as mulheres passaram a assumir que os espaços públicos (incluindo-se a escola) eram realmente destinados aos homens e que lhes restava o enclausuramento doméstico. Incorporaram e cristalizaram essa imagem, em alguns casos. Por consequência disto, aquelas mulheres que agiam de forma diferente sofriam perseguição.

41 Segundo MOSSÉ (1982), a ÁGORA era a Praça Pública nas cidades gregas. Originalmente, era o lugar onde se reunia a Assembléia dos cidadãos. Na época clássica, era, na maioria das vezes, um local de mercado em volta do qual se instalavam as lojas. Como símbolo da democracia na Grécia Antiga, era o lugar onde os cidadãos-homens poderiam ir, ouvir as falas e expressar suas idéias, bem como realizar trocas com outros, cidadãos “bons e livres”, da sociedade grega. Um lugar monumental, cuja construção destacava-se. Mulheres e crianças, mesmo ouvindo os discursos, não podiam participar, expressando seu voto. Na Ágora, os cidadãos gregos podiam falar de si, mas as mulheres tinham que se restringir ao “gineceu”, lugar da casa destinado a elas. Segundo Xenofonte (séc. IV a.C.), citado por ALVES (1984, p. 12), “os deuses criaram a mulher para as funções domésticas, o homem para todas as outras.” Ele ainda complementa, fazendo algumas recomendações para “que [a mulher] viva sob uma estreita vigilância, veja o menor número de coisas possíveis, ouça o menor número de coisas possível, faça o menor número de perguntas possível”. Por essa razão, não havia “ágoras/praças”, muito menos coretos, onde as mulheres pudessem expressar suas idéias e ansiedades. As mulheres que assim procedessem eram mal vistas, já que a sua voz, quanto menos fosse ouvida, mais declarava sua conduta valorosa. A descrição das casas em Atenas possibilita uma melhor percepção quanto a esse assunto. MOSSÉ (1982, p.117) apresenta uma descrição das moradias em Atenas, dizendo que “nas grandes casas, distinguem-se nitidamente o apartamento dos homens – o *ândron* – o das mulheres – o *gineceu* – onde fica a dona-de-casa rodeada pelas servas”. Complementa dizendo que em algumas dessas casas havia a separação por andares nos espaços de homens e mulheres. No primeiro andar ficava o espaço das mulheres, a fim de ser distanciado do convívio público. O térreo era o espaço dos homens, pois, também, nesse lugar, estavam as lojas e as oficinas. Um contato mais direto com o público.

A ordem masculina, dispensando justificações, foi-se instaurando ao longo da história sob a forma de discursos e práticas que ratificavam a supremacia do homem sobre a mulher, da antiguidade à modernidade.

Os mitos religiosos, as histórias infantis, as representações do sagrado, dentre outras formas de *capital cultural objetivado* (BOURDIEU, In. CATANI & NOGUEIRA, 1998), apresentam a figura da mulher como ser inferior e submisso.

No prosseguimento dessa análise, percebe-se também a necessidade do condicionamento dos corpos femininos a uma situação de passividade e castidade. A diferença sexual (BOURDIEU, 2003) entre homens e mulheres passou a ser vista como supremacia de um sobre o outro. Sendo assim, o homem foi concebido como aquele que possui as “partes públicas” e a mulher, “o caráter privado”, pela análise simplista e reducionista da constituição orgânica de ambos os sexos (vê-se que a *ágorafobia* é fomentada com essa premissa).

Louro (2004) destaca que as diferenciações biológicas, não são suficientes para determinar lugares para a mulher, porém, no mais das vezes, essas justificativas vêm a partir da forma como tais diferenças são representadas e/ou valoradas em determinado contexto histórico e social.

Mesmo que se configure, ao longo do séc. XX, um crescimento na participação feminina em espaços públicos (fábricas, oficinas, lavouras, logo após, escritórios, lojas, escolas e hospitais), Louro (2004) destaca que muitas atividades ainda são controladas e dirigidas por homens e que a presença feminina, ainda gera um olhar sobre a atividade como secundária, de apoio, de auxílio, de assistência, cuidados (substituição das mães, em alguns casos) ou educação. Todo esse contexto possibilitou que as mulheres pudessem, de diversas formas ao descreverem sua condição, tomar uma posição, mais uma vez manifestando o caráter político de uma leitura feminista. A denúncia da opressão e submetimento, gerou o nascimento de espaços que integraram questões femininas com eficácia.

No decorrer da história, as mulheres foram conquistando espaços que lhes foram cerceados por conta dessa idéia de supremacia masculina e construindo, para si, lugares, onde pudessem se expressar, a partir das reflexões sobre as questões do feminino e a necessidade de denunciar a perversidade das relações machistas. Isso foi gerado, dentre outros motivos, pela necessidade que as mulheres encontraram de discutir questões específicas do seu universo. Nos encontros,

perceberam o traçado de caminhos muito semelhantes, o que as aproximou ainda mais ao longo das décadas.

Assim como nas praças existem coretos⁴² visíveis, adornados e destacados, lugares para falar de si e das causas coletivas, há outros “coretos” que não estão no meio delas, encontrando-se em certa latência, mas se constituem em assembléias gerais das causas femininas, ao contrário do passado. Posso compreender que os Salões de Beleza de Cultura Afro têm contribuído para a superação da ágorafobia. Que pesem as críticas feitas a seu respeito, considero que estes salões são articulações eficazes de um movimento/momento feminista, principalmente no que diz respeito às mulheres afro-brasileiras. Por serem mulheres que saíram da escola e traçaram seus caminhos de outra maneira, tendo a escola como passagem e não como fim, estas mulheres deixaram de construir conhecimentos? Por certo que não. Produzem conhecimentos e compartilham lembranças na informalidade, na latência de sua coletividade, estreitamente ligadas às suas ancestrais.

Sem romantizar o ambiente, não considero que a emergência destes espaços devam constituir *guettos*, espaços que atribuem a si a legitimidade para tratar das questões (neste caso, da mulher afro-brasileira). Sendo assim, compartilho com Louro (2004) quando diz que lugares de participação feminina devem preocupar-se com a “integração do universo feminino ao conjunto social” (p.18), portanto, salões de beleza de cultura afro, podem também ser espaços de discussão de questões mais gerais com relação ao feminino.

Pensando especificamente sobre este espaço, encontro em Gomes (2003) algumas referências para traçar uma breve leitura. A autora destaca que é importante pensar em uma “articulação entre cultura, identidade[s] negra[s] e educação. Uma articulação que se dá nos processos educativos escolares e não-escolares.”(p.169)

Este pensar possibilita compreender que o salão de beleza de cultura afro pode se constituir em um lugar de aprendizagens múltiplas e articulação de alternativas para superação de “marcadores sociais” que vêm contribuir para uma idéia de inferiorização a partir do seu contexto social (ser mulher, ser afro-brasileira, não ter freqüentado a escola, ser cabeleireira). Neste sentido, como a autora, venho defendendo que:

⁴² E aqui volto à metáfora da Agora, a Praça, como lugar de participação, democracia e visibilidade.

ao discutirmos a relação entre cultura e educação, é sempre bom lembrar que a educação não se reduz à escolarização. Ela é um amplo processo, constituinte da nossa humanização, que se realiza em diversos espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho, nas ações coletivas, nos grupos culturais, nos movimentos sociais, na escola, entre outros... Consideramos assim, que existem diferentes e diversas formas e modelos de educação, e que a escola não é o lugar privilegiado onde ela acontece e nem o professor é o único responsável pela sua prática. (p.170)

Entender a educação como processo e também a formação, ajuda a compreender essa idéia de que há a presença desta dimensão educacional em diferentes espaços sociais e não somente na escola, enquanto instituição formal.

Se pensar nos estudos de Hall (2005), considero que também as identidades devem ser entendidas como múltiplas e transitórias. Por esta razão, neste estudo, faço referência a processos identitários vivenciados por estas mulheres que freqüentam e trabalham no salão de beleza, fomentados pela convivência neste espaço.

Percebo que são: mulheres, de classe popular, afro-brasileiras, cabeleireiras, mães, educadoras e educandas na troca dos saberes que articulam, mas sem que estas categorias se tornem camadas que se sobrepõem umas às outras. Na verdade, se interferem mutuamente, se articulam ou podem até mesmo, tornar-se contraditórias.

Neste sentido, as identidades negras não são as únicas a serem construídas por estas mulheres. Entre vários outros processos identitários, o ser afro-brasileira, constitui-se como um deles. Entendo que as identidades negras são uma construção social, histórica, cultural e plural. Para Gomes (2003, p.171), a identidade negra “implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro”. Com respeito a esses processos identitários, cabe dizer que a escola é um desses espaços para que esta construção aconteça; o salão de beleza de cultura afro, pode ser um outro.

No contexto de minha pesquisa, e encontrando articulações com a pesquisa de Nilma Lino Gomes (2003), percebo que o traçado de percepções de corpo e cabelo têm, como palco, também, o convívio escolar.

Obviamente, que outros indícios parecem elucidar por onde transita essa “luta ferrenha” contra o cabelo, principalmente na mulher afro-brasileira. Márcia

relata algumas situações que ajudam a compreender essa afirmação. No momento em que conversávamos sobre de onde vinha essa aversão ao cabelo crespo, afirmou que, além da dificuldade cuidá-lo, ainda havia todo o sofrimento que passava com sua mãe. Segundo ela, sua mãe a “trançava nas pernas” e ela não queria. A sua mãe passava o “ferro quente” e ela tinha medo do fogo. Disse que sua mãe nunca a queimou, mas que, mesmo assim, tinha medo, pensando que iria se queimar. “Aquilo pra mim, era uma tortura. Eram 4, 5 horas naquele processo. Primeiro vinha o óleo, passava, lavava, lavava, uma, duas, tu já estavas com a cabeça doendo e lava, lava. E a minha mãe, coitada, não tinha outra escolha...”, relatou-me.

Durante a pesquisa, novamente conversando com a Márcia, ela me falou sobre os seus colegas de escola e as brincadeiras que faziam, tendo como mote o cabelo, falou-me sobre a brincadeira do “telefone”. A “brincadeira” consistia em bater ao lado de sua cabeça, no seu cabelo enroladinho que formava um coque de cada lado. Segundo ela os meninos diziam: “Olha o telefone, bléin!” Continuou seu relato, dizendo:

No colégio, os guris têm aquelas brincadeiras. Eu ficava muito louca, isso me deixava irritada...Isso só acontecia mais quando eu fiquei maior, com 11, 12 anos... Ai eles ficavam assim: Olha o telefone. Pum! Mas era depois de grande, porque os pequeninhos não são muito assim. Engraçado, para tu veres como a criança é ingênua, que eu nunca sofri, que eu me lembre, nunca sofri coisas de racismo entre os coleguinhas branquinhos que eu tinha no 1º, 2º e 3º ano.

Por esta razão, assim como percebido no trabalho de pesquisa de Gomes (2003), as experiências com o cabelo se dão em vários espaços. “A escola aparece em vários depoimentos como um importante espaço no qual também se desenvolve o tenso processo de construção da[s] identidade[s] negra[s].”(p. 173).

Neste depoimento de Márcia, é possível perceber que o cabelo é um forte ícone identitário, por vezes, a identificação étnica se dá não apenas pelo tom da pele, mas, principalmente, pelo cabelo crespo e, por vezes, o mesmo é visto como marca de inferioridade pelo próprio sujeito. Gomes (2003) destaca que o cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados corporalmente, porém sua simbologia diferencia-se de cultura para cultura. Sendo assim, se o cabelo é entendido, até mesmo, com uma representação mística (os cabelos que lavaram os pés de Jesus,

os cabelos brancos que simbolizam a sabedoria, as tranças de Rapunzel, os cabelos negros como ébano de Branca de Neve, Cachinhos Dourados), vê-se que é plausível dizer que se constituem com grande importância nos processos identitários.

Para esta mesma autora, as experiências envolvendo preconceito racial vividas na escola, que envolvem o corpo, o cabelo e a estética, ficam guardadas na memória do sujeito, mesmo depois de adultos, quando adquirem certa maturidade. (GOMES, 2003)

Mas o salão de beleza de Cultura Afro pode se tornar um espaço para revalorização do cabelo que extrapola a dimensão individual, que também chega a atingir os grupos freqüentados, neste caso, pela mulher. Está em jogo, uma possibilidade de ser, de experimentação e de vivência de uma ancestralidade africana recriada aqui no Brasil. As mulheres podem freqüentar o salão de beleza de cultura afro e perceber diferentes possibilidades para sua estética: crespa, lisa, com tranças, preso, solto, escovado... sem que isso configure uma necessidade de branqueamento, que nestes casos, pode existir ou não. O que se torna muito interessante também, é a possibilidade de perceber semelhanças grandiosas entre as práticas exercidas nos salões de beleza e àquelas desenvolvidas por nossas ancestrais. A chapinha baiana é uma delas (à semelhança do pente quente) que, mesmo com todas as alterações e avanços tecnológicos, a chapinha, esquentada no fogo parecida com uma tesoura que possui duas plaquinhas de ferro na ponta, supera, em público e preferência, as chapinhas ou pranchas elétricas.

Cabe ressaltar que mesmo com tais vivências que se tornam, por vezes, constrangedoras e discriminatórias, através de suas articulações, seja nos salões ou fora deles, nas escolas ou fora delas, mulheres afro-brasileiras ressignificam suas trajetórias e conseguem superar condicionamentos. Para Gomes (2003), as cabeleireiras étnicas envolvem-se com as questões raciais via estética. E, além de ressignificar a sua própria negritude, colaboram com as construções de suas companheiras. O ser cabeleireira, neste sentido, parece-se muito com o ser militante, mesmo que sob outros preceitos⁴³.

Sendo assim, o salão de beleza de Cultura Afro, no que tange às discussões de gênero e etnia, apresenta-se como espaço educativo não-escolar. Apresenta, em

seu interior, tensões que são próprias às lutas amplamente difundidas no contexto social: lugares para a mulher afro-brasileira, racismo, trabalho, família, corpo e cabelo... por esta razão, é um espaço de resistência, para além das pretensões de futilidades, embranquecimento e ganho financeiro.

6.1. Reflito sobre praças e passarelas e suas proximidades com lavatórios e chapinhas: a escolarização de mulheres afro-brasileiras.

Penso nas praças e seus coretos, ao longo da história, como simbologia para entender a construção de lugares com visibilidade feminina. Porém, entendo que ambos, através dos séculos, têm-se constituído como espaços públicos que variam entre a repressão e a democracia, no que se refere às mulheres.

Ao longo da história, é comum vermos relatos de mulheres que assumiam os lugares de seus maridos nos negócios da família, por ocasião do afastamento destes nas guerras. Segundo Alves (1984, p.17), “tal fato se repetiu inclusive nas duas grandes guerras mundiais deste século, quando a mulher participou expressivamente da força de trabalho.” Mas isso se restringia a momentos extraordinários de saída dos homens de sua posição “natural”.

Na Idade Média, há registros de mulheres participando nas corporações de ofício, primeiramente sem a distinção de profissões para mulheres e para homens. Mas isso, com o tempo, foi sendo modificado. Os ofícios foram divididos por sexo e a renda feminina foi ficando sempre menor.

A imagem da mulher meiga, carinhosa, serviçal, honrada e pura passou a ser o referencial para as questões femininas. Sendo assim, os contos de fadas, por exemplo, deixavam claro, qual o papel da mulher na sociedade. Esse ideário, construído ao longo da história, foi corroborado em várias instâncias. Daí surge a questão: se a imagem da mulher era ser frágil, entretida em bordados, à espera do

⁴³ Entendo, aqui, que o ser militante está vinculado a uma postura que, não apenas defende uma causa particular, mas que se preocupa em atuar coletiva e solidariamente.

príncipe encantado, que imagens a mulher afro-brasileira poderia ter de si no século XIX? E hoje, que imagens (des)construiu?

A mulher afro-brasileira, trabalhadora em regime de escravidão, não podia expressar-se de modo algum, sob a pena de ter sua língua cortada. Então, o que poderiam fazer para reivindicar o que queriam? Ouso esboçar algumas respostas: reuniam-se à beira das lagoas não só para lavar roupa, fugiam, articulavam abortos, faziam “bruxarias”, educavam-se na não-formalidade.

No século XIX, Nísia Floresta é apresentada por Guacira Louro (In. DEL PRIORE, 2000, p.443) como uma “voz feminina revolucionária”, a qual, como as sufragistas, empenhava-se em reivindicar a emancipação das mulheres e o direito à escolarização⁴⁴. Numa época em que o discurso em prol do ensino formal, para a modernização do país, era recorrente, havia severas críticas ao abandono educacional em que o Brasil se encontrava. Ainda, grande parte da população (principalmente remanescentes de escravos) era analfabeta, mesmo que, diversas “escolas de primeiras letras”, as chamadas “pedagogias”, tivessem sido fundadas.

Ghiraldelli Jr. (2001) destaca que a Primeira República (1889-1930) pode ser apresentada a partir de dois movimentos, no que se refere à educação: o “entusiasmo pela educação”, que consiste em um movimento baseado em uma idéia quantitativa, na qual a tarefa era ampliar o número de escolas e alfabetizar; e o “otimismo pedagógico”, movimento caracteristicamente marcado pela ênfase na otimização do ensino, ou seja, melhorar as condições didáticas e pedagógicas da rede, preocupando-se, por esta via, com aspectos qualitativos.

Pensar a educação era fruto de uma sociedade que se industrializava e tinha, no trabalho assalariado, sua organização. Agora, as famílias urbanas, percebiam nas carreiras burocráticas e intelectuais, futuros promissores aos seus filhos. Porém, se na escravidão, a população de origem africana, não tinha acesso à escolarização e seus processos educativos se davam, no interior das senzalas, através da história oral, das práticas religiosas, das rodas de capoeira e no duro trabalho nas fazendas, mesmo com “as sucessivas leis, que foram lentamente *afrouxando* os laços do escravismo” (LOURO, In. DEL PRIORE, 2000, p.445), não houve um aumento significativo nas oportunidades de ensino para afro-brasileiros. “São registradas como de caráter excepcional e de cunho filantrópico as iniciativas que propunham a

⁴⁴ Neste caso, mulheres brancas.

aceitação de crianças negras em escolas ou classes isoladas – o que vai ocorrer no final do século.” (LOURO, In. DEL PRIORE, 2000, p.445)

Assim como em outros grupos étnicos (italianos e alemães, por exemplo), o trabalho doméstico, campesino, de cuidado dos filhos, da casa e da lavoura, era um conhecimento prioritário para as mulheres afro-brasileiras. Algumas, trabalhavam, desde o período escravagista, como “negras de ganho”, fazendo serviços temporários ou no comércio de quitutes, o que, não exigia conhecimentos apurados de leitura e escrita. A base do trabalho era o cálculo, aprendido no cotidiano da atividade.

Louro (In. DEL PRIORE, 2000) destaca que algumas ordens religiosas se preocupavam com a educação de meninas órfãs, das desempregadas e daquelas que haviam se “desviado do bom caminho”, o que deixa implícito, que se preocupavam dentre outras, com meninas afro-brasileiras, filhas de escravos ou mesmo, beneficiárias da Lei do Ventre Livre e acolhidas nas casas de expostos (aquelas que, com raridade, conseguissem sobreviver), libertas e sozinhas. O ensino era baseado nos conhecimentos religiosos cristãos, na postura e, principalmente, nas atividades de bordado e costura.

A escola, em sua constituição, é branca, rica e masculina. Na virada do século, ideais políticos do socialismo e do anarquismo, reuniam grupos de homens e mulheres que, como Nísia Floresta e as sufragistas, pretendiam estender significativamente o direito à educação às mulheres, com qualidade.

Para as filhas dos grupos privilegiados, somado ao ensino de leitura, escrita e noções de aritmética, acrescia-se o piano e o Francês, ministrado nas casas por professoras particulares. Outro conhecimento, indispensável, além dos bordados e rendas, era o *mando* das criadas e demais serviçais. Esta declaração traz novamente uma idéia sobre os processos escolares de mulheres afro-brasileiras: por constituírem, em grande parte, os contingentes de serviçais nas “casas de família”, não teriam necessidade imediata, nem oportunidade, de freqüentar as escolas. Para sua educação, bastavam aprendizagens como: diligência, honestidade, ordem e limpeza, pois, a elas, “caberia controlar seus homens e formar os novos trabalhadores e trabalhadoras do país” (LOURO, In. DEL PRIORE, 2000, p.447). Tais aprendizagens também eram valorizadas para as mulheres das elites, já que

não era conveniente “mobiliar” a cabeça da mulher com informações desnecessárias às funções que lhe eram cabíveis: ser esposa e mãe.

As primeiras escolas, por certo, em maior número para meninos, eram fundadas por ordens religiosas femininas ou masculinas e escolas mantidas por leigos onde havia professores para os meninos e professoras para as meninas⁴⁵. Segundo Louro (In. DEL PRIORE, 2000, p.444)

ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura.

Nessa época, como se vê, a divisão étnica, de classes e gênero, determinava as diferentes formas de educar e conceber a escola, o que já descrevi. Geralmente, as mulheres afro-brasileiras, construíam saberes na não-formalidade, em articulações possíveis e transgressoras, muitas vezes.

Mesmo na atualidade, a escola ainda pode ser uma “passarela” para mulheres afro-brasileiras, pois, as necessidades de sustento, somadas à dupla jornada (trabalho doméstico e fora do lar), impede a permanência durante longos anos de escolarização, mesmo que haja um desejo pessoal em escolarizar-se. Muitas famílias, ainda acreditam na escola como uma possibilidade de ascensão social, mas outras, grande maioria, não acreditam nesta possibilidade.

Na década de 80, segundo Benilda Brito (1997) 80% das mulheres afro-brasileiras possuíam, em média, quatro anos de instrução. No ano de 1987, 62,7% destas mulheres, não haviam terminado o antigo curso primário. Por esses dados, uma das lutas das organizações femininas afro-brasileiras, ainda é, uma escola pública, gratuita, de qualidade e que garanta a diversidade sem que ela signifique segregação.

Partindo disto, defendo a posição de que existem questões específicas, peculiares do Universo das mulheres afro-brasileiras que precisam ser discutidas e que muitas vezes têm, como palco principal, uma conversa informal num salão de beleza, também, no que se refere à educação. Neste sentido, duas áreas são muito importantes: a construção da identidade social, enquanto afro-brasileira, e a constituição como ser peculiar no interior do corpo social. As mulheres, mesmo

⁴⁵ Segundo Louro (In. DEL PRIORE, 2000, p.444), os professores deveriam ser “pessoas de moral inatacável” e; “suas casas ambientes decentes e saudáveis”.

reconhecendo-se pouco escolarizadas, precisam ter em mente que, são produtoras de conhecimento e podem articular-se eficazmente.

Percebo na realidade da mulher afro-brasileira, proximidades significativas com as histórias narradas sobre as suas ancestrais trabalhadoras em regime de escravidão⁴⁶.

6.2. “Às margens” das lagoas lavando suas roupas (e “hidratando” suas almas): uma coletividade feminina afro-brasileira e os encontros na Praça Tamandaré.



“Sabe-se que nas lagoas daquele vasto areal, lavava-se roupa e que ali existiam poços, de onde os escravos retiravam a água potável com que abasteciam a casa de seus senhores...” (ANTEIRO⁴⁷, séc. XIX)

Fotografia - Vista aérea da Praça Tamandaré no século XIX.

Percebe-se através da fotografia a vastidão das lagoas.

Quem sabe se eu lá estivesse, ouviria o canto daquelas mulheres que passavam sua vida na servidão e que, ao lavar as roupas de seus senhores, lavavam também suas almas nas águas da Geribanda. Talvez a narrativa de Anteiro não seja suficiente para descrever tudo que acontecia naquele vasto ambiente, mas

⁴⁶ Por isso, neste subtítulo, apresento que “praças e passarelas”, lugar das escravas em Rio Grande, têm proximidades com “lavatórios e chapinhas”, instrumentos de trabalho das cabeleireiras. Além disso, vale a pena pensar que o lugar de participação buscado pelas mulheres na praça e em suas passarelas, ainda não foi conquistado plenamente. E que a escola, como um lavatório, mesmo acolhendo, ainda intenciona “lavar” a condição de “ignorância”, funcionando, como a chapinha, na mudança radical da condição, pelo menos, aparentemente. Isto, quase sempre, vinculado a princípios hegemônicos, questionáveis.

⁴⁷ Quando fui à Biblioteca Riograndense e solicitei materiais sobre a Praça Tamandaré, por já saber dos encontros das mulheres neste espaço, um dos bibliotecários entregou-me uma pasta com artigos, datados do século XIX, que eram assinados por Anteiro. Mesmo os bibliotecários, não tinham outras informações sobre a origem dos textos, que pareciam ser extraídos de uma revista da época.

deixa um indício de que elas realmente lá estiveram. Que ambiente era este? Quem estava lá?

No ano de 1865, o vasto areal que possuía “muito boa água”, segundo Saint’Hilaire, passou a chamar-se Praça Tamandaré, homenageando Joaquim Marques Lisboa, militar nascido na cidade de Rio Grande. Anterior a isto, este areal era conhecido como “Praça dos Quartéis” porque próximo a ela estavam quartéis do exército. É bom lembrar que Rio Grande já havia sido um forte, o Forte Jesus Maria e José, e sua tradição militar permanece até os dias de hoje.

Mas Anteiro descreve que um nome que este espaço já teve, e que subsistiu, foi o de “Giribanda” e ele mesmo questiona a origem deste vocábulo:

Qual a origem desse vocábulo asiático, para ser dado à praça?

Moraes e Silva no seu dicionário nos ensina: ‘Giribanda, s.f.t Asiat. Gamarra, Correia ou cabo preso ao bocal para segurar o cavalo...

Francisco Solano Constancio, é mais claro, explicando: ‘Giribanda s.f.t. Asiático – Gamarra do cavalo’ e define: “Gamarra s.f. Correia que se ata na silha da besta ao bocal ou ao cabeção para obrigar o animal a não levantar demasiadamente a cabeça.

A Enciclopédia Portuguesa de Maximiano Lemos, dá: Giribanda, s.j. Asiat.: Gamarra – Pop.: Descompustura, invectiva, admoestações violentas.’

Candido de Figueiredo nos dá duas ortografias: Geribanda f. pop. o mesmo que ‘sarabanda’ e ‘Giribanda f. Gamarra, Pop. Descompustura. (RECORTES DE COLECIONADOR, encontrados na Biblioteca Rio-grandense e chamados “Rebuscos”)

Anteiro, em sua coluna “Coisas e Factos da Cidade”, datada no séc. XIX, não tem uma explicação plausível para o nome Giribanda, porém, ousa dizer que o que pode servir como explicação para tal fato é justamente a presença de homens e mulheres escravos, negros, neste local. Diz ele que, possivelmente, o ajuntamento dessas pessoas, tenderia a provocar “sarabandas”, descompusturas e lutas corporais. Mas uma tese bastante aceita sobre o nome Giribanda é a sua relação com a presença de mulheres e homens trabalhadores em regime de escravidão que lá estavam, pois ao buscar a água faziam uma “gira de banda”, ou seja, emborcavam baldes a fim de captá-la.

Anteiro e seu olhar típico de grande parte da população no século XIX, completa parte de seu escrito dizendo que também era comum além dos sapos que coaxavam no lugar, encontrar-se pessoas nas águas, mortas por asfixia.

No dia 25 de Setembro de 1874 ali amanheceu morto por asfixia por submersão nas lagoas que se haviam formado pelas grandes chuvas, um preto, em consequência, segundo juízo formado de embriaguez. (ANTEIRO, Rebuscos, séc XIX)

Porém, um dos jornais de grande circulação na época, contou a notícia da seguinte forma:

AFOGADO: Hontem foi encontrado na Praça Tamandaré, boiando sobre o grande lago formado pelas chuvas torrencias d'estes últimos dias, o cadáver, já em princípio de deterioração, de um preto mendigo, cujo nome de ignora; que tinha por único azilo os pés do cruzeiro que ali se ergue.

Suppõe-se que tendo esse desgraçado recolhido ao desabrigado domicílio, antes que as águas o houvessem cercado, se visse depois da necessidade de sahir de tão triste, como apertada situação, de lançar-se à água; e que devido ao seu estado de saúde e decreptude fosse presa de algum acidente que o tornou victima de tão desastrada morte.

Seja o que for, o que é certo é que semelhante facto depõe consideravelmente contra a nossa câmara, pela pouca atenção que presta aos interesses do município...

Deus queira que ainda não tenhamos de registrar outras ocorrências de igual jaez. No corpo de delicto, verificado no preto a que nos referimos, vê-se que a morte fora motivada pela asphixia por submersão.

O cadáver foi conduzido à Santa Casa da Misericórdia e dado à sepultura. (JORNAL ECHO DO SUL, 26.09.1874)

Onde fora escrito que o homem estava bêbado? Ao contrário do que muitos ainda imaginam, esses relatos deixam visível o grande preconceito existente na cidade do Rio Grande, bem como a triste situação vivenciada por escravos e por libertos. Pessoas livres, porém desassistidas.

A Giribanda era composta por 5 poços, feitos com tijolos, sendo que um deles era um bebedouro de animais. Diz Anteiro, que em 1876 foi colocado um chafariz que a “Companhia Hidráulica” mandara vir da Inglaterra. Em Junho de 1878 foram fechados todos os poços, pois foram vendidos terrenos próximos a eles para a construção de casas, o que, segundo a Câmara Municipal, poderia contaminar as águas. O fato provocou um grande escândalo, já que os terrenos foram entregues de forma pouco esclarecida, suscitando dúvidas quanto à legalidade do processo. Anteiro, para relatar esse fato, cita um escritor anônimo que o registrou no Jornal Diário do Rio Grande de 24 de dezembro de 1850: “... neste Rio Grande vê-se o que não se vê em parte nenhuma.”

Tais terrenos foram destinados à construção de prédios públicos e não à construções particulares. Ele ainda complementa, dizendo que eram necessárias três sessões da Câmara para a entrega de qualquer terreno e que em nenhuma delas, consta pauta sobre o lote em questão. Além desses fatos, o escritor relata que não há exemplos de concessão de lotes com mais de “6 braças”, e no referido caso, ficou assim distribuído: 26 braças ao Presidente da Câmara de Vereadores, 12 ao Vigário da freguesia, 12 ao irmão do Vigário, 8 ao procurador da Câmara e 7 ao Dr. de iniciais C.I.D.

Em 31 de dezembro do mesmo ano, este escritor contou que, tendo em vista a descoberta de tais ilegalidades, já que fora descoberta a ata que passou os terrenos aos referidos donos, a qual estava assinada por um Vereador que não compareceu a sessão deste dia, os lotes foram devolvidos por determinação legal. Sendo, logo em seguida, determinados limites para a Praça e em 1862, a Câmara mandou cercá-la para que os animais não viessem a comprometer os melhoramentos que ela sofreu: plantio de grama sobre a areia e arborização.

Qual seria o significado da Giribanda para as mulheres que lá chegavam para lavar as roupas? A Praça era um dos únicos lugares onde elas poderiam se encontrar e compartilhar saberes. Mesmo que Anteiro não o tenha descrito, pode-se imaginar que seus encontros poderiam resultar em importantes articulações. Pelo menos era um momento de rememorar os saberes ancestrais, partilhar as histórias de vida, a dura vida da escravidão. Mesmo que por sua caracterização militar pareça que em Rio Grande não existiu escravidão, os relatos dos Jornais da época deixam bem visível que o quadro foi outro.

Uma das referências mais interessantes é a presença de homens e mulheres na Giribanda, como já foi descrito. Mulheres que lavavam roupa e homens que buscavam água. A grande preocupação do colunista e talvez da sociedade em controlar os encontros na Praça, por certo, tinham como intenção evitar que tais encontros possibilitassem a formação de núcleos coletivos, impedindo, assim, articulações de fugas etc.

Mesmo com esses cuidados e a grande repressão policial, ficaram relatados, nos Jornais de grande circulação do Rio Grande no século XIX, fatos que deixam evidente o desejo de liberdade e as articulações coletivas de mulheres afro-brasileiras na referida cidade, mesmo sem freqüentar um espaço onde estes

saberes fossem sistematizados formalmente. Elas construíam seus espaços, mesmo privadas das escolas, das igrejas, dos cafés, da vida pública.

A polícia agia de forma bastante eficaz no controle da movimentação de trabalhadores em regime de escravidão na cidade. Consta no Jornal Echo do Sul do dia 24/07/1859 que uma mulher fora presa e levada à sua casa, por estar na rua em situação suspeita. Na verdade ela estava cumprindo uma ordem de seus senhores e por isso, a própria família a qual pertencia, publicou um manifesto:

Abuzo

Antes de hontem, pelas 9 horas da noite, tendo adoecido uma pessoas de nossa família, mandamos por uma escrava chamar o facultativo; cerca porém de meia hora depois, em vez do médico que esperava-mos, vimos chegar a escrava acompanhada de uma patrulha que a não deixou cumprir nosso mandato, e a fez retrogradar. É esse um abuzo que não podemos, nem ninguém poderá, tolerar; pode ser elle a causa da perda de uma vida. Se havia suspeita da escrava, assim como a acompanhou até nossa casa seguisse-a até a casa do médico, ahi verificassem a verdade. Desse modo, não impediriam a brevidade de soccorros a um enfermo, dos quaes as mais vezes depende a sua salvação, e teriam cumprido com seu dever sem prejuizo de ninguém. Reclamamos uma providência que evite a reproducção de semelhante abuzo.

Agiam desta forma porque as fugas eram constantes. Mesmo sozinhas, as mulheres partiam das casas dos seus senhores, rumo a Quilombos existentes na cidade. Vejamos alguns dos anúncios de fuga e suas articulações. É interessante observar que levavam roupas de suas senhoras (vestidos, saias-balão, xales de lã) a fim de disfarçar-se, além de “trocar de roupa”. Quanto mais bem vestida, mais fácil era fugir e dizer-se alforriada. Era comum também, o roubo de sapatos, já que eram uma indumentária própria dos que eram livres.

Outra idéia, ou talvez conjugada a primeira, é de que as “roupas de riscado, xales de lan barrados e capinhas de casemira”, eram bastante caras e poderiam ser penhoradas por um bom dinheiro.⁴⁸ Porém, esta é uma hipótese bastante remota, já que uma mulher, escrava, com uma roupa cara em mãos, certamente suscitaria a desconfiança do dono da loja de penhores, os quais geralmente, em situações como esta, chamavam a polícia, o que era totalmente indesejado pela fugitiva. Levar

⁴⁸ STALLYBRASS (2004), descreve que as roupas eram muito utilizadas no século XIX, nas penhoras. Segundo ele, Karl Marx, penhorou várias vezes o seu casaco, a fim de comprar papel para prosseguir com seus escritos.

roupas de sua “dona” também pode ser interpretado como uma possibilidade de “incorporação da identidade da outra”, ou seja, uma possibilidade de pelo menos ao vestir a roupa de sua senhora, sentir-se melhor, elevar sua auto-estima e imaginar-se livre. O *xale de lan*, por sua beleza, poderia proporcionar aos ombros cansados do trabalho, um aconchego. Atribuindo uma fronteira entre ela e a escravidão: um fetiche.⁴⁹ É oportuno também, observar as descrições das marcas corporais, o que poderia ser fruto de características tribais africanas (brexa na testa), ou de torturas.

Fugiu

na noute de 22 do corrente uma preta de estatura regular, e de nome Maria; levou vestido de riscado, a quem a prender e levar aos Carreiros em casa do tenente Porfírio Caucêro de Lima, ou n'esta cidade em casa de Gomes & Irmão, rua Direita n. 111, será gratificado. (Diário do Rio Grande, quarta, 25/01/1865)

Fugiu

Na noute de 3 para 4 do corrente fugiu de casa de D. Albina de Souza Chaves, moradora na rua da Praia, junto á agência do Sr. Magno, uma mulata de nome Maria, altura regular, gorda, cabelo corrido, tem um signal de brexa na testa, é bem falante, 40 annos, mais ou menos, levou toda a roupa que tinha; quem der notícia certa ou leva-la á presença da dona será bem gratificado, protesta-se desde já contra quem a tiver acoutado com todo o rigor da lei.” (Diário do Rio Grande, 05.04.1865)

Fugiu

No dia 19 de junho da rua das Praças n. 12, uma escrava crioula, de côr preta, de nome Luzia, de estatura regular, gorda, e levou vestido de lazinha de quadrinhos encarnada e com riscos escuros, uma capinha de cazemira escura, mas degotada e curta á moda do campo, anda de balão, e intitula-se forra, consta que a sua parajem é para o lado das Trincheiras ou quartel; gratifica-se generosamente a quem a apprehender e levar á rua dos Comoros n. 7 ou na rua Direita, loja de Gomes & Irmão, e se protesta com todo o rigor da lei contra quem a tiver acoutado. (Diário do Rio Grande, 23.06.1865)

Fugio: No dia 4 de fevereiro último, uma mulata de nome Cyprianna com signaes seguintes: estatura regular, idade 30 annos, pouco mais ou menos, tem buço, e falta de 2 dentes dum lado e um signal de queimadura que lhe

⁴⁹ STALLYBRASS (2004), citando JOHN ATKINS (1937), diz que “a palavra fetiche é usada com um duplo significado entre os negros: ela é aplicada às vestes e aos ornamentos e a algo reverenciado como uma divindade.” Por isso, julguei oportuno fazer referência a este termo, neste caso.

começa na mão direita subindo pelo braço até o peito, usa de cabelo penteado e levou vestido de chita de cassa branco com ramagem roxa, e dois chales de lan, ambos barrados sendo um branco e o outro encarnado; porém é de suppor que tenha mudado de trajos; quem a agarrar e levar à rua da Praia sobrado n: 153 será bem gratificado. Protesta-se usar de todo o rigor da lei contra quem a tiver acoutado.” (JORNAL ECHO DO SUL, 02/04/1859)

Vejamos outra situação:

Envenenamento: Falleceram ante-hontem envenenadas duas escravas, uma do Sr. Luiz Alves da Fonseca e outra do Sr. Candido Moreira Cocuruto. Consta-nos que ambas tomaram uma porção de verdete, com o fim de cometerem um infanticídio, e que d’isso lhes resultou a morte. Ambas essas infelizes muniram-se d’essa droga venenosa, comprando-a em lojas de ferragens. (Noticiador de Pelotas. In.: Diário do Rio Grande, quarta-feira, 18.01.1865.)

No mesmo ano em que essa notícia foi documentada nos jornais locais, Castro Alves escreveu o poema “Mater dolorosa”, relatando a vida sofrida de mulheres negras que preferiam cometer abortos, para não verem seus filhos na servidão. Não era diferente em nossa região, já que são inúmeros os relatos de abortos realizados por mulheres negras em Rio Grande. Nos óbitos, registrados nos livros da Santa Casa de Misericórdia da referida cidade, aparecem relatos concretos dessa realidade, pois trazem mortes de “ingênuos” (fetos e crianças até 2 anos) e de mulheres, por tentativas de aborto. Abortos, para evitar o nascimento de filhos escravos. Atentemos para o fato de que as duas mulheres reuniram-se para cometer o “infanticídio”. Um ato partilhado e articulado coletivamente para esse fim.

Em 1868, o engenheiro João Frick, escreveu um projeto de estatuto para fundar uma “Sociedade de Emancipação de Escravos”. Essa sociedade tinha como objetivo principal “dar alforria a escravas entre 8 e 25 annos, para que do seu ventre já nascessem creaturas livres.” Mesmo com reduzido número de sócios, essa instituição iniciou suas atividades em 1869. Seis meses após sua fundação, essa sociedade já era reconhecida e plenamente atuante e no dia 7 de setembro de 1869, ao meio-dia, foram entregues quatro cartas de alforria. A Sociedade progrediu bastante, porém, em 1871 perdeu sua razão de ser, pois a lei Rio Branco ou “Lei do Ventre Livre” foi homologada. Há relatos afirmando que essa foi a primeira sociedade com tais fins, fundada no Brasil.

6.3. Entre tranças e tramas: a organização dos salões de beleza no século XX.

“There are no ugly women, only lazy ones”. Com esta frase de efeito, Helena Rubinstein (1870-1965) dava início ao seu Império Cosmetológico através de um creme facial à base de ervas⁵⁰. Foi ela quem primeiro identificou e classificou a pele, a fim de personalizar o uso do seu “milagroso” produto, que fez muito sucesso em pouco tempo. Com isso, e para ratificar seu slogan, Helena fundou o primeiro salão de beleza do mundo em 1910, em Londres. Anos mais tarde mudou-se para Nova York, onde consolidou seu Império.⁵¹

A indústria da beleza foi crescendo, elaborando novas técnicas e discursos que ratificavam idéias como a de Helena. As mulheres sentiam-se praticamente obrigadas a manter o padrão de beleza ditado pelas grandes companhias. Mesmo destinados a uma classe específica, os símbolos e frases de efeito poderiam ser consumidos por todas as mulheres, mesmo que o produto final, ficasse fora do alcance de grande parte delas. Sobre este tema, Rocha (1994, apud SABAT, In. LOURO et. al., 2003, p.152) declara:

“freqüentemente, os anúncios publicitários ensinam modos de conduta para pessoas de todas as faixas etárias, delimitando espaços, traçando caminhos, configurando identidades. Vender é a função da publicidade, entretanto, não são todas as pessoas que têm poder aquisitivo para comprar os produtos anunciados; por outro lado, os signos apresentados em um anúncio publicitário são consumidos por qualquer pessoa sem distinção.”

Historicamente podemos acompanhar essa necessidade de um espaço para o culto da beleza desde a pintura dos olhos com óleo vegetal ou animal misturado com carvão, feito pelas egípcias, os banhos com leite de cabra de Cleópatra até o Botox, fios de ouro que sustentam a pele, alisamento japonês e megahair. Durante

⁵⁰ Através do site www.members.tripod.com encontrei uma frase semelhante, atribuída à Estée Lauder (1908 – 2005), outro importante ícone da indústria cosmetológica: “Beleza é um questão de atitude. Não há mulheres feias – apenas mulheres que não se cuidam ou que não acreditam ser atraentes.”

⁵¹ Há relatos, controversos sobre este surgimento. As fontes utilizadas neste estudo foram sites da Internet sobre a história de Helena.

séculos, isto foi sendo incorporado nas diversas sociedades e foi o grande impulso para a inauguração de vários salões de beleza e centros de estética no mundo todo. Não foi diferente no Brasil.

Pode-se dizer que no século XIX e início do século XX, os cuidados com a beleza feminina eram mais freqüentes no interior dos quartos das donzelas, na ornamentação das cabeças feita pelas mucamas. As sinhazinhas mantinham seus belíssimos cachos, a custa do trabalho árduo de mulheres trabalhadoras em regime de escravidão.

A partir dos anos 40, podemos acompanhar uma história de encontros e desencontros com o espaço do salão de beleza. Devido à precariedade de produtos e a influência das mulheres afro-brasileiras, o Brasil foi marcado pelo uso dos turbantes, que assumem o lugar dos chapéus, corroborando-se esta idéia através de Carmen Miranda, nesta época.

Na década de 50, foi acentuada a necessidade de freqüentar o salão, já que a moda, influenciada pelo cinema, era o cabelo estilo “Helmet” (capacete) cortado na altura dos ombros e com as pontas viradas com escova. Marcados pelo estilo com volume, que utilizava esponja de aço (famoso hoje como Bombril), a fim de dar forma ao penteado, estão os anos 60. Nessa época, usava-se cerveja e água com açúcar como fixadores.

Os anos 70, marcados pelo estilo hippie, deixam os cabelos mais soltos e sem preocupação com definições e uso de penteados. Há uma preocupação maior com os adereços: faixas, flores, passadores, etc. Quem freqüenta o salão de beleza, é porque ainda mantém um estilo ancorado em épocas anteriores. Para tratar do cabelo crespo, oriundo da etnia negra, pouco havia, e algumas práticas eram desenvolvidas no ambiente doméstico, como a Márcia descreve:

Quando eu era pequena, a minha mãe pegava, lavava o meu cabelo com todo aquele ritual e colocava óleo de mocotó na cabeça da gente. Tinha um cheiro horrroso. Esse óleo, era para hidratar, porque era a única coisa que deixava o cabelo bem maleável. Depois ela lavava uma, duas, três vezes. Naquela época não tinha esses xampus que tem agora. Era sabão grosso mesmo. Lavava, lavava... Depois por último, apareceu o sabonete Gessy. Nessa época eu tinha uns 7 ou 8 anos, foi assim até os meus 10 anos, final da década de 70. Depois foi melhorando, foram aparecendo os xampus como existem hoje... Levava horas, porque eu tinha uma estrutura de cabelo muito grande. Depois disso, vinham as vaselinas. Antigamente, as vaselinas

vinham em umas latas grandes, enormes. A mãe pegava, abria aquilo ali e passava bastante. Esquentava um ferro que tinha um cabo de madeira e passava mecha por mecha. Que nem se passa a chapinha baiana, só que era um ferro. Aquilo era uma coisa temporária, se molhasse voltava ao normal... (MÁRCIA, cliente do Salão de Beleza de Cultura Afro Flávia Cabeleireira)

Por influência de grandes nomes mundiais como a Princesa Diana, na década de 80 os salões de beleza preocupavam-se em divulgar permanentes e escovas com volume, a fim de aproximar-se do estilo capilar deste ícone do poder, da riqueza e da beleza feminina.

Dizem os especialistas em moda, que os anos 90, deram início a uma nova tendência: a liberdade de escolha. Sem grandes ditados sobre a beleza capilar, mas fruto de uma herança que segue modelos e institui padrões apresentados pelas grandes companhias. Porém, tais modelos são bem ecléticos, preocupados em abarcar os diversos estilos de vida e padrões étnicos. Por isso, hoje, pode-se verificar que os produtos a venda no mercado são bastante criativos quanto ao chamamento de seu público, dando lugar a todo e qualquer tipo de cabelo.

Neste contexto, que historicamente tem preocupação com a beleza da mulher branca, por muitos anos houve a supremacia da mulher afro-brasileira na prestação deste serviço, reproduzindo historicamente o trabalho das mucamas. As grandes divas do jazz nos Estados Unidos influenciavam a escolha por um estilo capilar ousado e profissionalmente constituído, o que fez com que um olhar mais específico sobre a beleza da mulher afro-brasileira fosse gerado nestas profissionais.

Surgem, portanto, sem data muito definida, os primeiros salões de beleza de cultura afro, os quais oscilavam e oscilam, entre manifestações culturais e rituais de embranquecimento.

Os salões de beleza de cultura afro, possivelmente, têm suas primeiras manifestações no interior das senzalas, no envolvimento das mulheres trabalhadoras em regime de escravidão com sua própria estética. O uso do turbante, vinculado a uma ancestralidade africana, poderia ser substituído por exuberantes penteados, se a escrava fosse “da casa”. Os enfeites com panos e sementes, complementavam a indumentária com roupas simples feitas de algodão cru.

Alencastro (1997), destaca que após a abolição da escravatura no Brasil, havia uma grande necessidade de os *livres e libertos*⁵² afirmarem a sua liberdade e, por isso, procuravam, principalmente os mulatos, parecerem “brancos e bem-apegoados”. “Nesse contexto, o Império, e a corte em particular, apresentava-se como um excelente mercado para os fotógrafos, cabeleireiros, droguistas e outros profissionais que prometiam mudar a aparência de seus clientes.” (ALENCASTRO, 1997, p. 84)

Não havia limites para o preconceito de cor, por isso, a aparência racial era colocada em foco. Pela postura assumida frente aos cabelos crespos do povo afro-brasileiro, agora, liberto da escravidão, o uso de perucas de cabelos lisos e claros tinha boa aceitação⁵³. Inclusive as perucas aristocráticas⁵⁴, que já caíam em desuso na Europa, entram na moda do Império com o objetivo de esconder o “cabelo pixaim”. Os cabeleireiros, da época, passam a ter, nesse produto, grande fonte lucrativa, principalmente com os mulatos. Outros produtos como a “Água dos Amantes” prometia embranquecer quem a usasse. Outro anúncio, do mesmo produto, prometia desfazer a cor trigueira (mulata) em cinco dias. A “vontade de querer parecer branco consistia em caracterizar, a qualquer preço, a escravidão como um estatuto exclusivamente reservado aos negros, pretos e pardos.” (ALENCASTRO, 1997. p.87) A própria lei imperial, previa que o cativo era permitido a pretos ou mulatos, nunca aos brancos.

O depoimento da Márcia me ajuda a compreender um pouco da trajetória dos salões de beleza de cultura afro na cidade do Rio Grande. Conta-me, primeiro, sobre os cuidados caseiros, passados de geração a geração. O uso do óleo de mocotó, do pente quente, das vaselinas, são conhecimentos que foram transmitidos, entre a

⁵² Livres: possivelmente os beneficiados pela Lei do Ventre Livre.

Libertos: os que receberam alforria, depois de terem exercido um período de trabalho escravo.

⁵³ O autor destaca o comentário escrito em um periódico recifense “A voz do Brasil” de 1848, sobre um mulato, mesmo que fosse um cidadão português: “Olhe, sr. Redator, isto é só aqui para nós, que ele ... não gosta que se digam lá estas coisas, é apardavascado e um cabelo, olé, danado, cheio de altos e baixos.”

⁵⁴ Estas perucas, segundo o site www.canalkids.com.br, tem sua origem por causa de um surto de piolhos e da calvície do Rei Luiz XIV, na França. Por esse motivo, para que o Rei não aparecesse calvo e para que os aristocratas não exibissem os cabelos raspados por causa dos piolhos, foram instituídas as perucas, que viraram símbolo da aristocracia e da magistratura. Caíram de moda após a Revolução Francesa.

comunidade afro-brasileira, ao longo das décadas. Ainda, neste momento, sem grande influência da mídia, já que mulheres afro-brasileiras não constituíam um significativo mercado consumidor.

Na década de 80, Márcia lembra dos “Percis”⁵⁵, cabeleireiros que usavam as pastas frias para alisar os cabelos das clientes. Segundo ela, o produto era forte, “queimava” o couro cabeludo e deixava o cabelo com uma cor esquisita, porém, era muito usado e divulgado entre a comunidade negra.

O surgimento do henê, sem data definida por ela, remete a tempos melhores. O henê, como um produto eminentemente preparado para cabelos étnicos, mesmo que também constituísse um ritual de preparo, deixava o cabelo bonito e “domado”.

Márcia destaca os anos 90 como o “grande boom” dos produtos capilares direcionados às mulheres afro-brasileiras⁵⁶. Agora, as pastas frias usadas pelos Percis, eram substituídas por outras químicas, ou seja, pastas frias com perfume e dermatologicamente testadas. É bom lembrar que mesmo estas, ainda são causadoras de inúmeras alergias e que, em suas embalagens, está a advertência quanto a isto. Segundo a Márcia, mesmo sendo uma inovação à indústria cosmetológica, estes produtos podem provocar, além das alergias, quebra dos fios, deixando o cabelo em “um toquinho”. Embora esses “perigos”, a busca do “cabelo com balanço” supera os medos.

Os salões de beleza de cultura afro aglutinaram práticas ancestrais, antigas e atuais, numa miscelânea de oportunidades para todos os gostos. No salão, é possível ver a chapinha (filha ou irmã do pente quente), o henê, as químicas mais modernas, as tranças, os *dreads*, entre outras manifestações da estética afro-brasileira.

⁵⁵ Escrevi do modo como a Márcia me descreveu. Conversando com outra colega de Pelotas, ela também referenciou os “Percis”, mas eu desconheço a origem do vocábulo.

⁵⁶ Mesmo que também usado por homens, esses produtos remetem ao público feminino. Basta acompanhar os slogans e imagens neles apresentados.

6.4. Sobre os cabelos...

Se já declarei, várias vezes, que o grande incentivo para pensar essa pesquisa foram as vivências com meus cabelos, vou tecer, através deles, uma reflexão possível sobre as narrativas, da Márcia, que tratam destas vivências complexas, dentro e fora da escola. Em comum, entre nós, o traçado de uma busca pelo “cabelo perfeito” através do “produto milagroso”. Cabelos crespos que me levaram ao salão da Flávia, ao encontro com as mulheres e neste encontro o entrelaçamento de histórias e idéias.

Quando Márcia descreve o “ritual” de passar óleo de mocotó, lavar com sabão grosso, alisar com pente quente, trançar ou fazer “telefones” e tantos outros cuidados de sua mãe, notei que minha proximidade era maior com sua prima, cuja mãe não tinha muita paciência. Meu cabelo era cortado, bem curtinho, evitando “problemas”. Quando Márcia fala sobre estas práticas, o caráter exaustivo é demonstrado através das expressões faciais ao falar sobre isto, nos gestos que reproduz e em sua própria narrativa. Como a minha, a mãe da Márcia, lembrava que cabelo solto (ou no meu caso, comprido), daria muito trabalho.

Sua mãe, cuidadora dos cabelos dela até os 15 anos, não inovava os penteados. Márcia, também entende que a mãe já fazia um sacrifício ao cuidar de seus cabelos e que a inovação exigiria ainda mais tempo. Diz também que se sentia violada, por não ter o direito de escolher o seu próprio penteado. Quando fala dos penteados, Márcia me faz lembrar o quanto eu sonhava em ter cabelos compridos e fazê-los.

Aos 15 anos, também lembro alguns fatos relacionados ao meu cabelo crespo, que era curto e chamado, por muitos, de “capacete”, aliás, comparar o cabelo crespo negro a objetos é uma prática muito comum. Eu era chamada de capacete, a Márcia de telefone, outras tantas de Bombril e por aí vai.

Ao falar que a vaidade vai fluindo, Márcia deixa transparecer que além de um cuidado de si, há uma grande influência midiática sobre a adolescência, fruto da

grande indústria da beleza que, descobriu na estética feminina afro-brasileira, grande chão para atuar⁵⁷.

No meu caso, como no dela, a busca pelo produto milagroso era uma constante. Era algo meio desesperador como ela mesma descreve, e eu concordo. Os slogans prometendo liberdade, versatilidade, cabelos soltos e naturais (mesmo através da química), atraíam e renovavam esperanças que logo iam por água a baixo. Hoje conseguimos entender diversas possibilidades estéticas, mas na adolescência, queríamos achar o produto que miraculosamente transformaria cabelos “ruins” em “bons”. Tratar o cabelo crespo afro como ruim é algo até corriqueiro. A própria Márcia, mesmo que hoje diga, que não fala mais sobre seus cabelos dizendo que queria ter cabelos “melhores”, no início de nossa conversa falou que o cabelo de sua prima tinha uma “origem melhor” e que, por isso, não dava tanto trabalho. Uma idéia que, de tão empregada, naturalizou-se: cabelo crespo afro é cabelo ruim.

Nunca tivemos problemas com o pertencimento étnico e a cor da pele, porém, éramos muito insatisfeitas quanto aos cabelos que possuíamos. É comum ouvir-se no salão de beleza comentários deste tipo, de insatisfação frente ao cabelo, porém, se isso não fosse fomentado, talvez hoje, a indústria comestológica capilar não tivesse tanto sucesso. Na verdade, dentre outras coisas, ela depende de nossas insatisfações e gera, com isso, necessidades. Segundo Sabat (In. LOURO et. al., 2003, p. 156) “os anúncios publicitários têm uma estrutura simbólica que se destina a nos convencer da importância e da necessidade que determinado produto pode ter em nossas vidas”. Márcia fala de uma espera e de um processo de conscientização que durou mais de 20 anos, até que ela pudesse aceitar as limitações da sua estrutura capilar.

Encontrei nas conversas com ela, a possibilidade de pensar uma trajetória da evolução dos produtos destinados ao alisamento, como já descrevi. A Márcia, segundo ela, cansada dos rituais envolvendo seu cabelo, toma uma decisão radical, cortá-los. Mesmo arrependida, mais tarde é “salva” pelos produtos como henê e pastas frias modernizadas. Mesmo que estes produtos viessem a danificar o seu

⁵⁷ Segundo ela, o grande “boom” dos produtos para cabelos crespos foi na década de 90. Anteriormente, a indústria capilar, desenvolvida para este tipo de cabelo era muito restrita à henês e vaselinas, complementos aos conhecimentos ancestrais do trançado, do pente quente e da chapinha baiana. Tal crescimento, está vinculado à uma suposta ascensão social do negro e maior poder aquisitivo.

cabelo, Márcia continuava a usá-los. A renovação das esperanças, vinha das promessas por soluções, como já descrevi, oferecidas nos slogans de cada produto.

Márcia contou-me sobre uma tia, que usava perucas, deixando seu cabelo bem curtinho para colocá-las, remontando práticas já conhecidas no Império pelo ex-escravos.

Na escola, Márcia narra comentários de colegas sobre os seus cabelos. Destaca que as crianças pequenas não faziam tais comentários, mas que isso passou a ocorrer com colegas de 11 e 12 anos. Deixa explícito que o preconceito não é natural e que as pessoas não nascem racistas, tornam-se. Márcia sente-se privilegiada por não ter sofrido racismo direto, parecendo não considerar, as práticas de seus colegas de escola, como racistas. Considera que o seu jeito faceiro de ser, contribua para que não sofra.

Vivências capilares que trazem inúmeras aprendizagens...

7. A Trindade ou a Tríade: o inédito, o viável e a indignação - diálogos transponíveis entre Freire e Bourdieu no salão de beleza de Cultura Afro.

Nas falas das mulheres encontram-se elementos para pensar, a partir de Freire e Bourdieu, um processo talvez de “nado contra a maré”, exercido por pessoas, como elas, que constroem saberes por vias não-formais. Numa sociedade onde o saber escolarizado sobrepõe-se a qualquer outro que não seja construído dentro desta instituição, muitas mulheres, como a Flávia e a Michele, precisam desenvolver estratégias possíveis e transponíveis para terem seus saberes reconhecidos, para além das análises de “fracasso escolar”. Outras, como a Márcia, necessitam, a cada dia, tomar fôlego e construir suas trajetórias superando a ditadura dos padrões capilares e étnicos, algumas vezes, fomentados no ambiente escolar.

Sabendo que, ainda hoje, os contingentes populacionais afro-brasileiros constituem, grande parcela daqueles que não freqüentam ou apenas passam pela escola rapidamente⁵⁸, vale a pena dizer que, também historicamente falando, é no povo afro-brasileiro que encontramos possibilidades, às vezes, inimagináveis de resistência e de construção de alternativas. O saber não deixa de ser construído.

Estas mulheres, que se “encontram” no salão de beleza, apontam a necessidade de escolarização como uma oportunidade de inserção social profícua e duradoura. A Michele destaca que não basta, só trabalhar ou só estudar, é preciso aliar as duas coisas a fim de alcançar os objetivos. Segundo ela, ainda há um outro fator importante, os estudos, em certa fase, dependem de um ganho financeiro para o seu prosseguimento.

⁵⁸ Benilda Brito, militante no movimento feminista negro, apresenta dados de 1997, os quais, revelam que as mulheres afro-brasileiras compunham 25% da população do Brasil e que, em sua maioria eram analfabetas ou semi.

Instaura-se aí um paradoxo, segundo elas mesmas, os horários de trabalho e as rotinas escolares, muitas vezes, são incompatíveis. Uma das razões apresentadas por elas para que interrompessem o processo de escolarização.

A escola aparece como um ente e não como um emaranhado de relações que demonstram a sua complexidade. Nem o saber escolar, nem a escola foram construídos ao mero acaso ou por uma força única que as determinou. Nessa teia de relações, vale a pena ressaltar que neste texto, mesmo que por via de organização de idéias, a escola seja apresentada como um organismo de existência concreta, é necessário perceber que a escola constitui-se mediada pela sua institucionalização, pelos professores, alunos, pelas relações que entre eles se estabelecem, por sua função social, pela opção política de sua comunidade, pelos conflitos no seu interior, nos discursos hegemônicos sobre ela e sobre o conhecimento que nela se produz, dentre outras coisas.⁵⁹

Nos discursos das mulheres, aparece a premissa hegemônica de significados sobre aquilo que foi vivenciado no interior da sala de aula. A Flávia diz que a escola hoje, exige pouco, que as crianças não vão mais com temas para casa e que tudo fica “à vontade”. Mesmo gostando da aula de Religião e tendo boas lembranças destes momentos, em determinado momento da conversa, destaca que, talvez, Língua Portuguesa seja a disciplina que deva ser mais exigida, a fim de que “faamos corretamente”⁶⁰. Porém, paradoxalmente, suas lembranças mais íntimas transitam pelos corredores, pelo pátio, pela informalidade de algumas aulas e pelas relações estabelecidas no âmbito da não-formalidade, sem apontar para momentos em que as exigências e formalidades escolares foram atendidas.

Para Freire (2002, p. 19), “é uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado”. Ainda em Freire, desconsiderar outras relações que não se dêem apenas no ato imediato do ensino dos conteúdos, é deixar nítida uma noção estreita do que é ensinar e aprender. Sendo assim, contribui indiretamente com a tese de que aprendemos em diversificados espaços, inclusive fora da escola. Diz que se estivesse claro a nós que, foi aprendendo que descobrimos a possibilidade

⁵⁹ Seria difícil ter uma definição única para a escola. Complexo universo de relações vai se definindo ao longo de sua própria existência. Hoje, constitui-se diferente do passado e amanhã, quem sabe como vai existir?

⁶⁰ O que, também, para Bourdieu, faz parte da construção do *habitus*. Falar bem, na verdade traduz-se por ter uma linguagem escolarizada, socialmente aceita e tida como culta e correta.

de ensinar, entenderíamos a importância das experiências nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios e, por mim defendido, nos salões de beleza de cultura afro e em outros espaços construídos coletivamente.

Neste contexto, a escola, se realmente engajada na formação, não deve alhear-se das condições sociais, culturais e econômicas da comunidade que dela faz parte. Por isso mesmo, tanto melhor desenvolverá o seu papel no processo de mudança se considerar os saberes e vivências não como pano de fundo ou âncora para o que se pretende ensinar, mas tema central de discussões profundas, para além da constatação de uma realidade desigual.

As mulheres, em suas falas, demonstram que em sua experiência escolar pretendiam falar do seu mundo e de outros mundos. Por isso, talvez, a Flávia dê tanta ênfase às conversas desenvolvidas nas aulas de religião. O interessante é perceber que mesmo sendo africanista e líder em sua comunidade, Flávia não se considera religiosa, pensando que não pratica “como deve ser”⁶¹.

Em detalhes, destaca que na aula de religião, falavam sobre vários assuntos, rezavam, aprendiam cantos sacros, dentre outras coisas. Disse que nestas aulas, viam “um outro lado da vida”. Uma parte espiritualizada que pode acolher e acalmar. Fala nos mitos religiosos cristãos (como o da Criação), destacando também que “pequenos valores” podem sensibilizar as crianças. Parece, aqui, estar tratando de humanização.

Simplistamente, talvez disséssemos que esta era uma necessidade manifesta de assumir outro lugar, porém, se pensarmos profundamente, admirando sua fala, talvez nos déssemos conta que, mesmo na realidade vivida, com os condicionantes que lhes são visíveis e cotidianos, através das aulas de religião, a Flávia ousava ter esperança e sonhar com dias melhores. Após seu relato, ainda especifica que é importante conhecer diversas formas de religiosidade para ter opções de escolha, destacando que isto também é cultura.⁶²

⁶¹ Mesmo que, no momento da conversa, eu tivesse conversado com ela e questionado então, o que é ser religiosa, a Flávia não entrou em detalhes, só insistiu que não era religiosa como deveria ser.

⁶² Uma vez, quando questionei sobre sua opção africanista, a Flávia disse que nem sabe como aconteceu ao certo, que foi criada, passando de geração em geração.

Para Bourdieu (In.: CATANI & NOGUEIRA, 1998), a escola continua excluindo, mas na atualidade essa exclusão ocorre de forma mais dissimulada, pois conserva os excluídos em seu interior (por algum tempo), mesmo que relegados a estigmas como “fracos na aprendizagem”, “bagunceiros”, “desinteressados” etc. Além do que, sob essa ótica, trata um “dom social” como “dom natural”.

Em sua fala, a Flávia fala de alguns acontecimentos na escola que contribuem para uma exemplificação do que Bourdieu aponta. Na dificuldade de lembrar momentos escolares, fica expresso, que a escola era distante dela. Flávia diz que o seu professor de Matemática da 6ª série questionou-a: “o que estás fazendo aqui?”, o que para ela foi devido a sua dificuldade expressa nas aulas e avaliações. Na fala do seu professor, o princípio mais questionável da escola: a necessidade de uma aprendizagem homogênea, com pessoas que aprendem da mesma forma e que precisam, para estar na escola, despir-se dos seus contextos vividos. Suas mentes, recipientes vazios que precisam ser cheios dos conhecimentos escolares.

Busco em Freire balizas para enunciar algumas questões pertinentes a essa “saída” da escola e os saberes populares e, discutir um tema antigo, mas inédito: o das estratégias viáveis traçadas “pelas gentes” e a indignação, da qual compartilho com Freire, frente às mais diversas formas de discriminação.

Nesse sentido, cabe ressaltar que não busco ligações ou contradições puras e simples das obras de Freire e Bourdieu, mas, sim, num esforço de traçar alguns caminhos para análise, reconhecer, nas produções de um e de outro, suportes teóricos para compreensão dos impasses instituídos no cotidiano da pesquisa que desenvolvi dentro do salão da Flávia.

Por fim, mesmo que saindo sem respostas prontas e acabadas, o que se torna uma ânsia a quem vive cheia de questionamentos, reflito sobre o que fazem as gentes quando não conseguem permanecer em processo de escolarização? Que saberes constroem fora do ambiente escolar? Que impressões têm de si e desses saberes? Quais seus anúncios? Quais as denúncias?

Os processos de saída da escola têm sido, desde longa data, extremamente difundidos na literatura educacional. Porém, neste momento sinto falta de encontrar, mais explicitamente, reflexões sobre os caminhos alternativos que são encontrados pelas pessoas para quando essa exclusão se efetiva. Longe de serem apenas as

excluídas, essas mulheres conseguem superar essa suposta perda, achando-se por outros rumos.

Bourdieu critica a estrutura escolar dizendo que esta contribui eficazmente para a conservação social, no momento em que reproduz saberes hierárquicos, de forma hierárquica, mantendo, assim, as estruturas sociais. Ensinando mais do que conteúdos escolares condicionam formas de vida, um *habitus*⁶³ para cada grupo. O autor ainda faz referência às oportunidades de acesso ao ensino superior, como resultado de uma seleção direta ou indireta, travada durante todo o processo de escolarização⁶⁴. As diferenças sociais, como já descrevi, são entendidas como ausência de dons. E sendo o dom, associado a uma perspectiva divina, a falta ou não, atribui-se a relação estabelecida entre o ser e a divindade.

Bourdieu lembra que cada família transmite a seus descendentes um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar (In.: CATANI & NOGUEIRA, 1998, p. 42). Sendo assim, crianças oriundas de classes populares, as quais têm pouca expectativa quanto ao retorno que os estudos podem proporcionar em nível profissional e por conseguinte, de sustento, optam por outras vias para o alcance de seus objetivos. O retorno, a longo prazo, e incerto, que a escolarização pode proporcionar, é reconhecido pelas famílias que direta ou indiretamente, transmitem esses conceitos para seus descendentes. Girard & Bastide⁶⁵ apud Bourdieu (In.: CATANI & NOGUEIRA, 1998, p. 47) escrevem que “os objetivos das famílias... reproduzem de alguma maneira a estratificação social, aliás tal como ela se encontra nos diversos tipos de ensino”. Bourdieu (In.: CATANI & NOGUEIRA, 1998, p. 48) complementa dizendo que as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível.

Em alguns depoimentos, é possível vislumbrar alguns destes aspectos referidos por Bourdieu, ressaltados em falas que expressam histórias de encontros e

⁶³ Esse termo, já citado por mim, aparece na obra de Bourdieu para denotar as características e comportamentos atribuídos a cada grupo social distinguindo-os uns dos outros e atribuindo supremacia de um sobre o outro.

⁶⁴ Nota-se, com isso, que não basta, apenas, a instituição de cotas para ingresso na Universidade. Há uma necessidade que, há muito vem sendo discutida e difundida, de garantia de acesso e permanência no Ensino Fundamental e Médio, para que sejam almejadas possibilidades de acesso a outros níveis de escolarização.

desencontros com o ambiente escolar. As mulheres manifestam que mesmo gostando de estudar, outras implicações como necessidade de sustento, criação dos filhos, desestruturação familiar, contribuíram para que o processo de escolarização fosse interrompido. Citam também, a influência da família na vida escolar, incentivando ou não, a permanência na escola.

Segundo ele, dizer “isso não é para nós” referindo-se, por exemplo, à Universidade é dizer, na verdade, “não temos meio para isso”. Sendo assim

a estrutura das oportunidades objetivas de ascensão social e, mais precisamente, das oportunidades de ascensão pela escola condicionam as atitudes frente à escola e à ascensão pela escola – atitudes que contribuem, por uma parte determinante, para definir as oportunidades de se chegar à escola, de aderir a seus valores ou a suas normas e de nela ter êxito; de realizar, portanto, uma ascensão social – e isso por intermédio de esperanças subjetivas..., que não são senão as oportunidades objetivas intuitivamente apreendidas e progressivamente interiorizadas. (1998, p.49)

No Brasil, seguindo o modelo de educação para as massas, processos escolares semelhantes à lógica industrial de passagem pela esteira das séries, com mecanismos de promoção e exclusão, foi delegado à escola a produção oficial dos saberes. Sendo assim, de um país atrasado (camponês) passaria a constituir-se em uma nação moderna. Nesse sentido, tais aparatos possibilitariam uma melhor manutenção da ordem social, no momento em que as palavras de autoridade seriam confundidas com autoritarismos, nos quais os saberes de uns sobreporiam aquilo considerado mais atrasado. As camadas afro-brasileiras de trabalhadores em regime de escravidão só tiveram acesso à escola em meados do século XX. Sendo assim, houve grande distinção entre o saber “primitivo” do escravo e aquele construído dentro da escola, no momento da “libertação”.

Essa modernização, feita pela escola pública, também representaria uma modernização cultural e política, sem questionar as bases dessa modernidade (GONÇALVES, 2000). Por essa razão, é possível que compreendamos questões como: por que as camadas populares afro-brasileiras apresentam em seus currículos pouco tempo de escolarização?

⁶⁵ Obra citada: BASTIDE, Henri, GIRARD, Alain. **La stratification sociale et la democratization de l'enseignement**. In.: *Population*, Paris, julho-setembro de 1963, p. 443.

Assim como em outros países, a exemplo dos Estados Unidos, os contingentes de ex-escravos passaram a constituir em excedentes de mão-de-obra barata e abundante no Brasil, que não necessariamente precisaria freqüentar as escolas e ter acesso aos saberes institucionalizados. No período da escravidão, Castro (In.: ALENCASTRO, 1997, p.363) destaca uma declaração da revista “A Semana Ilustrada” de 1872, na qual diz: “Essas são as conseqüências quando se ensina aos moleques a ler e escrever; ficam sendo conhecedores e confidentes de todos os nossos segredos”. Por esta razão, fica visível que o “bom escravo era o escravo analfabeto”, incapaz de compreender o mundo letrado dos homens brancos e livres. Reconhecendo as possibilidades que se colocam a partir do domínio da linguagem escrita, instaurou-se esta máxima.

John L. Hart, em 1879, já escrevia que “edifícios escolares são mais baratos que os cárceres e os professores e os livros oferecem mais segurança que as esposas e os agentes de polícia” (ENGUITA, 1989, p.122). Talvez, usando essa premissa, tenha-se permitido a entrada de afro-brasileiros nas escolas. Porém, a estrutura curricular a todo o momento trazia indícios de que seu lugar não era ali e ainda hoje podemos encontrar tais mensagens, diluídas ou expressas nos discursos e nas práticas escolares, “mas não é suficiente enunciar o fato da desigualdade diante da escola, é necessário descrever os mecanismos objetivos que determinam a eliminação contínua...” (BOURDIEU, In. CATANI & NOGUEIRA, 1998, p. 41) de crianças e jovens.

Revendo a obra de Freire, podemos traçar o caminho inverso para a análise desses processos. Ao invés de enunciar o que a escola não tem feito para realmente acolher os educandos, pretendo aqui tecer alguns comentários sobre o que se faz necessário, reconhecendo, porém, que, para além disso, existem outras questões a serem discutidas como, por exemplo, a supremacia do capital sobre a humanidade⁶⁶.

⁶⁶ Nesse momento, reconheço que a escola precisa sofrer uma relevante modificação nas suas formas de conceber o ser humano, o conhecimento, seu papel social etc., mas, também, que há condicionantes para além dela, como, por exemplo, a miséria, a fome e tantas outras injustiças promovidas pela lógica do capital.

Portanto, é necessário respeitar os saberes dos educandos, diferentemente da lógica do negar o indivíduo sapiente que ali está, juntamente com a disponibilidade ao diálogo, elementos fundamentais para um ambiente escolar que pretenda acolhê-los. O quanto de matemática nos pode ensinar uma criança que, mesmo com sua pouca idade, ajuda no sustento da família, trabalhando em pequenos biscates, quando deveria brincar?

O quanto de conhecimento sobre a falta de políticas públicas para saneamento básico nos pode ensinar um adolescente que convive com o descaso dos governos? Mas, muito além disso, o quanto de sonho, utopia e disposição para a vida, ainda existe nesses estudantes e suas famílias?

Ensinar é um processo que demanda alegria, esperança e compromisso com quem se está ensinando. Por essa razão, é necessário que repensemos nossa prática e assumamos uma posição. Freire (2002, p. 39) diz que a prática “exige... uma definição. Uma tomada de decisão. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura”. Nesse sentido, poderá ser pensada uma outra idéia de escola. Não somente um lugar onde “se aprendem coisas”, mas o lugar onde podemos entrar em contato sistematizado com saberes construídos ao longo da história da humanidade, sabendo que esses conhecimentos foram estudados e estruturados por pessoas que fizeram filosofia, arte, música, história etc., a partir dos referenciais que obtiveram na realidade concreta e não ao contrário. Mesmo os campos mais “duros” ou fechados como os das ciências exatas, obtiveram, no mundo real, nas vivências cotidianas, sua curiosidade instigada.

7.1. “Adeus escola”: guarde consigo lembranças que deixei... Levo comigo as marcas que ficaram.

Ao conversar com mulheres que trabalham no salão de beleza de Cultura Afro, ao qual me refiro neste estudo, pretendo apresentar o que me parece pontual em suas falas, a fim de tentar compreender alguns dos rumos traçados após a saída da escola.

Esse “adeus” parece ser um momento bastante sofrido. Até hoje, a Flávia e a Michele dizem que “educação é tudo” e muitas das vezes confundem educação e escolarização. Diz a Michele que a escola é necessária e sempre foi um tudo. Que não é possível optar por ela ou não, a escolha é uma só: escolarizar-se.

Parece-me que confundir esses dois termos (educação e escolarização) revela estruturas arraigadas de que o único lugar onde conhecimentos são produzidos é a escola e que ao contrário do que disse Freire, as pessoas não se educam na sua mediação com o mundo, que nem sempre é o escolar.

Na sua vivência diária, constroem saberes e talvez nem percebam. Na descrição das práticas no cotidiano do salão de beleza, em títulos anteriores, tentei elucidar o que estou tentando dizer. Nesses relatos sobre um salão de beleza de cultura afro, sua organização, sua estruturação física e suas atividades, podemos compreender porque este lugar têm sido muito mais um espaço de diálogo e de vivência coletiva do que a própria escola foi (essa é minha “tese” ousada, fica a critério do leitor a continuidade das análises e das críticas). O que essas mulheres puderam ensinar e aprender no ambiente escolar?

Porém, mesmo sem lembrar muitas coisas da escola e de suas aprendizagens nela, a Michele e a Flávia, não deixam de valorizá-la e reconhecê-la como indispensável, embora apontem uma necessidade imediatamente vinculada ao mercado de trabalho e não ao crescimento pessoal.

Em sua fala, a Michele destaca o que aprendeu no salão e, aí sim, consegue vislumbrar uma articulação possível entre aprendizagens e crescimento enquanto ser humano, humanização. Conta que, quando chegou no salão, tinha um total desconhecimento das práticas, da organização e que foi aprendendo, o que, para ela, torna o salão um lugar especial. Outra aprendizagem que julga importante para sua própria existência é saber ouvir as pessoas, reconhecer e solidarizar-se com suas histórias. Aprendizagens cotidianas, muitas vezes, desconsideradas.

Quando venho questionando a significação das aprendizagens escolares para estas mulheres, posso ainda pensar sobre essa saída da escola e as estratégias de vivência fora dela, retomando, por fim, as três categorias que impulsionaram e “sulearam” algumas reflexões. (o inédito, o viável e a indignação)

O que é inédito nesse assunto?

Podemos dizer que mesmo que a temática “exclusão da escola” tenha sido tão difundida no meio educacional, ainda restam considerações a serem feitas sobre a real necessidade de “inclusão das pessoas” em uma escola que se apresenta sob esses moldes. Parece simplista a análise, ou, talvez, mais excludente que a própria exclusão, mas o grande mote que vem fomentar esta inquietação é o fato de que os saberes populares, construídos pelas comunidades, num processo de constante superação dos determinantes sociais, ainda hoje têm sido desprezados dentro do currículo escolar, ou então, vem sendo utilizado como “ponte” para saberes ditos mais relevantes.

Sendo assim, a identificação com a escola é pouca ou nenhuma. Avançando nessa análise, pensar em “ascensão”, tendo como trampolim a escola, também pode ser questionado, dado ao mar de desempregados diplomados (em diversos níveis), encontrados em nossa sociedade e, também, citados nos discursos das mulheres, com as quais conversei.

Certamente não podemos delimitar essa análise a apenas uma via. Mesmo que pareça contraditório, defendo uma escola pública, de qualidade, construída de forma democrática e participativa, para além dos discursos oficiais. O que quero destacar é o seguinte: muitas das pessoas que são excluídas dos bancos escolares elaboram estratégias viáveis de sobrevivência fora dela, sistematizando em seus espaços, os saberes que constroem e, em muitos dos casos, ainda os compartilham com seus pares buscando assim, alternativas viáveis, para suas situações-limite.

Por essa razão, acredito que a escola pode aprender muito ao sair de seus muros e dialogar com outras organizações onde o ensinar e o aprender estão presentes. Acredito em uma escola, que se indigna frente aos discursos fatalistas e elabora em uma relação de horizontalidade, trilhas e rumos, para a superação desses condicionamentos.

Fomentando a necessidade de prosseguir com a discussão desta temática, é mister lembrar que hoje, mesmo no século XXI, dizer que mulheres afro-brasileiras, de classe popular e cabeleireiras, exercitam de fato a sua liberdade e cidadania é basicamente uma ilusão. Ainda perpassa pela nossa sociedade, discursos que a todo o momento tolhem o direito à liberdade, e não somente das mulheres afro-brasileiras de classe popular, mas também das indígenas, das “sem-teto”, das

discriminadas pelo simples fato de serem mulheres e de outros segmentos que lutam por um pouco mais de dignidade em suas diversas formas de coletividade.

Freire (2002, p. 49) enfatiza que devemos nos contrapor ao escutarmos discursos fatalistas como estes: “que poderíamos esperar deles, uns baderneiros, invasores de terra?” “Maria é negra, mas é bondosa e competente”, “o desemprego no mundo é uma fatalidade do [início] deste século”, ou, ainda, outras idéias que trazem o adjetivo “coitadinho” para designar algumas pessoas, que, não raro, encontram-se disseminados na sociedade e, por conseqüência, no interior da escola.

Essas formas de expressão sobre as pessoas deixam claro que nossas, liberdade e ação podem estar comprometidas, mas certamente entendemos que elas precisam ser cultivadas, percebendo que nossa primeira ação é lutar contra as formas de opressão que se impõem a nós, seja abertamente, seja sob a forma de discursos falso-moralistas, diluídos em nossas vivências.

Lembro-me também que, a luta das mulheres é uma dentre várias outras, sendo assim, se configura em uma conquista social. Esta conquista feminina, não deve jamais ser pensada, sem que a unifiquemos com conquistas de outros grupos que lutam por justiça. Portanto, fica aqui a crítica ao princípio de que a busca de interesses egoístas, cada um agindo para si, promove o bem de todos.

Talvez os salões de beleza e seu estudo, chamem para um desafio: perceber em lugares que antes eram rechaçados como fúteis e dispensáveis, a formação de processos identitários coletivos e individuais e a geração de conhecimento por mulheres afro-brasileiras num momento de relativa dor: a saída de um ambiente que deveria ser seu, a escola.

8. O dia em que Marx e Freire se encontraram no salão de beleza de Cultura Afro⁶⁷

Entender a dinâmica de um Salão de Beleza a partir do referencial de Marx e Freire, parece, senão uma aventura, uma loucura. Já neste trabalho discuti com Freire e Bourdieu, as dinâmicas do processo de escolarização e a relação que se estabeleceu entre as mulheres e a escola.

Porém, percebo ainda em Freire e Marx categorias para compreender algumas dinâmicas do referido espaço, com relação à organização do trabalho. As categorias escolhidas foram: a “coisificação” em Freire e a “mercadoria” em Marx. Porém, outras surgirão ao longo do trabalho.

A *coisificação*, descrita por Freire, é aqui entendida como o processo de desumanização, ou seja, o atendimento à lógica do capital que trata pessoas como objetos e a tudo (além das pessoas, atitudes e sentimentos...) estabelece um quantificador. Mensura e estabelece padrões. Torna o lucro, o centro das atenções e separa as pessoas em categorias de ter e não ter.

A lógica capitalista, segundo Freire, tende a *coisificar* a própria história. Trata com naturalidade o que é construído historicamente e faz com que condicionantes sociais e históricos sejam vistos como determinações fatalistas.

Prescreve a homens e mulheres o “carimbo” da subalternidade, do subemprego e das estatísticas de evasão escolar, em muitos casos. Por outro lado, a busca de sua humanização e gentificação faz com que a cada dia, mulheres e homens afro-brasileiros ou não, tenham suas existências reinventadas e, através da superação interna e externa das “situações-limite”, deixem de ser apenas estatísticas e sejam sujeitos de sua própria história. Sendo assim:

para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das “situações-limite” em que os homens se acham quase *coisificados*. (FREIRE, 1987, p.54)

⁶⁷ Onde Freire e Bourdieu já conversavam.

Em Marx encontro subsídios para explicitar alguns conceitos como mercadoria e trabalho alienado.

Mercadoria, entendida não apenas como uma objetivação do trabalho, mas também como os processos para sua realização, que nela ficam amalgamados. Segundo Stallybrass (2004, p.20):

Marx, apesar de todas as suas brilhantes análises sobre o funcionamento do capitalismo, estava equivocado em apropriar o conceito de fetichismo da antropologia do século XIX e aplicá-lo às mercadorias. Ele estava certo, naturalmente, em insistir que a mercadoria é uma forma mágica (isto é, mistificada), na qual os processos de trabalho que lhe dão seu valor foram apagados. Mas ao aplicar o termo *fetiche* à mercadoria ele, por sua vez, apagou a verdadeira mágica pela qual outras tribos (e quem sabe, talvez até mesmo nós próprios) habitam e são habitadas por aquilo que elas tocam e amam. Para dizer de uma outra forma, amar coisas é, para nós, algo constrangedor: as coisas são, afinal, meras coisas e acumular coisas não significa dar-lhes vida. É porque as coisas *não* são fetichizadas que elas continuam sem vida.

Segundo Marx, o sistema capitalista, torna o produto do trabalho, algo estranho, fora de si. Que se desliga do seu criador e adquire autonomia. Sobre isso afirma que:

a alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, e se torna um poder autônomo em oposição com ele; [significa] que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica...[essa relação] produz beleza, mas deformidade para o trabalhador.(MARX, 1985, p.160 e 161)

Porém, mesmo apresentando definições de um autor e outro, por vezes, o caminho anteriormente bifurcado nas duas idéias se torna um só. Freire traz em sua obra referências aos escritos de Marx.

As teóricas feministas, também referem-se à Marx. Atribuindo ao seu legado a devida importância, porém, lembram que a categoria síntese “classe social”, precisa ser acrescida de outras discussões, como por exemplo, a de gênero (MURARO, 2001).

8.1. A “coisificação” das pessoas e das práticas

Freire apresenta esta categoria “coisificação”, ao descrever a lógica capitalista e sua tendência a “coisificar”, ou seja, “tornar coisa”. Por certo, nas relações estabelecidas em um salão de beleza, o coisificar, num dado momento, é inevitável. Mesmo com a alquimia presente no momento do corte, ou do toque das mãos da manicure, o descanso no lavatório ou ainda, a transformação radical depois da chapinha baiana, é necessário que se quantifique em moeda o serviço prestado. O que hoje se tornou “natural”, pois afinal, é difícil pensar um serviço sem um pagamento.

A escolha profissional dessas mulheres, além da satisfação de um desejo, afinal outra profissão poderia ser escolhida, tem o objetivo do sustento familiar, da aquisição de bens materiais, da subsistência. Neste viés, é fácil compreender a necessidade de ganho e de pagamento, porém, é um tanto difícil compreender como estabelecem estes valores. Por outro lado, recriando a sua humanização, o que é de fato ser gente, compartilham nos momentos de encontro idéias e alternativas viáveis para a superação dos condicionantes. Como já declarei várias vezes e volto a insistir, longe de serem as mulheres que ficaram ao longo do caminho, expropriadas do ambiente escolar, são pessoas que se constroem e reconstroem dando sentido à sua vida através de seus afazeres diários, por mais simples que sejam.

E o que mais pode se coisificar num salão de beleza?

O cabelo é uma coisa, geralmente feia e negada, porém, sai de lá uma nova coisa, que é minha, mas que entrou em fusão com a percepção e o desejo de alguém, a cabeleireira. Mesmo que o cabelo seja a coisa a ser cortada, chapeada, lavada ou hidratada, nas sombras dessas práticas estão o bem-estar, a auto-estima e o desejo que não são por elas “coisificáveis”.

Mesmo que alguma das mulheres chegue até lá e por idéias hegemônicas queira atender padrões que a tornaram “coisa”, mesmo assim, há uma ligação transcendental de mulher para mulher que as humaniza. Em outras palavras, se uma mulher chegar ao salão para atingir o cabelo padronizado, liso, branco e europeu que não possui por ser afro-brasileira, uma conversa simples e trivial pode ser o caminho para pensar sua própria existência por outro viés.

Se lá estou, apenas para receber o serviço prestado, perco um momento interessante de lavar a alma, através das *conversas de espelho*⁶⁸. Se estiver chapeando o cabelo negado e transformando-a apenas porque rejeito o original, posso estar desprezando a reflexão necessária sobre o velho e o novo, o original e o adquirido, ser ou não ser, quem estou sendo em quem quero vir a ser. Se apenas corto o cabelo, sem saber porque ou quem está cortando, corto, também, uma possibilidade de encontro que nunca mais se repetirá. Hidratar o cabelo, apenas porque é seco, morto, impede que a *hidros* da convivência adentre segredos que se guardam em profundidade.

Proceder de modo diferente, ou seja, dar a conversa de espelho seu sentido mais íntimo, é também cuidar de si por dentro. Sem entrar nos devaneios da dialética do interior e do exterior, é perceber que para além de um externo que é visível aos outros, existe um interno que é visível e, bem visível a mim.

A dinâmica pode até lembrar uma esteira fabril. Primeiro a chegada, o contato com a recepcionista. Após, a lavagem. Depois, a hidratação e por fim o corte ou a chapinha. Porém, esses momentos são alquímicos, todos eles cercados de místicas e rituais. Longe de ser um produto que vai sendo construído, que é inanimado, sem vida, “passa pela esteira” um “quem” e não um “o que”.

A jornada da chegada até a saída do salão é cheia de “cantos”. Lugares delimitados de muita intimidade e segredos. Geralmente, não se escuta o que é dito no canto, a não ser que alguém de lá compartilhe com as demais o que foi dito. Bachelard (2003, p. 145) diz que

... todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa.

Talvez por isso, o envolvimento de quem “está no canto” seja tão grande e intenso. O toque das mãos, no caso das manicures ou das mãos no couro cabeludo, no caso do lavatório, são momentos que merecem ser percebidos e valorizados. Os cantos revelam, muito mais que os centros, as vivências, os sonhos e as

⁶⁸ Chamo *conversas de espelho* o momento em que cabeleireira e cliente encontram-se diante do espelho conversando, trocando idéias, mas não somente por isso, por estarem diante de um espelho, que a conversa recebeu tal nome. A conversa de espelho assim é denominada porque as situações contadas, narradas, sentidas, podem ser similares e refletirem-se em ambas participantes do diálogo. Posso ser o espelho da outra e a outra o espelho de mim. Talvez pudesse ser também chamada de *conversas em espelho*.

inquietações. Quem está na *conversa de espelho* cria o seu canto também. Um lugar secreto de interações infindas.

Diz também Bachelard (2003, p. 150) que, “sem dúvida, é preciso ir ao fundo do devaneio para se comover diante do grande museu de coisas insignificantes”, mas é exatamente no objeto mais antigo e rústico do lugar, que está toda a relação, por vezes antagônica, entre passado e presente. Falo isso do objeto mais utilizado e desejado: a chapinha baiana. Parece uma tesoura rústica, feia e enferrujada, mas ali está o segredo da existência deste salão de beleza. Através da chapinha, as mulheres podem lembrar o passado e as práticas de embelezamento de suas ancestrais, ao mesmo tempo que “negam” ou “reelaboram” suas origens afro-brasileiras e talvez, em alguns casos, a “marca” mais aparente da etnia: o cabelo⁶⁹.

8.2. Posso fazer um pacote?

O que lembra um pacote? Talvez um embrulho, bonito ou feio, colorido ou não, grande ou pequeno, num canto ou no centro, ganhado ou perdido, mesmo que estas categorias sejam muito relativas. Mas no caso do salão de beleza é uma garantia de retorno. O pacote é a forma encontrada para minimizar os gastos com a beleza e também, a garantia de que aquela que assumiu o pacote, voltará.⁷⁰

Mas do que se tratam as “mercadorias” produzidas neste espaço e qual seu valor? Como estabelecem estes critérios para determinar de quanto é o pacote? É difícil descrever, porém, posso tentar elaborar algumas idéias sobre essas relações.

Mesmo um simples corte de cabelo, que é o produto final, por vezes rápido e preciso, é fruto de um trabalho humano, qualificado e historicamente construído. Incrivelmente, mesmo com tanto envolvimento das clientes e das cabeleireiras, fica difícil perceber se as primeiras têm em mente a historicidade prescrita no trabalho destas últimas.

⁶⁹ No caso da mestiçagem (mulatos, pardos...) pela pele clara o cabelo é a expressão mais visível do pertencimento étnico.

⁷⁰ No Salão da Flávia é assim: a cliente escolhe fazer um pacote ou não. Se faz o pacote, que garante 4 chapinhas e 4 hidratações capilares, paga menos se pretender o serviço de forma avulsa. O pacote é pago a todo final de mês ou quando a cliente optar em negociação com a secretária. A maioria das clientes opta pelo pacote.

O ser cabeleireira para essas mulheres é fruto de uma história de encontros e desencontros. Falam sobre a profissão que escolheram por diversos caminhos: pela necessidade de sustento, pela saída da escola, pela oportunidade, porém, o que fica visível é um caminho construído e construindo-se. Sendo assim, e pelo fato de estarem lidando diretamente com os desejos e anseios do outro e seus próprios, fica difícil descrever o que fazem como simples mercadorias. Até porque, ao mesmo tempo em que o trabalho se aliena, é o resultado de uma simbiose momentânea, onde um pouco da cabeleireira está na cliente e vice-versa.

Freire, referenciando Marx, diz que: “não há realidade histórica que não seja humana. Não há história sem homens [e mulheres], como não há uma história para os homens [e mulheres], mas uma história de homens [e mulheres], que feita por eles, também os faz.” (FREIRE, 1987. p.73), nesse sentido, responsabiliza homens e mulheres por suas decisões instigando-os a transformação. Mesmo que entrelaçadas pelas tramas de uma ordem capitalista que necessita da moeda, estas mulheres mostram que pretendem a valorização do seu trabalho e assim, de suas profissões, porém o pouco que conquistam, tendem a compartilhar.

Marx define mercadoria como:

um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. Aqui também não se trata de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se imediatamente, como meio de subsistência, isto é, objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção. (MARX, 1983, p.45)

Pensar em mercadoria, apenas como um objeto externo, é um equívoco inegável, já que atribuímos às coisas que possuímos um valor não só de troca, mas também, a eles indexamos nossas memórias, desejos, paixões, medos e rupturas. Com isso, percebo que existem complexas redes de relações entre o salão de beleza, a cabeleireira, a cliente e seu cabelo. Atribuir ao corte, a chapinha, a hidratação, ao cuidado com as unhas, um caráter final de “serviço prestado objetivado”⁷¹ é uma análise muito simplista do contexto do salão.

⁷¹ Lembro aqui de Bourdieu ao referir-se ao “capital cultural objetivado”, ou seja, aos bens culturais – quadros, livros, prédios, instrumentos. O corte de cabelo ou a chapinha, neste sentido, assumem a forma de capital cultural, no momento que deixam indícios de uma concepção de beleza e feminilidade.

As mercadorias no salão se transformam em marcas que atribuem significados à existência. Olhar as fotos do cabelo antes e depois, mesmo que ele não dure mais que uma noite de baile, é o suficiente para uma mudança de opinião sobre si mesma.

Marx, segundo Stallybrass (2004, p.53), define o capitalismo como o processo de universalização da produção de mercadorias e agora, pensando no salão de beleza, mesmo que os cortes e chapinhas sejam universalizados sob a ótica de uma idéia hegemônica de cabelo, cada mulher que passa por lá, recebe-o de uma maneira diferente, por suas singularidades. Mesmo que eu passe pelo mesmo processo que a outra acabou de passar, os efeitos e a receptividade serão bem diferentes. Vejamos um exemplo bem simples: várias mulheres chegam ao salão querendo o “corte de cabelo daquela atriz da novela das oito”. Num grande esforço, a cabeleireira realiza o corte, nos mínimos detalhes, porém, ficar igual é impossível. Esses desejos (o cabelo da atriz) geralmente estão associados à incorporação do outro, assumindo sua identidade e mesmo que o corte fique idêntico, mas a aparência não, o simples fato de tê-lo feito, pode representar uma conquista. Neste ponto, o cabelo assume a postura mágica da transformação. A cabeleireira torna-se a fada madrinha que transforma a abóbora em carruagem, pelo corte dos cabelos. Se ao contrário, ao olhar-se no espelho, percebe que o corte, não foi suficiente para o “plim” da varinha de condão, a decepção é indescritível nessas próximas linhas.

As “mercadorias” no salão são, em sua maioria, satisfatórias às fantasias, desejos e sonhos. E este objeto que se torna externo, por momentos é compartilhado. Mesmo que o cabelo ou as unhas sejam da cliente, é uma ilusão pensar que é esta que tem a decisão final. Depende da criatividade, do humor e da habilidade da cabeleireira que tem a palavra final (engana-se quem pensa ao contrário). Por vezes, trata o que é da outra (cabelo ou unha) como se fosse seu e até arrisca dizer o que é melhor.

Sem ler Marx, e saber o que ele escreveu sobre isso, estabelecem ao seu trabalho valores quantificados de acordo com o tempo despendido para a realização, a precisão necessária e principalmente, pela especialidade (a chapinha é o produto mais caro, porque é a especialidade do salão).

O próprio Marx, nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, afirma que:

o[a] trabalhador[a] torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O[a]

trabalhador[a] torna-se [também] uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a *valorização* do mundo das coisas aumenta em proporção directa a *desvalorização* do mundo dos homens [e mulheres]. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador[a] como uma *mercadoria*, e justamente na mesma proporção com que produz bens.

Por essa razão, as trabalhadoras do salão de beleza, vêm-se enfrentando uma total desvalorização do seu trabalho, má remuneração e grandiosa concorrência, o que as têm assustado. Sendo assim, em um esforço de superação da cruel trama que se instaura, podem cair no jogo fatalista de transformar “a sua atividade vital, o seu ser, em simples meio de sua existência”, a isso Marx denomina *trabalho alienado*.

No salão de beleza, como já foi descrito, mesmo que o objeto de seu trabalho “saia” dos seus domínios, há um pouco de si na corporeidade do outro, o que faz com que o objeto seja um pouco seu. Por outro lado, às vezes, realizar o desejo de embelezamento do outro, pode acarretar que esta mesma prática seja inviável para si. O tempo despendido para o outro é inúmeras vezes maior ao tempo despendido para si própria.

Mesmo que Marx tenha escrito sobre a caracterização industrial, suas idéias também são viáveis para o entendimento da organização do trabalho, neste caso, num salão de beleza de cultura afro. As mulheres que lá trabalham, mesmo sendo sujeitas de suas realizações no âmbito de seu local de trabalho, consideram, por vezes, como insignificante ou muito pequenas, as ações que praticam. Geralmente, ficam surpresas quando lhes é apresentado o caráter singular e relevante de suas conversas e as alternativas que encontram para melhorar sua vivência em grupo. Por esse motivo, entendo que, ficam nas sombras das suas percepções o que vivem e o que são, alienando-se no que diz respeito aos processos que elas mesmas constituem.

Dentro do salão, mesmo que se possa descrever relações humanizadas e solidárias entre as componentes do grupo de trabalho ou de clientes, fica visível que essas relações são entrecortadas por momentos onde os *conflitos com os que deveriam ser parceiros* se estabelecem. Há uma supremacia sutil e reconhecida por todos do trabalho de uma sobre a outra. Reconhecida e procurada é a Dona do salão, tanto pelas clientes quanto pelas funcionárias. Qualquer outra pode assumir,

a exemplo disto, o lavatório, porém, a marca registrada (chapinha) é exclusiva de poucas, que se destacam no grupo. Nem todos os segredos são revelados.

A concorrência é ameaçadora, por isso, é pouco mencionada. Logicamente, quando o é, tende a ser criticada negativamente. Por outro lado, reconhecer o trabalho do outro é fundamental, pois afinal mutuamente, necessitam do reconhecimento do seu trabalho. A familiarização dentro do ambiente de trabalho e com quem o frequenta é fundamental. Se essa cumplicidade não se estabelece, existe a rivalidade dos pares e as atividades não acontecem.

Quem entra e sai insatisfeito, e não volta mais ou se volta, é por não ter outra opção. Por isso, o querer bem e a parceria, são ingredientes indispensáveis. Ao contrário, o salão fecha. Acredito ser por isso a necessidade de tanta fusão entre quem está e quem chega lá.

Segundo Marx (1983, p. 169), “um aumento de salário forçado não passaria de uma melhor remuneração dos escravos e não restituiria o significado e o valor humanos nem ao trabalhador, nem ao trabalho”, da mesma maneira que o bom pagamento pelo serviço prestado no salão, seria de certa forma vão, se não vem carregado de elogios a quem o executou. Também está, na dinâmica do salão de beleza, a necessidade de reconhecimento. Há quem chegue no salão, exigindo bom atendimento porque está pagando e não para encontros e conversas, como há muito estive defendendo.

Pela lógica do capital, dura e fria, nem tudo são perfumes, toques, assuntos fantásticos ou convivência relativamente feliz. Há os desencontros de cada dia e a superação de situações que são próprias da tendência funesta da lógica do capital, quando atendida.

9. “Mulheres-luas”: conversas com algumas mulheres sobre a vida, no salão de beleza.

Gosto muito do poema de Elisa Lucinda “Aviso da lua que menstrua”. Parece trazer consigo, sob a forma de texto poético, a superação de uma dor, por muito tempo calada. Ouvi a própria Elisa dizer, em um Seminário realizado em Pelotas, que a inspiração deste poema foi ver uma galinha e seus pintinhos e pensar: “porque os homens pretendem nos ofender, chamando-nos de galinha? O que tem de ofensivo em uma criatura que cuida tão bem de seus pintinhos sob suas asas e cisca pacientemente provendo alimento para si e para eles?” Da mesma forma, ao ver a passagem de uma vaca, com seu ubre repleto de leite, gorda, tranqüila, caminhando pela grama, ficou atenta aos seus passos lentos e procurando compreender, da mesma maneira, o que havia de infame e vergonhoso naquela “musa”, sagrada na Índia.

Venho dizendo que ao redor do histórico da Praça “orbita” o salão de beleza e que as mulheres que fazem parte dele “revolucionam” suas próprias existências, superando a discriminação étnica, de gênero, de classe e a pouca escolarização - como Elisa, posso comparar essas mulheres à Lua.⁷² Esse astro iluminado, que fascinou e fascina a humanidade, sob o meu ponto de vista, tem seus mistérios ligados aos mistérios encontrados nas “mulheres-luas” que conheci ao longo desta caminhada.

A Lua é um satélite natural, que possui um ciclo ao redor de nosso planeta de aproximadamente 27 dias. Como seu tempo de rotação sobre si mesma, é exatamente igual ao seu período de translação em torno da Terra, vimos sempre

⁷² O termo “revolução” vem da astronomia e significa o tempo que um astro leva para completar o curso de sua órbita, um processo efetuado em relação a outro astro. (Revolução da Lua ao redor da Terra, da Terra ao redor do Sol etc.) Nos séculos XVIII e XIX, passou a ser usada pelas ciências humanas, principalmente a Sociologia, para designar uma mudança radical nas estruturas de uma sociedade em seus mais variados aspectos. Mesmo que haja controvérsia quanto a isto, prefiro “revolução” à “subversão”, pois este último me retrata subalternidade.

uma mesma face sua, porém, o máximo que vimos de sua superfície é 59% de sua dimensão total. Será puro acaso que o ciclo menstrual feminino tenha aproximadamente o mesmo intervalo? E ainda: alguns estudos antigos sobre os números dizem que 27 é igual a $2 + 7 = 9$, e o número 9 , mesmo que desconsiderado em algumas análises numerológicas, em outras significa o número da SABEDORIA e da COMPREENSÃO DO MUNDO.

Ouso dizer mais (e nessa produção tenho ousado bastante): assim como na lua original, temos visto sempre uma mesma face das “mulheres-luas”, principalmente das mulheres-luas afro-brasileiras. Como conhecer as mulheres sem conversar com elas? Sendo uma delas, como pensar sobre suas ações sem inserir-se no contexto das falas?

Elas mesmas têm declarado que são as mais discriminadas, as mais retraídas. Uma outra face de si mesma está obscurecida. Existe, mas ainda não foi percebida.

Procuro trazer, outras falas. Fruto de conversas com mulheres que freqüentaram o salão de Beleza, enquanto eu lá estava. Destaco falas da Maria Rosa, professora de Geografia na Rede Municipal e da Dona Ana, mãe e avó ...

Frente aos seus apelos para que eu gravasse esta conversa, achei oportuno trazê-las, mesmo que tragam outros elementos, para além, daqueles que propus discutir ao longo deste trabalho.

Vejamos essa breve conversa:

Rosa: [a mulher negra] é a mais retraída, é a mais discriminada, com certeza, sem sombra de dúvida...

Flávia: Isso tu pode gravá.

Rosa: Sem sombra de dúvida. Grávid... Grava isso. Pode gravar: que eu tenho certeza que a mais discriminada é a mulher negra, ainda...

Rosa declara uma percepção sobre as “mulheres negras” e também sobre si, já que é uma integrante desse grupo. Sem alongar-se na análise, diz que são as mais retraídas e discriminadas. Logo adiante, declara que isso tem a ver com situações práticas do seu cotidiano, onde percebe a discriminação. Talvez elas mesmas não enxerguem sua outra face: se já conseguem perceber e denunciar tal fato, comprovado no momento que declaram e solicitam que isso fique registrado (“pode gravá”) e, ousando em minha análise, no ato falho de dizer “grávid..” ao invés

de “grava”, estão gerando conhecimento para a superação de um condicionamento histórico e isso é revolução.

Dona Ana: A trança, o cabelo crespo, esse negócio todo é da mulher negra, mas quem quer ficar negra? Quem quer ser negra? Ninguém?

Rosa: Ninguém quer ser negra.

Nessas falas, deixam explícito que mesmo tendo aspectos da sua cultura difundidos na sociedade, em geral, ainda falta um espaço para o seu reconhecimento, sem preconceitos e discriminação. Dizem que seus achados (tranças, penteados) são explorados e, por outro lado, são excluídas desse meio. Que conclusões chegam? Talvez, ainda não tenham formulado conclusões exatas sobre isso, porém, fica expressa em suas falas uma indignação. Basta ouvi-las um pouco mais:

Dona Ana: Ah... porque se tu tá num lugar... tu chega num lugar, pode ta negros... mil brancos ali, entra uma branca ninguém olha. Entrou uma negra... não sei se chama a atenção, o que que é... porque é brabo.

O tom meio irônico e meio reivindicatório da fala é percebido, dentre outras coisas, pela frase final “é brabo”, o que parece expressar a dificuldade para suportar tal fato. Segundo a fala desta senhora, sua imagem, em determinados lugares, é enfocada negativamente. Mas, para além disso, pode-se pensar na maneira como ela mesma tem concebido o olhar das pessoas sobre si ao longo dos anos. Por certo, essas conclusões a que chegou têm um fundamento em suas próprias vivências cotidianas.

No decorrer da conversa, Rosa fundamentou a sua percepção sobre a fala inicial “a mulher negra é a mais discriminada”.

Rosa: Ah... eu digo que a mais discriminada é a mulher negra e eu tenho certeza disso, porque eu já parei para analisar. Nunca fiz pesquisa, mas eu analiso. Eu fico analisando tudo... e o homem negro, ele prefere a mulher branca e o homem branco, não casa com uma negra, dificilmente. Principalmente o branco aqui do Brasil. Então, quem fica sobrando nessa história toda é a mulher negra. Os jogadores de futebol todos casam com branca...

Dona Ana: Pode ser feio que nem um raio. E o Amaral? Que que o Amaral tem de bonito?

Se as paixões e contos sobre romances têm apresentado as mulheres, em geral, como seres passivos, que dizer das mulheres afro-brasileiras que nem aparecem nessas histórias? Sem entrar no mérito desta análise, é fundamental

perceber que nas falas dessas mulheres, aparece um conceito ou pré-conceito: homens brancos não casam com mulheres negras e homens negros, preferem mulheres brancas. A denúncia do “ritual do branqueamento” parece estar presente nesta análise. Durante o final do século XIX e início do século XX as elites brasileiras tiveram por base o determinismo biológico, que tornava as pessoas menos ou mais privilegiadas de acordo com sua cor. Por certo, ser negro significava uma degeneração e, portanto, havia uma superioridade da raça branca. Os mestiços, então, quanto mais próximos da “branquitude” melhor se constituiriam dentro da sociedade em nível de aceitação⁷³.

“Embranquecer a raça”, “melhorar a raça” eram expressões freqüentes que até hoje têm implícita ou explicitamente, sua presença. Na hierarquia da graduação das cores, quanto mais próximo do branco, mais inteligente, capaz, bom e virtuoso se tornava o povo. Por certo, tendo como origem essa conceituação histórica, as mulheres denunciavam que as uniões hoje, ainda têm esse olhar discriminatório sobre a figura da “negra”. Como dizem, mesmo sem ter feito uma pesquisa, denunciavam algo que é próprio dos estudos sobre afrodescendência no Brasil. Pareceu-me, em conversas posteriores com essas mulheres, que o mesmo não é sentido ao contrário (mulher branca casada com um homem negro).

Rosa: Tu não vê um jogador de futebol branco com uma negra. Quando eu ver isso, eu vou dizer que tá havendo igualdade. Eu vejo os negros com as brancas, mas não vejo os brancos com as negras. Nem um branco com dinheiro, casado com negra. Tu não vê...

Aline: Ontem saiu uma estatística 2,6% dos casamentos no Brasil são multirraciais.

Rosa: Mas mostraram o quê? Homem negro com mulher branca, não mostraram um homem branco com mulher negra, porque eles nem tem coragem, vamos supor, de atravessar o Calçadão, um branco de braço com uma mulher negra. Tu podes contar nos teus dedos quando tu vê na rua, tu te espantas, tu pára olhando...

Além de ratificar o que já havia dito, nesta fala, Rosa deixa uma outra denúncia: a vergonha da imagem da mulher negra. Quando revela que um homem branco não andaria na rua, no Calçadão (lugar em Rio Grande que se constituiu num centro comercial e, por isso, circulam muitas pessoas) ao lado de uma mulher

⁷³ Mesmo sem saber desta teoria, por estar intrinsecamente arraigada, minha mãe fazia questão de dizer que eu era “moreninha”

negra, parece retornar a velhos conceitos do tempo da Casa Grande. Mesmo que tenha sido taxativa em sua análise, Rosa deve buscar referências em situações que conhece cotidianamente.

Ao denunciar o ideário do branqueamento, as imagens preconceituosas que ainda sentem sobre si e o grupo a que pertencem, as mulheres vêm, se não por inteiro, mas em parte, repensando sua própria existência. Mesmo com seus fatalismos históricos, denunciam, não se calam frente a essa realidade, como há muito tempo tinham calado. Como seres inacabados e por isso viventes, essas mulheres-luas têm suas fases. Momentos de sua vida onde se revelam ou se escondem...

A partir do que fora dito, e da história das “luas”, tratarei aqui da condição fundamental da existência humana: o inacabamento e o direito de mudança. Encontro em Freire, algumas idéias que me parecem próprias para esse momento: “... o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.” (2002, p.22)

É importante lembrar que *“não existe um lado da Lua que esteja sempre no escuro”*, segundo os astrônomos *“o que existe é uma face que está sempre oculta para um observador aqui da Terra”*)

Em suas “inovações”, e aqui quero falar em novidade, as mulheres-luas estão demasiado semelhantes à original. Quando estão na trincheira, entre a percepção da dominação e a sua existência frente a si mesmas e a sociedade em que vivem, por vezes suas ações ficam invisíveis, obscurecidas, como se não existissem. Sob esse enfoque é que saliento a necessidade de uma análise profunda dos movimentos/momentos contemporâneos de mulheres existentes em Rio Grande, já que por muito tempo, não foram nem mencionados. Esses coletivos, assembléias das causas femininas, fóruns, encontros, embelezamento, mesmo eficazes e fazendo história, por vezes são imperceptíveis, para as próprias mulheres que os freqüentam.

Diabolizar a existência e as práticas femininas é comum ao longo da história e, também, durante muito tempo pensou-se haver, na Lua, algum organismo que pudesse causar contaminação. Por isso, os astronautas que foram até lá passaram por um período de quarentena. Incrível!

Também se pensava isso das mulheres-luas, bruxas do seu tempo. Durante muito tempo, elas mesmas foram consideradas organismos impuros, bruxas, seres maléficos. Mas para além de organismos “impuros” o que foi encontrado na lua? Água em forma de gelo, depositada em várias crateras, provenientes da queda de cometas. Essas mesmas fendas, marcas provocadas por períodos de perseguição, descaso ou marginalização, talvez tenham estimulado a geração de alternativas de vida nas mulheres: a água que iam buscar na Geribanda, a conversa nos coletivos que freqüentam, dentre outras formas.

A partir do século XIII, as mulheres perderam definitivamente, frente à igreja Católica, o status que possuíam. Perderam, também, o direito de freqüentar universidades e estudar. Algumas sociedades na Europa, pela tradição das grandes matriarcas na Itália e na Espanha, ainda permitiam que mulheres viessem a estudar, o que as tornava grandes agentes culturais (MURARO, 1993). Porém, ao longo da história isso lhes foi tirado. Por volta do século XIV, já era proibido na Europa que as mulheres fizessem “trabalhos masculinos” como, por exemplo, a Medicina e o Direito. Com a passagem do Feudalismo para o Capitalismo isso se agravou, com o aval total da Igreja.

Nessa época, as mulheres desempenhavam inúmeras funções relacionadas ao trato com a saúde. Eram curandeiras, parteiras, farmacêuticas e cirurgiãs, eram elas que manipulavam as ervas medicinais. Esse conhecimento passava de mãe para filha e competia, em eficácia igual e até maior, com os conhecimentos de medicina dominados pelos homens da época, que mais matava que curava as pessoas. Paracelso, o pai da medicina moderna, queimou seus escritos em 1527, por tê-los aprendido com as “bruxas”, tal era o grau de competitividade neste assunto (MURARO, 1993).

Diferente dos médicos, as mulheres não eram remuneradas por seu trabalho e até mesmo, esse conhecimento era o suficiente para que fossem mortas. Tais conhecimentos que as mulheres elaboraram, abalavam as estruturas de um determinante de supremacia masculina, questionava o poder dos homens e sendo assim, o poder central masculino exercido pelos Papas. Então, a Igreja passou a considerar tudo aquilo que saía do seu alcance, como uma prática herege e diabólica. Nesse contexto, incluíram-se as mulheres.

Milhares e milhares delas foram queimadas em praça pública e essa foi talvez, uma das poucas vezes que as mulheres tiveram um lugar central nela (85% das pessoas queimadas, por práticas de “bruxaria”, eram mulheres e, na grande maioria, pobres). Passada essa perseguição, desumana, drástica e visível, passou-se a investir em outras formas de dominação da mulher, subliminares, sutis, mas também eficazes para exclusão. Muraro (1993, p. 115) diz que:

depois da caça às bruxas, começa na maioria dos países, pouco a pouco, a ser vedado às mulheres o direito à educação, à herança [e às instâncias do poder]... E... poucas ousaram transgredir os novos estereótipos que iriam ser a base da nossa sociedade moderna, tal o medo que nelas deixava a caça às bruxas. Os romances de amor, que tinham como finalidade aparente e explícita humanizar uma cultura baseada sobre a guerra e a crueldade, a injustiça e a violência, reintegrar o feminino, a ‘gentillesse’, as boas maneiras, o respeito e a admiração pelas mulheres, na verdade tinham outro objetivo: mostrar os homens como seres dinâmicos e as mulheres como seres estáticos, quais princesas adormecidas ou cinderelas à espera do príncipe encantado. Era o homem o senhor de todas as iniciativas e de toda a criação, e a mulher, o esplêndido silêncio, o mistério, a imobilidade, a submissão, a aceitação, o acolhimento...

Esse assunto levou-me a conversar com a minha avó, mulher de 82 anos, origem portuguesa, que, por sua vivência, tem muita história para contar. Perguntei a ela o que sabia sobre a influência da lua na gravidez, sobre práticas com chás e ela foi para além disso.

Minha avó me contou que na “troca da lua” nascem os bebês e que, se a última menstruação foi na lua nova, o bebê nascerá na lua nova. Se foi na lua crescente, nascerá na lua crescente e assim por diante. Disse-me ela que é só observar as luas. Daí, também é importante saber que, se a criança nasce na lua cheia ou crescente, será bonita e gordinha. Se, ao contrário, nascer na lua nova ou minguante, será pequena, feinha e magrinha. Caí na esparrela de perguntar em qual lua eu havia nascido. Por que fui fazer isso? Minha avó me disse que tinha quase certeza do meu nascimento na lua minguante.

Se bem me lembro, minha mãe falou que realmente ela e meu pai me achavam uma criança linda, com pouco mais de 35 centímetros e 2 quilos e meio: só eles! Nasci, segundo minha avó, fraquinha e, por isso, fui para a incubadora. Influências da lua sobre mim. Ainda bem que hoje estou em outra fase!... Ela me

contou que, com alguns dias de vida, é fundamental mostrar o bebê à lua. Caso isso não seja feito, ele estará sujeito a cólicas durante vários meses. Se, por ventura, fosse esquecida ou desprezada à apresentação da criança à lua e por isso, o surgimento de males como as cólicas, entrava em jogo um outro conhecimento, bastava um chazinho de maçanilha, erva-doce ou funcho.

Nessa conversa, na cozinha de minha casa, vó Ernestina me falou que a observação da lua também era muito importante para a plantação. É bom plantar na lua nova, principalmente no mês de Setembro, pois sete luas depois chove o suficiente para que a terra fique bem irrigada. Fora deste mês, não é uma lua adequada. Lavar a terra, por exemplo, é fundamental que seja na lua crescente. E cortar os cabelos e unhas? Se não cortar os cabelos na lua crescente, eles não se desenvolvem. Da mesma forma, se cortar as unhas em outra lua que não seja esta, elas ficam “espigadas”. O corte da madeira, na época da infância e juventude da minha avó, também era associado à lua. Se não cortar a madeira na lua crescente, as árvores não “vingam mais” e a madeira cortada, fica “cheia de bichos”. Essa lua também é a “boa” para colocar os animais em cria. Terminou dizendo: *“Na campanha é assim. A lua é uma guia.”*

Pela sabedoria de minha avó, a fase crescente até chegar na cheia é a melhor para a geração da vida. Parece mister às mulheres-luas que tomem como fundamento esse conhecimento tão antigo: que vão tornando visíveis suas denúncias e anúncios, para que a vida seja gerada em si, em suas companheiras e na sociedade em que vivem.

A lua também é a responsável pelo fenômeno das marés. Água – vida - geração de vida - mulher. A força de atração da lua sobre as águas dos mares provoca essa movimentação. A lua está muito mais próxima da Terra do que o Sol. Mesmo com menor massa, é a principal responsável por esse efeito nas águas. Alguns astrônomos dizem que *a terra é o que é, por causa da lua*.

Mulheres... Oh mulheres! Mesmo que pareça que suas ações sejam tão pequenas, percebam que a sua proximidade das questões fundamentais da existência humana, como a geração da vida no seu interior, pode provocar movimentações necessárias no decurso da história.

10. A conversa termina... mas só até o próximo encontro.

Melena, Macega, Faxina, Bombril, Assolan, atributos que já ouvi sobre meu cabelo e, talvez, ainda continue a ouvi-los. Assim como eu, milhares de mulheres afro-brasileiras, mestiças, pardas, negras ou como se denominarem, podem ter tido a mesma experiência. Nem todas escreverão dissertações e articularão teorias, práticas, conversas, para compreender processos desencadeados em uma vivência tão simples e ao mesmo tempo tão complexa, porém, muitas delas, gestarão e trarão à luz, estratégias possíveis para viver melhor e superarem os condicionamentos. Estas que conheci, através da valorização da estética feminina afro-brasileira, constroem seus caminhos e, à sua moda, ou através das modas ditadas, se fazem felizes.

Conversei com mulheres sobre leituras e lembranças de escola, amalgamadas em falas descontraídas e complexas. Estive com elas, ao longo deste tempo, e ainda mais pretendo estar. Por ter sido um trabalho pensado e realizado em um salão de beleza de Cultura Afro, local de algumas de minhas maiores descobertas de vida e, enquanto pesquisadora, não consigo pensar minha ausência deste espaço. Sempre pensei em estar “com elas”, sem a arrogância de pesquisar “sobre elas”, pois afinal, estive pensando com a minha própria vivência. Estive com elas e comigo mesma.

Percebi que as mulheres, mesmo em seus diferentes contextos, ainda acreditam na escola e na possibilidade de crescimento pessoal e profissional através dela. Diria até que o segundo é mais focado. “Apostam”, na escolarização dos filhos, pois, realmente, este processo é carregado de incertezas. Não é um jogo colaborativo de “ganha-ganha”. Escolarizar-se é um jogo de “apostas” de “ganhar ou perder”, de “estar” ou “não-estar”, ou muitas vezes, de “estar”, “sem-estar”.

Mesmo sem saber se este investimento possibilitará o retorno que esperam, vale a pena não desistir, até quando puderem. A Flávia nutre sonhos a partir da escola. Sem pensar uma escola ideal ou imaginar uma escola diferente para seus filhos, ainda espera que alguns princípios como disciplina, “conteúdo forte”,

professoras exigentes, formação cultural qualificada, sejam fundantes deste espaço. Percebe que estas são exigências sociais e, dentro da suposta simplicidade que lhe pode ser atribuída, compreende que seus filhos precisam dar conta destas exigências para sobreviverem. Mesmo sem as garantias do passado, mas com a mesma credibilidade, até mesmo fé, a escola ainda é um espaço almejado e querido.

Ascestralmente, convivem com histórias que deixam visível, a quem quer ver, um desejo de liberdade e a lapidação de tesouros em plena brutalidade escravagista. Em nossa ascestralidade afro-brasileira, as mulheres do salão e eu, podemos aprender como, estrategicamente, mesmo em brechas, podemos ser felizes e realizadas apesar das pressões. Se nos forem cerceados os espaços legítimos na educação, na política... podemos construir outras vias, nas praças, nos salões de beleza, nas ruas, com nossos pares.

Michele conversou comigo e disse que não somos presas como no passado, mas não conseguiu dizer que somos plenamente livres. Declarou a falta de estudos como uma destas amarras, a necessidade de empregabilidade independentemente dos desejos mais profundos, em vários casos, nutridos desde a infância na velha pergunta: O que tu vais ser quando crescer?, como outras destas amarras.

Mesmo que convivam com sua feminilidade afro-brasileira, ainda hoje, precisando justificar sua capacidade intelectual fora do meio acadêmico e sua possibilidade de serem bonitas, para além do cabelo esvoaçante. Conservam lugares onde podem estar, aprender e ensinar. O salão de beleza, mostrou-se um lugar de múltiplas aprendizagens, de saberes construídos na não-formalidade que fazem diferença na vida das aprendizes.

A Márcia me fez pensar sobre minha infância e o quanto a indústria da beleza, ao mesmo tempo em que me rompia os bolsos até a última moeda, gerou uma momentânea satisfação. Fez-me refletir sobre longos processos de pensamento, tendo como foco, a estética. Escolarizei-me frente ao meu cabelo e ainda não recebi o diploma. Foram e são, anos de “estudos”, aprendizagens, estratégias, sonhos, partilhas, raivas e conquistas, frente a este “senhor-cabelo”.

Talvez não seja simples compreender como um espaço tão corriqueiro e comum, possa ser considerado significativo para a construção de saberes e práticas inovadoras, porém, é oportuno pensar que na cotidianidade é que as mulheres

absorvem nutrientes para suas vivências. O seu cotidiano é o salão, sua vida está ali. Sua capacidade de conhecer também está, por isso, a eficácia da convivência neste espaço para construção de saberes⁷⁴.

Afinal o que pretendem? Por certo, em seu lugar, ainda não almejam mudanças radicais nas estruturas da sociedade, mudanças de atitude frente a afro-brasilidade e o feminino. Quem sabe por isso, seu espaço é considerado ineficaz, sem nexos e até mesmo desnecessário, mas talvez, por isso mesmo, ainda continue existindo. Por estar “comendo o mingau pelas beiradas”, ainda não foi alvo de “invasões” e é oportuno dizer que, enquanto Palmares era clandestino e ainda pairava na mente opressora sem que fosse reconhecida sua importância, pôde acolher milhares... Depois que saiu da latência...

Penso em Alzira Rufino, para encerrar esta breve conversa e, através dela, articular outras possíveis conversas que ainda quero tecer.

RESISTO

de onde vem este medo?

sou

sem mistério existo

busco gestos

de parecer

atando os feitos

que me contam

grito

de onde vem

esta vergonha

sobre mim?

Eu, mulher, negra,

RESISTO.

Alzira Rufino, 1988.

⁷⁴ Mesmo para as clientes, que freqüentam o salão em dias mais específicos, o encontro é bastante intenso, pois o “pacote” possibilita, pelo menos, quatro visitas mensais.

Referências Bibliográficas:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In.: **História da vida privada no Brasil: Império – a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.11-93.

ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** 4.ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1984.

ALVES, Castro. **Os escravos**. São Paulo: Martin Claret, Coleção A obra-prima de cada autor, 2003.

ASSUMPÇÃO, Euzébio, MAESTRI, Mário (coords). **Nós, os afro-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Contrafogos 1**. Táticas para enfrentar a invasão neo-liberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **Contrafogos 2**: Por um movimento social europeu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Pesquisa participante**. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

BRITO, Angela Ernestina Cardoso de. Entre negro e branco : socialização de filhos mestiços por famílias interétnicas. In: CONCURSO NEGRO E EDUCAÇÃO, II, 2001-2003, São Paulo, SP. **Negro e Educação** : identidade negra - pesquisas sobre o negro e a educação no Brasil. São Paulo : ANPEd ; Ação Educativa, 2003. p. 185-199.

BRITO, Benilda Regina Paiva. **Mulher, negra e pobre**: a tripla discriminação. **Teoria e debate**. São Paulo, v.10, n. 36, p.19-23, out./dez.1997.

CARDOSO, Fernando H. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CASTRO, Hebe M. Mattos de. **Laços de família e direitos no final da escravidão**. In. ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org). **História da vida privada no Brasil: Império – a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.337 - 384.

CATANI, Afrânio, NOGUEIRA, Maria Alice (org.) **Pierre Bourdieu: Escritos em educação**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEL PRIORE, Mary (org). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

EGGERT, Edla. **Educação popular e teologia das margens**. São Leopoldo: Sinodal, Série teses e dissertações, v. 21, EST, 2003.

_____, MENEZES, Magali de, TIBURI, Márcia. **As Mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

ENGUITA, Mariano F. **A face oculta da escola: Educação e Trabalho no Capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESTUDOS SOBRE A LUA. Disponível em:
<<http://www.geocities.com/ResearchTriangle/Lab/6116/luca.html>> Acesso em: mar. 2004.

FISCHER, Nilton Bueno. **Cidadania e ação social: contribuições a partir da categoria "formação"**. Revista Veritas. Porto Alegre, v. 42, n.2, p.283-290, jun. 1997.

_____, FERLA A.A., FONSECA, L.S.(orgs) **Educação e Classes Populares**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 34.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GALEANO, Eduardo. **Mulheres**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

GHIGGI, Gomercindo. **A pedagogia da autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação**. Pelotas: Seiva, 2002.

_____. A cultura da investigação científica: dos modelos dogmáticos à importância política e epistemológica da proposta dialógica de Paulo Freire. In.:

ANDREOLA, Balduino (et. al.). **Educação, cultura e resistência: uma abordagem terceiromundista**. Santa Maria: Editora Pallotti/ITEPA/EST, 2002.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **História da Educação**. 2.ed.rev., São Paulo: Cortez, Coleção Magistério 2º Grau, Série Formação do professor, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In.: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun., 2003.

GONÇALVES, Jussemar Weiss. O público estatal, a escola e o povo na modernidade brasileira. In.: **Cadernos de Educação** [da] Universidade Federal de Pelotas, ano 9, n.15, p. 69-80, jul/dez. 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

IANNI, Octavio. **Escravidão e Racismo**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1978.

KONDER, Leandro. **Flora Tristan**: uma vida de mulher, uma paixão socialista. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In. LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). **Corpo Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p.41-52.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Mulheres na sala de aula. In.: DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000. p.443-481.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: Movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MENDONÇA, Maisa, WERNECK, Jurema, WHITE, Evelyn C. (orgs) **O Livro da Saúde das Mulheres Negras**: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas, Criola, 2000.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: teoria e prática. In.: LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). **Corpo Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p.9-27.

MOSSÉ, Claude. **Atenas**: a história de uma democracia. 2.ed. Brasília: Ed. da UnB, 1982.

MURARO, Rose Marie. **A Mulher no Terceiro Milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993.

_____, PUPPIN, Andréa Brandão. **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição Fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. Rio de Janeiro: Editora 34, n.1 a 10, dez.1948/jul.1950.

O QUE É REVOLUÇÃO? Disponível em:
<<http://www.culturasampa.blogger.com.br/>> Acesso em mar. 2004.

PLANETÁRIO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em:
<<http://www.ufrgs.br/planetario>> Acesso em mar. 2004.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, v.3, n.2, jul-dez, 1995. Disponível em:
<http://www.portalfeminista.org.br/REF/PDF/v3n2/Ribeiro2> Acesso em fev. 2005.

RUFINO, Alzira. **Eu, mulher negra, resisto**. Santos: CCMN, 1988.

SABAT, Ruth. Gênero e Sexualidade para consumo. In.: LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). **Corpo Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p.149-159.

SAFO: a Vênus de Lesbos. Disponível em:
<<http://www.starnews2001.com.br/safo.html>> Acesso em mar. 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22.ed. São Paulo, Cortez, 2002.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves e. “Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas” – situando-nos enquanto mulheres e negras. In.: **CADERNOS CEDES**. Histórias de Mulheres e Práticas de Leitura. Campinas: Unicamp, v. 19, n. 45, jul.1998.

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ZANOTELLI, Jandir, ZANOTELLI, Ruth Ávila, DELLA VECHIA, Agostinho. **Rio Grande do Sul: Arquétipos Culturais e Desenvolvimento Social**. Pelotas: EDUCAT, 2003.

Apêndice

APÊNDICE A – Diário de Campo Digital

Para a pesquisa: 1ª observação no Salão da Flávia - 08.11.03 (sábado)

É bom chegar no lugar onde elas estão. Alegres e sorridentes, viram-se de um lado a outro do salão para que todas sejam atendidas.

Ao chegar, encontrei a Flávia remexendo em uma grande sacola cheia de *lingeries* as quais catalogava para prosseguir com a venda. Uma forma de aumentar seus lucros. Após um tempo no salão, os assuntos começaram a florescer. Num primeiro momento, conversamos bastante sobre a pesquisa e sobre o meu olhar ali. Demonstravam-se orgulhosas a cada colocação, diziam estar ficando famosas, pois seus “domínios” estavam chegando a Pelotas e ainda mais, dentro da Universidade. Sorriam e declaravam o quanto estavam felizes por este fato.

Uma cliente que chegou depois de mim, conversava sobre a mudança que sofreu depois de ter freqüentado o salão. Literalmente falou sobre o “milagre da chapinha”. Disse que agora estava “se arrumando mais”, se cuidando mais, enfim... disse que seu companheiro agora a chamava de “Iracema dos lábios de mel”. Engraçado... da mudança de negra para indígena, basta um cabelo liso. Proximidades da história... quem sabe o histórico de exclusão e superação nos una tanto que torne nossos fenótipos tão semelhantes. Miscigenação.

O mais interessante, neste dia, foi o fato de que experimentei por alguns momentos a sensação de exercer o ofício. Michele, meio sem jeito, pediu-me que eu lavasse o seu cabelo. Ela mesma falou que não sabia se eu aceitaria a função, mesmo que por momentos. Foi demais. Ela ia explicando passo a passo: a quantidade de xampu, as vezes que deveria repetir o processo, a quantidade de creme condicionar, a maneira de ligar e desligar o chuveiro (até para isso tem um segredo).

Momentos depois, foi interessante ouvir a Michele falar sobre parte da sua vida escolar (Michele conta muitas histórias). Disse ela ter sido uma boa aluna, sempre estudiosa e com notas altas. Falou que seus irmãos já eram diferentes e que ela não conseguia ensiná-los, pois eles não deixavam, ou eram “burros” e ela perdia a paciência. Contou que uma professora foi marcante em sua vida. Era sua professora de Psicologia, quando ela freqüentava o segundo grau. Disse que essa professora era bastante amiga da turma, porém exigia a atenção de todos e tinha também, atenção sobre todos. Num dia de aula, Michele disse sentir-se muito mal e a professora perguntou se ela poderia ficar no recreio conversando com ela. Michele falou que não sabe como a professora sabia do problema que ela tinha. Conversaram durante algum tempo e Michele disse sentir-se bem melhor do que quando chegou à aula.

Algum tempo depois, Michele precisou deixar a escola. Sua mãe havia falecido e a situação em casa estava bastante difícil, precisando trabalhar. Na mesma época, Michele começou a trabalhar como babá de uma menina. Disse que precisava ludibriar a criança para dar-lhe comida, mas foi bem sucedida na função. Falou que a mãe da criança queria ter alguém 24 horas com a menina para não precisar responsabilizar-se por ela. Segundo Michele: “Ela não tinha paciência com a guria.” Ela deixou o emprego porque a patroa queria que ela trabalhasse aos domingos, mas ela não podia, pois tinha suas duas filhas. Durante a semana havia quem a cuidasse, mas aos domingos não.

Sem querer parecer linear, mas... já ouviu a história das amas-de-leite?

Claro que outras coisas aconteceram neste dia... no salão acontecem muitas coisas... sempre.

Anexos

ANEXO A – Michele (Foto 1), Flávia (Foto 2) e Márcia (Foto 3)